

CLÁUDIA ANTÔNIA DA SILVA ALMEIDA VALE

**SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:
DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS NAS PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS E
DA ESCOLA**

**Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Economia Doméstica, para
obtenção do título de *Magister Scientiae*.**

**VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2015**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

V149s
2015
Vale, Cláudia Antonia da Silva Almeida, 1968-
Significados e implicações da violência escolar :
dissonâncias e consonâncias nas percepções das famílias e da
escola / Cláudia Antonia da Silva Almeida Vale. – Viçosa, MG,
2015.

x, 130f. : il. ; 29 cm.

Orientador: Maria das Dôres Saraiva de Loreto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Inclui bibliografia.

1. Violência na escola. 2. Ambiente escolar. 3. Estudantes -
Conduta. 4. Estudantes - Relações com a família. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica.
Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 371.78

CLÁUDIA ANTÔNIA DA SILVA ALMEIDA VALE

**SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:
DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS NAS PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS E
DA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 23 de março de 2015.

Frederico Assis Cardoso

Karla Maria Damiano Teixeira

Maria das Dôres Saraiva de Loreto
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que com seu amor e zelo me conduziu até aqui.

A mãe de Deus, Nossa Senhora, que sempre me trouxe no colo nos momentos mais difíceis.

A toda natureza que conspira com sua energia ao meu favor.

A minha orientadora, Professora Maria da Dores, por oportunizar desenvolver com ela este trabalho. Obrigada pela confiança, carinho e atenção a mim dispensados.

A minha coorientadora Wânia Maria Guimarães Lacerda, por ter aceitado com carinho o meu convite.

A Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realizar um sonho, fazer um mestrado com excelência;

A Secretaria de Estado e Educação de Minas Gerais que me liberou parcialmente das atividades laborativas para que eu pudesse dedicar aos estudos necessários para a conclusão do trabalho

Aos profissionais da escola, as famílias e alunos que aceitaram participar da pesquisa e contribuíram de forma gratuita e generosa com o trabalho.

Ao meu marido José Cláudio e minhas filhas Caroline e Camile pela contribuição na conferência de dados, leituras e opiniões, além do amor e carinho mostrado nas falas de apoio e incentivo para eu continuar sempre seguindo.

Ao meu neto Miguel por me proporcionar momentos de descontração em dias nada fáceis.

Aos professores do Departamento de Economia Doméstica (DED) da UFV.

A todos os meus colegas do Mestrado, que tive o prazer de conhecer e compartilharam comigo horas de alegria, preocupação e vitórias.

Aos funcionários do DED, que sempre me atenderam com muita presteza e atenção.

Aos colegas de trabalho na SR.E e das escolas que sempre me incentivaram e preocuparam comigo, desejando sempre o meu melhor.

Para não correr o risco de esquecer ninguém. Agradeço a todos que de forma direta ou indireta, colaboraram para a realização deste trabalho.

BIOGRAFIA

Cláudia Antônia da Silva Almeida Vale, filha de Rozalina Donata da Silva Almeida e Saturnino Raimundo Almeida, nasceu em 13 de junho de 1968, em Muriaé, Minas Gerais.

Graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Marcelina, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, Especialista em Adolescência, Relações Gênero e Educação Sexual pelo Centro Universitário Newton Paiva, Analista Educacional da Secretaria de Estado e Educação de Minas Gerais, atuando na Superintendência Regional de Ensino de Muriaé na área pedagógica.

Em março de 2013 ingressou no Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado, em Economia Doméstica, da UFV, submetendo-se à defesa da Dissertação em 23 de março de 2015.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE QUADRO	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	X
1 APRESENTANDO A TEMÁTICA DE ESTUDO	1
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E SUA JUSTIFICATIVA	3
3 OBJETIVOS	5
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	7
4.1 Caracterizações da pesquisa	7
4.2 Local de estudo	9
4.3 População e amostra	10
4.4 Instrumento de coleta de dados	12
4.5 Categorias e variáveis de análise	13
5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14
ARTIGO 1 – A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA QUESTÃO DE FALTA DE EDUCAÇÃO?	
RESUMO	17
ABSTRACT	18
1 INTRODUÇÃO	19
2 OBJETIVO	22
3 METODOLOGIA	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ARTIGO 2 – VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NA ESCOLA: ONDE COMEÇA, ONDE TERMINA	
RESUMO	38
ABSTRACT	39
1 INTRODUÇÃO	40
2 REVISÃO DA LITERATURA	41
2.1 Violência uma velha conhecida da escola	41
2.2 Violência e Indisciplina: Uma distinção necessária	44
2.2.1 Conceituação e classificação da indisciplina	44
2.2.2 Conceituação e classificação da violência	47
3 A relação escola/violência e suas implicações	50
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ARTIGO 3 – INTERFACES ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA, COMUNIDADE E VIOLÊNCIA.	
RESUMO	66
ABSTRACT	67
1 INTRODUÇÃO	68

2	REVISÃO DE LITERATURA	68
2.1	Violências nas escolas e seus determinantes	68
2.2	O contexto social e institucional da violência	72
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	74
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	76
4.1	A violência nas escolas do Município	76
4.2	Caracterização do entorno da escola estudada	82
4.3	Caracterização do perfil socioeconômico e social das famílias	84
4.4	Percepção das Famílias sobre a vulnerabilidade do Espaço Relacional	84
4.5	Caracterização do espaço físico e pedagógico da escola	87
4.6	Perfil socioeconômico e social dos alunos com comportamento violento	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
	ARTIGO 4 - VIOLÊNCIA ESCOLAR: AS DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS, NA PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
	RESUMO	99
	ABSTRACT	100
1	INTRODUÇÃO	101
2	REVISÃO DE LITERATURA	102
2.1	Aspectos Teórico conceituais sobre Família	102
2.2	Família e as mudanças no contexto histórico, social e cultural	106
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	109
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	110
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS - A Organização Mundial da Saúde
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira
SIMADE- Sistema Mineiro de Administração Escolar
IBGE – Instituto Brasileira de Geografia
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
IDH –Índice de Desenvolvimento Humano
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PROED - Programa Educacional de Resistência a Droga
JCC - Jovens Construindo a Cidadania
FUNABEM - Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
INE - o Instituto Nacional de Estatística de Portugal
BO – Boletim de ocorrência policial
CADÚnico - Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal
CRAS- Centro de Referência da Assistência Social
BPC - Benefício de Prestação Continuada
LOAS –Lei Orgânica de Assistência Social
PNAS - Política Nacional de Assistência Social

LISTA DE FIGURA

Figura 01 – Comportamentos que geram a violência no ambiente escolar. Muriaé, MG, 2013.

Figura 02 – Concepções sobre o significado de Violência, Muriaé, MG, 2014.

Figura 03 – Motivos para a ocorrência da violência na escola, Muriaé, MG, 2014

Figura04 – Sugestões para a redução da violência escolar. Muriaé, MG, 2014

Figura 05 – Tipos de violência identificados pelos alunos, Muriaé/MG, 2014

Figura 06 – Tipos de atos de violência mais frequentes, na visão dos professores, Muriaé/MG, 2014

Figura 07: Local frequente da violência, na visão dos alunos, Muriaé/MG, 2014.

Figura 08: Comparativo de ocorrências policiais das escolas pesquisadas, Muriaé/MG.2014

Figura 09: caracterização da vulnerabilidade social das unidades familiares pesquisadas, Muriaé/MG,2014.

Figura 10: Perfil socioeconômico dos alunos com comportamento violento e indisciplinar na escola, Muriaé/MG, 2014.

Figura 11:Tipo de violência na escola na visão do aluno, Muriaé,2014.

Figura 12: Tipo de violência sofrido na escola, Muriaé, 2014.

Figura 13: Família como Ecosistema Humano

Figura 14:Significados de violência escolar, na visão das famílias, Muriaé/MG, 2014.

Figura 15: Significados de violência escolar, na visão da escola, Muriaé/MG, 2014.

Figura 16: Implicações da violência escolar, segundo a família, Muriaé/MG, 2014.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Tipos de violência, conforme descrição de Charlot, Muriaé/MG, 2014.

Quadro 02- Manifestações da violência escolar, conforme Charlot, Muriaé/MG, 2014.

Quadro 03- Ocorrências policiais registradas nas escolas, Muriaé/MG,2014.

Quadro 04. Tipos de violência, segundo registros do livro de ocorrências da escola pesquisada. Muriaé/Mg, 2014.

Quadro 04. Tipos de violência, segundo registros do livro de ocorrências da escola pesquisada. Muriaé/Mg, 2014.

RESUMO

VALE, Cláudia Antônia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, março de 2015. **Significados e Implicações da Violência Escolar: Dissonância e Consonâncias nas Percepções das Famílias e da Escola.** Orientadora: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Coorientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda.

A violência escolar vem sendo muito discutida atualmente, cada dia mais vem modificando suas formas no ambiente escolar. Diversos são os fatores externos e internos que contribuem para que a violência e indisciplina se façam presentes no cotidiano escolar, prejudicando a aprendizagem dos alunos, e gerando um clima de insegurança e estresse para os profissionais das escolas. O objetivo deste estudo foi analisar e refletir sobre a temática violência e indisciplina escolar, por meio da percepção das famílias e da escola, considerando seus motivos, significados, implicações. A metodologia utilizada neste estudo baseou-se em diferentes técnicas de coleta de dados, como: revisão de literatura sobre o tema; levantamento de ocorrências policiais e na escola; redação dos alunos sobre significados de violência escolar; pesquisa sobre o perfil pessoal e familiar dos alunos; análise do espaço físico e pedagógico da escola e suas inter-relações com a violência escolar; além de entrevistas com os profissionais da escola, alunos e famílias de alunos que repetitivamente cometem atos de violência ou indisciplina na escola, visando examinar os aspectos consonantes e dissonantes da violência escolar. O referencial conceitual de suporte para as discussões sobre violência escolar foram os apresentados pelos pesquisadores Bernard Charlot, Eric Debarbieux, Myriam Abramovay, Cléo Fante e Camacho. A análise do conteúdo foi feita de acordo com a metodologia proposta por Laurence Bardin, além da estatística descritiva simples. Os resultados evidenciam que os alunos admitem que produzem violência e indisciplina, assim como sofrem violência na escola. As famílias não se veem como produtora da violência escolar e não têm conhecimento das suas implicações na vida de seus filhos. Os profissionais apontaram diferentes tipos e causas da violência escolar, não considerando a escola como uma possível reprodutora deste fenômeno, transferindo a origem do problema exclusivamente para a família e o meio onde os alunos vivem.

ABSTRACT

VALE, Cláudia Antônia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, March, 2015. **Meanings and Implications of School Violence: dissonance and consonance in Perceptions of Families and the School.** Advisor: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Co-Advisor: Wânia Maria Guimarães Lacerda.

External and internal factors contribute to violence and indiscipline in school life, affecting student's learning, creating a climate of insecurity and stress at school. The aim of the study was to analyze and ponder on violence and indiscipline, through the perception of the families and the school, considering their motives, meanings, implications. The methodology used was based on the literature review on the subject; survey of police incidents at school; writing of students about meanings of school violence; documentary research on the student's personal profile and their families, physical and educational space of the school and its interrelations with school violence; and interviews with school staff, with students in general and with the families of students who repeatedly commit acts of violence or indiscipline in schools, in order to examine the consonant and dissonant aspects of school violence. The studies of Bernard Charlot, Eric Debarbieux, Myriam Abramovay, Cleo Fante and Luiza Camacho were used as theoretical support. Data analysis was performed according to the methodology proposed by Bardin, added to a simple descriptive statistics. The results show that students admit that they produce violence and indiscipline, and they also suffer violence at school. Families do not consider themselves as school violence producers and they are unaware about its implications for the lives of their children. Professionals pointed out different types and causes of school violence, not considering the school as a possible breeder of this phenomenon, transferring the source of the problem exclusively for the family and the environment in which students live

1. APRESENTANDO A TEMÁTICA DE ESTUDO

Esta pesquisa, buscou apreender por meio da percepção, as implicações e significados do fenômeno da violência escolar para a família e a escola.

Para a realização deste estudo adotou-se uma concepção abrangente de violência, que incorpora não só a ideia de agressões físicas ou verbais, mas também compreende as dimensões socioculturais e simbólicas do fenômeno em questão. Nesse sentido, Abramovay (2002), destaca que a violência dentro da escola não deve ser vista simplesmente como uma modalidade de violência juvenil, pois sua ocorrência expressa a intersecção de três grupos de variáveis independentes: o institucional (família e escola), o social (origem sócio espacial, sexo, cor, emprego religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões).

Sobre a definição de violência escolar parece não existir um consenso entre os pesquisadores devido as suas múltiplas formas de expressão. Para Abramovay (2005) por se tratar de um conceito dinâmico e mutável, é preciso ter cautela pois, as mudanças na sociedade possibilitam as transformações nas representações, significados e dimensões deste conceito. “A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais”. (ABRAMOVAY, 2005, p. 53).

As diversas formas de classificação da violência permitem uma categorização do problema e maior clareza dos tipos que se manifestam na escola. Esta percepção é fundamental para o processo de intervenção, fazendo-se necessário um discernimento entre indisciplina e violência escolar.

Considera-se que a violência exercida dentro da escola é de mão dupla, não sendo exercida somente por parte dos alunos, sendo também expressa nas formas de ensinar, regras, normas estabelecidas e na condução do seu projeto político e pedagógico.

A cultura escolar, muitas vezes, se baseia em uma violência de cunho institucional, a qual se fundamenta na inadequação de diversos aspectos que constituem o cotidiano da escola – como o sistema de normas e regras muitas vezes autoritárias; as formas de convivência; o projeto político pedagógico; os recursos didáticos disponíveis e a qualidade da educação – em relação às características, expectativas

e demandas dos alunos, o que gera uma tensão no relacionamento entre os atores sociais que convivem na escola.(ABRAMOVAY, 2005, p.72)

É importante ressaltar que o interesse pela temática “violência escolar” nasceu frente às situações vivenciadas no cotidiano da escola, durante o exercício da minha profissão de analista educacional / apoio pedagógico. Assim o trabalho também expressa o desejo de aprofundar como a escola e as famílias percebem os fatores e consequências deste fenômeno no cotidiano escolar.

Pressupõe-se que nas relações estabelecidas entre escola e família existe um desmerecimento por parte da escola em relação às famílias, por acreditar que esta é omissa e falha na formação de seus filhos.

Segundo Nascimento e Cunha (2008, p.13) “a questão financeira torna-se o principal motivo para a desqualificação da família pobre e a produção de uma subjetividade que diz serem elas incompetentes para o cuidado dos filhos”. Ou seja, acredita-se que a classe social dos alunos e o espaço de convivência podem colaborar para um comportamento desajustado e violento nas relações estabelecidas na escola.

Além disso, a intensificação dos atos de violência escolar tem acarretado a desmotivação dos educadores, comprometendo a qualidade do ensino. Silva e Campos (2014) pontua que os impactos causados pela violência escolar na profissão do professor refletem em um pior rendimento do seu fazer pedagógico, afetam o ambiente da sala de aula o que repercute na aprendizagem dos alunos, atrasam o planejamento do professor e causam um desgaste físico e emocional.

Sendo assim, considera-se que novas relações de parceria e convivência entre escola e família são necessárias, para que a escola cumpra o seu papel social enquanto instância de formação, informação e socialização dos indivíduos.

Para tanto, foi escolhida uma escola pública estadual do município de Muriaé, localizado na zona da Mata Mineira, para realização de um estudo de caso, que serviu como instrumento para compreensão das vivências e papéis exercidos dentro e fora da escola, que favorecem ou não o surgimento da violência. Neste contexto, objetivou-se analisar os significados e implicações da

violência escolar na percepção das famílias e da escola, buscando identificar os pontos de dissonâncias e consonâncias.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E SUA JUSTIFICATIVA

A pesquisa em questão, centrou-se no estudo da violência escolar que vem ocorrendo atualmente nos estabelecimentos de ensino, e que teve diversificado e intensificado as suas formas de manifestação, de percepção e de abordagem.

Pelas divulgações de pesquisas e pelos meios de comunicação compreende-se que a violência não pode ser considerada como algo natural, a partir do momento que este comportamento vem ligado a sentimentos de dor, vingança, ódio, racismo, preconceitos e intolerância. Também tem-se o lado da criminalidade que se expressa através dos crimes hediondos.

A violência que tem se expressado em nosso cotidiano vai se refinando e tomando diversas formas, cada qual com uma especificidade, dependendo da vítima e da situação. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) classifica a violência em três amplas categorias, de acordo com as características que a envolvem: autodirigida, quando o próprio indivíduo exerce sobre ele mesmo a violência; a violência interpessoal, quando uma pessoa ou um grupo pequeno exerce a violência e a violência coletiva, que é a exercida por grupos maiores, como político, estado, milícia e terroristas.

As evidências empíricas demonstram que são os jovens e adolescentes a maioria das vítimas, como também os praticantes dos delitos. Dados do relatório sobre o mapa da violência no Brasil apontam que na população não jovens de 0 a 14 e de 25 e mais anos, 9,9% do total de óbitos são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, entre 15 a 24 anos, as causas externas são responsáveis por 73,6% das mortes. Entre os jovens a taxa de óbito por homicídios é de 39,7%, enquanto na população não jovem é de somente 1,8%. (WAISELFISZ,2011, p.18)

Dentre as características dessa população, grande parte tem tido acesso à educação, pois com o processo de democratização do ensino, a grande maioria dos alunos encontra-se matriculada nas escolas públicas brasileiras. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio

Teixeira (INEP, 2014), dos 35,8 milhões de alunos do ensino fundamental, 32,4 milhões (90,5%) estudam em escolas públicas e apenas 3,4 milhões (9,5%) em escolas particulares. No ensino médio, dos 6,9 milhões de alunos existentes, 82,4% estão nas escolas públicas.

Para Spósito (2001), as características que acompanharam o processo de transição democrática são aliadas, também, do processo de abertura das oportunidades escolares, que absorveu um grande número de estudantes vindos das camadas mais pobres da sociedade, sobretudo no ensino fundamental, refletindo sobre o crescimento do aumento da matrícula no ensino médio. Estabelece-se uma nova configuração do espaço escolar, por meio da convivência ocasionada pela diversidade social, cultural e econômica dos seus sujeitos. E, como não deixaria de acontecer, a escola como uma instituição de socialização, reflete em seu interior a violência externa, uma vez que estes jovens vivem e convivem em um mesmo espaço.

A supracitada autora considera que, a partir dos anos 1990, ocorreram mudanças nos tipos de violência nas escolas públicas envolvendo agora não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais, tornando cada vez mais natural os comportamentos agressivos entre professores e alunos. Aponta para a importância de que os estudos sobre violência escolar estejam articulados com o tema da violência social, buscando compreender as conexões entre os diferentes fenômenos presentes nessa situação.

Segundo Bruschini (1997), o ambiente escolar é dinâmico, vivo e reprodutor das situações do cotidiano dos alunos, lá se encontram tribos, grupos, indivíduos de várias classes sociais que se constituem de valores, hábitos e costumes que em grande parte vem de seu grupo familiar. Assim, “a origem dos pressupostos ideológicos se encontra na casa, na transmissão de hábitos, costumes, ideias, valores, das pessoas ou de um grupo”, compondo um mosaico de encontros e desencontros. (BRUSCHINI,1997, p.60)

A escola muitas das vezes não reconhece a relação do comportamento violento dos alunos com os fatores históricos, sociais e econômicos das famílias, estes são vistos como oriundos de família desestruturada, sendo punidos com graus cada vez maiores de exclusão do processo escolar.

Ou seja, existe uma percepção negativa dos professores, alunos e corpo técnico sobre a família, apontando-a como um dos fatores responsáveis pelo problema. Marini e Mello (2000) discutem a respeito, destacando:

A relação família-escola é, hoje, tema em destaque na discussão sobre a garantia do sucesso dos alunos na escola. Frequentemente ouve-se dos professores que o apoio da família é essencial para o bom desempenho do aluno, porém, muitas vezes essa expectativa de ajuda torna-se fator de acusação, atribuindo-se à família toda a responsabilidade pelo mau desempenho escolar da criança. Quando se tratam de crianças provenientes de classes populares – maioria da população que sofre o chamado fracasso escolar – há de se reconhecer que um modelo de família e de relacionamento entre pais e filhos é tomado como parâmetro. (MARINI E MELLO, 2000, p.1)

Segundo Sastre (2015), o aluno que sofre as consequências da vida na família e ainda enfrenta a falta de preparo da sua escola (dupla violência) não deixará de manifestar uma resposta violenta. Sendo assim, se faz necessário o conhecimento e entendimento de como ocorre esse fenômeno no espaço escolar, os conflitos causadores e o papel das partes envolvidas.

Nesse contexto o estudo em questão buscou responder aos seguintes questionamentos: Qual é o cenário da violência escolar no Município de Muriaé / MG? Qual é a realidade estrutural e comunitária da escola, cujo ambiente é visto como violento? Quais os tipos de violência predominantes? Quais são as percepções dos membros da escola e das famílias dos alunos, considerando seus significados e implicações? Existe relação entre a estrutura familiar e seu espaço relacional com os atos de violência cometidos por seus filhos no ambiente escolar?

Consciente da amplitude do tema aqui abordado e sem a pretensão de esgotar o debate, espera-se que o conhecimento gerado pela pesquisa possa contribuir para ressignificar a relação família e escola, assim como possibilitar subsídios para a criação de políticas públicas e medidas educacionais que visem combater a violência e melhorar as relações escola e família, com intuito de oferecer uma educação de qualidade.

3. OBJETIVOS

Diante do contexto apresentado, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar os significados e implicações da violência escolar na percepção das famílias e da escola, buscando identificar seus pontos dissonâncias e consonâncias.

Especificamente com essa investigação, pretendeu-se:

- Examinar o significado e motivos da violência escolar;
- Comparar as percepções de alunos e professores sobre violência e indisciplina escolar;
- Identificar o perfil pessoal e familiar do aluno com comportamento violento, examinando se há relação entre o ambiente familiar, comunitário e escolar com os atos de violência cometidos pelos adolescentes e jovens na escola.
- Analisar e comparar as dissonâncias e consonâncias das famílias e da escola sobre os motivos, significados e implicações da violência escolar;

A partir desses objetivos específicos e do percurso metodológico da pesquisa foram estruturados os artigos da dissertação, assim delimitados:

O primeiro artigo intitulado “A Violência nas escolas: Uma Questão de Falta de Educação?”, analisa as percepções dos alunos sobre o fenômeno da violência, examinando seu significado, formas e motivos de ocorrência no ambiente escolar, bem como sugestões para sua redução.

O segundo artigo “Violência e Indisciplina na Escola: Onde Começa, Onde Termina?” compara as percepções dos alunos e professores sobre a violência e indisciplina, identificando seus tipos no âmbito escolar.

O terceiro artigo, denominado “Interfaces entre Família, Escola, Comunidade e Violência”, buscou caracterizar o perfil socioeconômico pessoal e familiar dos alunos com comportamento violento e indisciplinado, examinando se há relação entre o ambiente familiar, comunitário e escolar com os atos de violência cometido por estes no ambiente escolar.

O quarto artigo “Violência Escolar: As Dissonâncias e Consonâncias, na Percepção da Família e da Escola”, analisa e compara as dissonâncias e consonâncias das famílias e da escola sobre os motivos, significados e implicações da violência escolar.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterizações da Pesquisa

Nesta pesquisa, o fenômeno da violência escolar foi analisado por meio de uma abordagem qualitativa, que responde segundo Minayo (2001) a questões muito particulares nas Ciências Sociais, que são difíceis de serem quantificadas; ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, das crenças, dos valores dos motivos, das aspirações e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia não só por agir, mas por pensar sobre este agir e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivenciada e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2001)

Para Goldenberg (2004), um dos problemas principais na pesquisa qualitativa consiste na possível contaminação dos seus resultados em função da personalidade do seu pesquisador e seus valores. Para a autora, o pesquisador interfere nas respostas dadas pelo indivíduo ou pelo grupo que pesquisa. O controle se dá pela consciência que sua presença afeta os indivíduos e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa. Lembra, também, que a omissão de dados pode ser tão significativa quanto os depoimentos.

O referencial conceitual de suporte para as discussões sobre violência teve como base os trabalhos apresentados pelos pesquisadores Bernard Charlot, Eric Debarbieux e Miriam Abramovay. Esses autores, para efeito de distinção das condutas criminosas ou delinquentes, denominam as pequenas violências ou as pequenas agressões do cotidiano que se repetem sem parar, bem como a transgressão dos códigos de boas maneiras ou da ordem estabelecida, de incivildades. Recorreu-se também à contribuição do pensamento de Cléo Fante e Camacho sobre a temática em questão.

Em termos do referencial teórico, fez-se uso da perspectiva da teoria histórico-crítica, apresentada por Azevedo e Guerra (1997), no livro “Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento”. Segundo Azevedo (1997, p. 28):

A teoria crítica, enquanto processo organizado de esclarecimento e emancipação exige necessariamente a crítica das representações

que os agentes de uma dada sociedade mantêm acerca da realidade social. Essa crítica deve ser desmistificadora, isto é, deve desvendar as raízes sociais da consciência que os agentes têm da realidade social, consciência essa que pode ser dita ingênua (porque aceita não reflexivamente) e ideológica (porque falsa na medida em que mascara os verdadeiros interesses a que responde).

Destaca-se, como afirma Minayo (2001), que nenhuma teoria, por mais bem elaborada, por si só não dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Os motivos são vários: primeiramente porque a realidade não se apresenta transparente, é sempre mais rica e complexa do que nosso olhar e saber limitado; segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por interrogar sobre tudo, e, sim quando recorta determinado aspecto importante da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade.

Metodologicamente, foi feito uso do estudo de caso, que constitui um método de pesquisa para análise da realidade social de grande importância para o desenvolvimento das ciências sociais. Segundo Gil (2010), este método consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Segundo o mesmo autor nas Ciências Sociais o estudo de caso, pode ser utilizado com diferentes propósitos, como:

Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos;(Gil,2010, p.38)

Em função dos seus objetivos é uma pesquisa exploratória e descritiva, uma vez que através da exploração busca conhecer a situação problema para obter informações suficientes para sua compreensão. Conforme explica Vieira (2002, p.65), a “pesquisa exploratória é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão e identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem”.

Já o caráter descritivo consiste no que apresenta Vieira (2002), quando escreve que a pesquisa descritiva tem como objetivo conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir para transformá-la. Buscando descobrir e observar fenômenos, descrevendo-os, classificando-os e interpretando-os. Enfim, busca-

se, no final, um estudo descritivo rico e denso que possibilite a compreensão do fenômeno da violência escolar.

4.2 Local de Estudo

O estudo foi realizado no município de Muriaé, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais. Muriaé é uma das cidades-polo da região, com área territorial de 841.693 km² e população estimada em 105.861 habitantes (BRASIL,2013).

Tem suas atividades econômicas voltadas principalmente à indústria de confecções e à produção agropecuária, especialmente leiteira. O turismo também merece destaque, principalmente em áreas de preservação ambiental e em parques naturais.

O município possui mais de 60 bairros e é responsável pela administração de sete distritos - Belizário, Boa Família, Bom Jesus da Cachoeira, Itamuri, Macuco, Pirapanema e Vermelho, além de diversas comunidades rurais (Pref. Municipal, 2014)

Muriaé conta com a Superintendência Regional de Ensino que coordena 38 escolas estaduais na sua jurisdição. Destas, 22 estão localizadas no município e 16 nos municípios vizinhos (SIMADE, 2014)

De acordo com o Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE, 2014), estão matriculados e enturmados 2029 alunos nas turmas do 1º ao 5º ano, 3519 alunos nas turmas do 6º ao 9º ano, totalizando 5548 alunos matriculados no ensino fundamental. Nas turmas de 1º ao 3º ano do ensino médio regular encontram-se 2.845 alunos, totalizando 8393 alunos matriculados e enturmados nas escolas estaduais do município de Muriaé.

Segundo levantamento realizado pelo governo do Estado de Minas Gerais, no ano de 2011 (MINAS GERAIS, 2015), constatou-se um alto nível de crimes e atos de violência entre jovens, no município de Muriaé, que ocupa uma posição de destaque em Minas Gerais em relação à violência escolar, sendo colocado na 23ª posição entre as 29 cidades com mais de 100 mil habitantes do estado, com maior número de registros em boletins de ocorrências policiais feitos pelas escolas.

Para o aprofundamento do tema em questão, o presente estudo foi realizado em uma escola estadual, localizada em um distrito do município de Muriaé, que oferece o ensino fundamental e o ensino médio. A escolha da referida escola deve-se ao fato de que são registradas com frequência ocorrências em livro e boletins policiais sobre comportamentos violentos. Buscou-se refletir sobre os fatores internos e externos determinantes da violência e como estes se articulam em casos concretos, em função das realidades das famílias e seus ambientes de convivência.

4.3 População e Amostra

Especificamente, com respeito à escola pesquisada, o universo populacional total foi composto por 431 alunos, compreendendo 124 alunos nos anos iniciais, 190 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 93 alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. Existiam 22 professores regente de aulas, 02 professores no uso da biblioteca, 01 professor na sala recurso, 01 professor de tempo integral, 02 supervisores pedagógicos, 02 vice-diretores, 01 diretor escolar.

A população alvo da pesquisa foi composta por 190 adolescentes entrando na juventude, com idade entre 12 aos 17 anos, com algumas exceções para mais ou para menos, nos casos de alunos atrasados ou adiantados para sua série, matriculados do 6º ao 9º ano do ensino fundamental na escola. A escolha por estes alunos deve-se ao fato de que, segundo os professores, é nessas séries que incidem os maiores problemas de indisciplina e violência.

Para satisfazer os objetivos propostos, deste público alvo da pesquisa o número de entrevistados foi escolhido por meio do cálculo amostral para população finita, de acordo com Triola (2013), como descrito a seguir

$$n = \frac{N \cdot \sigma^2 \cdot (Z\alpha/2)^2}{(N - 1) \cdot E^2 + \sigma^2 \cdot (Z\alpha/2)^2}$$

Onde,

n = Número de indivíduos na amostra

N = População de jovem 12 a 17 anos

$Z_{\alpha/2}$ = Valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado, aqui estabelecido em 90%, sendo, portanto, equivalente a 1,65

$$\sigma^2 = p \times q$$

p = Proporção populacional de indivíduos que pertencem à categoria a ser estudada, aqui estabelecida em 0,5.

q (1 – p) = Proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria a ser estudada, aqui calculada em 0,5.

E = Margem de erro ou erro máximo de estimativa, aqui estabelecida em 0,1 (10%)

Assim, o tamanho da amostra de alunos foi de:

$$n = \frac{190 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,65)^2}{189 \cdot (0,1)^2 + 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,65)^2}$$

$$n = \frac{129,3}{2,6}$$

$$n = 50$$

A população dos profissionais da escola sujeitos da pesquisa era de 22 professores regentes de aulas, 02 professores no uso da biblioteca, 01 professores na sala recurso, 01 professores de tempo integral, 02 supervisores pedagógicos, 02 vice-diretores, 01 diretor escolar, totalizando 31 funcionários.

Assim, o tamanho da amostra de profissionais da escola foi de:

$$n = \frac{31 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,65)^2}{30 \cdot (0,1)^2 + 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,65)^2}$$

$$n = \frac{21,1}{0,98}$$

$$n = 22$$

Com respeito ao total de alunos amostrados, foi selecionada uma subamostra, considerando as informações prestadas pela direção escolar e os professores sobre aqueles alunos que apresentavam repetitivamente comportamento violento e indisciplinado, totalizando 17 alunos. Posteriormente foi feito uma checagem para confirmação destes nomes nos registros realizados pela escola no livro de ocorrência.

A partir deste dado, foi selecionada uma subamostra de famílias cujos filhos se envolveram repetitivamente em situações de violência.

$$n = \frac{N \cdot \sigma^2 \cdot (Z\alpha/2)^2}{(N - 1) \cdot E^2 + \sigma^2 \cdot (Z\alpha/2)^2}$$

Assim, o tamanho da amostra de famílias foi de:
17. 0,5. 0,5. (1,65) ²

$$n = \frac{17 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,65)^2}{16 \cdot (0,1)^2 + 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,65)^2}$$

$$n = \frac{11,9}{0,86}$$

$$n = 14$$

4.4 Instrumentos de Coleta dos dados

Inicialmente, foi realizada uma consulta às escolas estaduais, localizadas na sede do Município de Muriaé, MG, sobre o número de ocorrências policiais relativas a violência escolar, nos anos de 2012, 2013 e 2014, por meio de registros de ocorrências realizados pela própria escola junto à Polícia Militar. A análise desse cenário permitiu conhecer o grau da violência nas escolas do município e justificar a escolha da escola a ser pesquisada, sendo feita uma pesquisa sobre o entorno, o ambiente físico e relacional da mesma e dos tipos de violência registrados, além de entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado junto aos profissionais da escola, visando verificar os tipos de violência mais frequentes, principais motivos, significados e implicações.

Na sequência, examinaram-se as percepções dos alunos sobre os significados e causas da violência. Para tanto, em uma primeira etapa foi solicitado que escrevessem uma redação sobre essa temática, visando conhecer o que pensavam sobre esse assunto e quais sugestões dariam para sua redução. Posteriormente, essas percepções foram aprofundadas, por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos, conforme autorização das famílias, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa/MG.

Finalmente foi selecionada uma subamostra de famílias, cujos filhos haviam apresentado repetitivamente comportamentos violentos na escola, para analisar, através de entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado, as percepções dos pais ou responsáveis sobre a violência nas escolas e sua associação com o ambiente familiar.

4.5. Categorias e Variáveis de Análise

Os dados coletados durante a pesquisa foram classificados em cinco categorias de análise:

- a) O fenômeno da violência na escola e aspectos da sua realidade estrutural (física e humana) e seu espaço comunitário (infraestruturas disponíveis para atendimento aos alunos e respectivas famílias), bem como sua relação com o fenômeno violência escolar, na percepção da escola e das famílias.
- b) Identificação dos tipos, motivos e frequência de ocorrência da violência na escola pesquisada, considerando as dimensões Bernard Charlot, Eric Debarbieux, Miryan Abramovay, Cléo Fonte e Camacho
- c) Perfil socioeconômico pessoal e familiar dos alunos com comportamento violento, em termos de: idade, sexo, estado civil, escolaridade, raça, religião, condição ocupacional e renda do aluno, bem como tamanho da família e número de filhos, tipo de família (nuclear, monoparental, extensa e outro tipo), faixa etária, escolaridade e ocupação dos membros familiares; número de membros desempregados, renda familiar média e per capita.
 - d) Percepções dos alunos, professores e famílias sobre a violência escolar, comparando seus diferentes significados, motivos e implicações, assim como a associação entre violência escolar com as características e espaço familiar, comunitário e escolar.

5. Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados quantitativos, em termos da estrutura (física e humana) da escola selecionada e da comunidade (infraestruturas disponíveis), perfil pessoal e familiar dos alunos, condições de vulnerabilidade social das famílias, tipos e frequência das violências foram sistematizados e analisados pela estatística descritiva.

Por outro lado, a análise das questões subjetivas foi feita de acordo com a metodologia proposta por Bardin (2011), visando identificar categorias e suas relações, regularidades nas respostas e ainda a frequência com que os aspectos mais importantes foram citados. Tanto a categorização, quanto a interpretação dos dados coletados foram orientadas pela metodologia da Análise de Conteúdo, sendo avaliados e confrontados com as problematizações estabelecidas e objetivos previstos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. (Org.). **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2005. 404 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/14526POR.pdf>> Acessado em: 07 abril 2015.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2002. v. 1. 400 p.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1997

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, Maria A.; GUERRA, Viviane N. de A. (orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-79.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

GIL, A. C., **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Goldenberg, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. – 8. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004. Inclui glossário

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira <http://portal.inep.gov.br/rss_censo-escolar/-/asset_publisher/oV0H/content/id/>

19910>. Acessado em 05 de fevereiro de 2015

MARINI F.; MELLO R. R., **Relação entre a escola e famílias de classes populares: Desconhecimento e desencontro**, Caxambu, ANPED, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAS GERAIS, **Mapa da Violência**. Disponível em:<http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/04/15/interna_gerais,371530/levantamento-inedito-mostra-onde-ha-mais-violencia-nas-escolas-de-minas.shtml>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2015.

Nascimento, M., Cunha, F., & Vicente, L. (2008, March 31). A Desqualificação da Família Pobre como Prática de Criminalização da Pobreza. **Revista Psicologia Política** [On line], 7(14) Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/ser/ojs/viewarticle.php?id=48>.>Acessado dia 05 de fevereiro de 2015.

SASTRE, E. **Panorama dos Estudos Sobre Violência nas Escolas no Brasil: 1980-2009**. Disponível em<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015503.pdf>> Acessado em: 05 de fevereiro de 2015.

SILVA F. Leila, CAMPOS, P. O. ROSAMÁLIA, As Repercussões da Violência Escolar no Trabalho Docente. **Revista Querubim**, Ano 10, Nº23, v.1, p.109 - 179,2014

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

VIEIRA, Valter Afonso. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. **Revista FAE**, Curitiba, V.5, n. 1, p. 61-70, jan./abril. 2002.

WASELFISZ, J. J.,**Os Jovens do Brasil**, Realização Instituto Sangari e Ministério da Justiça, Mapa da Violência 2 0 1 1.

ARTIGO 1 – VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA QUESTÃO DE FALTA DE EDUCAÇÃO?¹

¹Artigo apresentado no II CONINTER Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências e Humanidades, Belo Horizonte, 2013.

RESUMO

VALE, Cláudia Antônia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, março de 2015. – **Violência nas escolas: uma questão de falta de educação?** Orientador: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Coorientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda

A violência nas escolas produz insegurança e desmotivação profissional. Pressupõe-se que o papel da família e seu nível de vulnerabilidade social sejam determinantes para a violência escolar. O trabalho objetivou analisar as percepções sobre o fenômeno da violência, a partir das representações sociais de alunos de uma escola pública estadual, manifestadas em uma redação, cujos dados foram examinados pela análise de conteúdo. Os resultados mostraram que os alunos percebem o conceito violência como algo externo a eles e à escola, muito ligado à perda da vida. Já a violência escolar, é percebida por eles em seus desentendimentos, motivados por preconceitos ou provocações. As possíveis soluções não passam por policiamento ou regras disciplinares e sim pelo diálogo e respeito ao outro. Conclui-se que para diminuir a violência nas escolas, é preciso disseminar valores positivos entre os alunos, abrindo espaços para que possam se expressar enquanto sujeitos de direitos e deveres.

Palavras-chave: Escola, Violência, Aluno, Percepções.

ABSTRACT

VALE, Cláudia Antonia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, March 2015. **Violence in schools: a matter of lack of education?** Advisor: Maria das Dôres Saraiva de Loreto.Co-Advisor: Wânia Maria Guimarães Lacerda

Violence in schools produces insecurity and professional demotivation. It is assumed that the role of the family and its social vulnerability level are crucial for school violence. The study aimed to analyze the perceptions of the phenomenon of violence, from the social representations of students of a public school, expressed in their writings, whose data were examined by analyzing the content of the essays. The results showed that students realize the concept of violence as something external to them and the school, closely linked to loss of life. School violence is perceived by them in their disagreements, motivated by prejudice or teasers. Possible solutions do not go through policing or disciplinary rules but by dialogue and respect for others. In conclusion, to reduce violence in schools, it's necessary to disseminate positive values among students, giving them the opportunity to express as subjects who have of rights and duty.

Keywords: School, Violence, Student, Perceptions.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a escola tem sido considerada uma instituição de grande importância social, sendo vista como essencial para a formação e socialização das pessoas, ou seja, uma possibilidade para a ascensão social. As famílias veem o espaço escolar como local onde seus filhos irão aprender e adquirir capacidades para enfrentar a vida. A maioria diz claramente que espera que seus filhos tenham um futuro melhor, por meio do acesso à escola e qualificação. Assim, movimentos reivindicatórios pelo direito de frequentar e permanecer na escola faz parte desta história e, após inúmeras ações políticas, a educação tornou-se um direito de todos.

O Brasil vem passando por um processo de democratização das escolas nas últimas décadas e por uma progressiva tendência à universalização do acesso à educação. Segundo o 5º Relatório de Monitoramento das cinco Metas de Todos pela Educação, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2011) mostra que a população de 4 a 17 anos tem apresentado taxas gradual e constante de ingresso nas escolas, entre 2000 e 2011, ampliando-se expressivamente a proporção de jovens nas escolas. Estes dados revelam que:

O direito ao ensino, anteriormente restrito às elites e respaldado pela lógica seletiva, passou a ser contemplados por parcelas cada vez mais amplas da sociedade e, nesse âmbito, a escola pública e o ensino obrigatório receberam uma expressiva diversidade de estudantes, provenientes de estratos econômicos variados. A notável expansão do número de matrículas – dentro de um quadro nacional marcado pela desigualdade e enormes distâncias econômicas – não implicou, contudo, a supressão dos conflitos socioeconômicos nem na sociedade mais ampla nem dentro das escolas (ABRAMOVAY; CUNHA, 2009, p.222).

Entretanto, um número elevado de alunos na escola e sem uma priorização do setor pelos órgãos responsáveis, tem feito com que as escolas brasileiras estejam enfrentando inúmeros problemas de diversas ordens, dentre os quais, destacam-se a violência, o que tem tornado o ambiente escolar um espaço de insegurança.

A violência nas escolas no Brasil ganhou destaque nas pesquisas realizadas a partir do final dos anos oitenta e início dos anos noventa. Da década de oitenta até os dias atuais, destacam-se várias pesquisas desenvolvidas por pesquisadores de diversas instituições públicas e privadas.

Segundo Abramovay e Rua (2002), estas apontam inúmeros fatores responsáveis pela violência escolar, de ordem externa chamados pelos especialistas de exógenos, como: questões de gênero (masculinidade/feminilidade), relações raciais (racismo/xenofobia), situações familiares (características sociais das famílias), influências dos meios de comunicações (rádios, TV, revistas, jornais, etc.), localização da escola (o bairro, a sociedade). Consideram também os fatores internos ou endógenos à escola, com destaque para: a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições, o comportamento dos professores em relação aos alunos e a prática educacional em geral.

O desenvolvimento de várias pesquisas recentes evidencia a preocupação com este fenômeno. O Ministério da Educação em 2011, através de um questionário anexado à Prova Brasil, verificou que quase 4,2 mil professores de português e matemática do 5º e dos 9º anos da rede pública e privada de ensino fundamental contaram ter sido agredidos fisicamente por alunos dentro das salas de aula, nos corredores ou na saída dos colégios.

O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESPE) e o Instituto Data Popular (2013) realizaram uma pesquisa intitulada: “Violência nas escolas: o olhar dos professores”, sendo entrevistados 1400 professores, com o objetivo entender suas percepções sobre as condições de trabalho, a segurança no bairro e a segurança na escola, os tipos e frequência da violência que ocorrem nas escolas, bem como as medidas tomadas e a compreensão dos professores sobre os fatores que geram a violência, bem como as ações que poderiam reduzi-la. A pesquisa revelou que quatro em cada dez professores já sofreram algum tipo de violência em escolas do Estado de São Paulo. De acordo com os dados, 72% dos professores já presenciaram briga de alunos, 62% foram xingados, 35% ameaçados e 24% roubados ou furtados. A situação é pior em bairros de periferia, onde 63% dos profissionais consideram a escola um espaço violento. As razões estariam principalmente na falta de educação, respeito e valores, bem como no uso de drogas por parte dos alunos.

Assim, dados demonstram que a violência tem se tornado cada vez mais presente no âmbito escolar, seja de forma verbal, gestual ou física, ocorrendo

em diversos espaços escolares, sendo frequente não somente na relação aluno e aluno, como também professor e aluno. A violência, decorrente de conflitos existentes dentro da escola ou da vida familiar, tem deteriorado a convivência neste espaço. Já imbuídos de um preconceito, professores, especialistas e gestores apontam a família como uma das principais responsáveis pelos atos de indisciplinas, desinteresse e violência ocorridos na escola, ressaltando a falta de acompanhamento e interesse dos responsáveis como um agravante da situação, com reflexos sobre a aprendizagem e, conseqüentemente, no exercício da cidadania.

Considera-se que ao buscar a compreensão do fenômeno violência escolar é essencial que os sujeitos envolvidos possam se expressar a fim de proporcionar no espaço escolar diálogos e reflexões e, conseqüentemente, possíveis soluções. Ao ouvir e dar evidência a opinião dos alunos, a escola abre espaço para o diálogo e para a busca de uma solução conjunta para o problema da violência escolar, contemplando o que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) traz em seu Art. 16: o direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: II - opinião e expressão. Nesse contexto, Rosa (2008, p.72) ressalta que:

No campo específico da violência nas escolas amplia-se a divulgação sobre o aumento dos atos violentos e mesmo de desrespeito dos alunos para com os professores, mas não se viabiliza de uma forma concreta e permanente no contexto das próprias escolas um amplo debate sobre o tema envolvendo todos os segmentos da escola, notadamente alunos e professores.

Além disso, como evidenciam outros autores, a violência na sua complexidade precisa partir de um estudo onde sejam envolvidas áreas diferentes do conhecimento.

Para identificar variáveis ou fatores comumente inter-relacionados com as violências nas escolas, percorrem-se diversas outras relações e processos sociais. A tendência é não isolar um único fator como possível causa ou antecedente que as potencializaria. Prefere-se, em lugar disso, identificar conjuntos ou ambientes favoráveis à violência. Por isso, além de enfoques multidimensionais, vários autores defendem a importância de abordagem transdisciplinar, com a contribuição da sociologia, da ciência política, da psicologia, das ciências da educação e da justiça criminal. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.25).

Pressupõe-se que o distanciamento entre escola e família, bem como as dificuldades em gerir os conflitos revelam um processo de banalização da

violência e demonstram que os padrões éticos, morais, estéticos e pedagógicos tradicionalmente aceitos para regular as relações sociais estabelecidas na escola, nem sempre dão sustentabilidade às demandas atuais. Tal situação tem gerado discussões nas próprias instituições, na família e na sociedade, uma vez que, gera uma insatisfação entre os profissionais da escola. Esta insatisfação vem comprometendo o desempenho das atribuições dos professores e, conseqüentemente, um ensino de qualidade, justificando pesquisas que abordem a temática da violência escolar e, principalmente, sua associação com a unidade familiar.

2. OBJETIVO

O estudo teve como objetivo analisar as percepções dos alunos sobre o fenômeno da violência, examinando seu significado, formas e motivos de ocorrência no ambiente escolar, bem como sugestões para sua redução.

3. METODOLOGIA

A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada no Município de Muriaé, situado na Zona da Mata Mineira, com 95.548 mil habitantes e com o Índice de Desenvolvimento Humano 0,773. O Município ao todo possui 83 escolas, sendo: 22 estaduais, 45 municipais e 16 privadas. A unidade empírica de análise foi uma escola estadual pública, o motivo da escolha se deu pelo fato de grande parte dos seus alunos estar em situação de vulnerabilidade social, muitos já estão em contato com as drogas, com situações de agressões físicas, verbais e ameaças, sendo os casos mais complexos encaminhados para os órgãos competentes responsáveis pelo acompanhamento das crianças e dos adolescentes.

A escola possui 471 alunos matriculados do 4º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio.

Para identificar as percepções dos alunos foi solicitada uma redação com a seguinte temática: “O que é violência? Como ela se dá na escola? Quais sugestões para reduzir a violência escolar. Como forma de introdução à redação foi feito o seguinte preâmbulo: “Conversou-se com os alunos sobre o

aumento da violência de uma forma geral e especialmente nas escolas, mostrando que uma das formas para a redução desse problema social seria entender suas causas e, para tanto, conhecer o que os alunos pensavam a respeito, seria de fundamental importância. ”

Logo após, foi solicitado aos 175 alunos do 6º aos 9º anos do ensino fundamental, com idades entre 11 a 14 anos, e do 1º ao 2º ano do ensino médio com idades entre 15 a 17 anos, que elaborassem uma redação relatando o que era violência, como ela se dava na escola e quais seriam suas sugestões para a redução da violência escolar.

Em seguida, foram feitas leituras flutuantes das redações, buscando pela análise do conteúdo, identificar e freqüenciar as categorias predominantes, conforme metodologia proposta por Bardin (2011).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência escolar tem constituído em um problema nacional, divulgado e explorado amplamente pelos meios de comunicação, o que tem oportunizado pesquisas e debates públicos. É um tema altamente complexo, por possuir várias interfaces e diversos atores sociais, devendo seu entendimento ser feito sem preconceitos e levando em consideração todos os fatores internos e externos vivenciados dentro da escola.

Lopes e Gasparini (2003, p. 296) comentam sobre a violência, como tema acadêmico, destacando:

A primeira questão com a qual nos deparamos, ao tratar da violência como tema acadêmico, diz respeito à dificuldade de conceituá-la devidamente. Uma busca cuidadosa na literatura nos faz concluir estarmos diante de um termo que possui determinações complexas e que comporta contradições e ambigüidades. A definição do caráter violento de um ato depende dos valores culturais de cada grupo social, das circunstâncias em que foi praticado e até de disposições subjetivas.

No dia a dia da escola, são recorrentes as reclamações de professores sobre alunos indisciplinados, desinteressados e desmotivados que se recusam a permanecer em sala de aula e a participar das atividades propostas. Estes comportamentos atrapalham o desenvolvimento das aulas e produz grande

perda da carga horária que a lei estabelece como de direito do aluno. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) reza, em seu Art.24 Incisol, que a educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver (BRASIL,1996).

A redução da carga horária obrigatória é caracterizada pelas constantes interrupções dos professores durante as aulas buscando controlar o clima da sala, o que culmina muitas das vezes na retirada dos alunos indisciplinados, ficando a equipe gestora responsável para apaziguar as situações mais críticas, dentro e fora da sala de aula, que envolvam ameaças, agressões verbais e físicas e que, geralmente, são registradas na própria escola, convocando os responsáveis pelo aluno ou encaminhadas para o Conselho Tutelar.

Os alunos que constantemente estão envolvidos em situações de conflitos na escola não se sentem envergonhados ou intimidados pelos registros de ocorrência realizados em atas pelos diretores e supervisores. A presença de policiais não inibe comportamentos de arrogância e desrespeito, assim como, a convocação da família e os encaminhamentos para o Conselho tutelar, confirmando que muitas das estratégias punitivas utilizadas pela escola não produzem efeitos. Conforme pontuam Oliveira e Martins (2007; p.95)

A violência que se configura dentro do espaço escolar, manifestada através do comportamento dos alunos, lança professores diante da confusão da possibilidade de um ensino libertador (caso seja esta a sua proposta) e de uma realidade insuportável, na qual os educadores recorrem a expedientes autoritários e até mesmo violentadores, a fim de manter a “ordem geral”. São estabelecidas regras, controles, punições e dominações para disciplinar os alunos em estados de rebeldia.

A diversidade de formas apresentadas pela violência levou alguns especialistas no assunto a buscarem uma classificação dos tipos para facilitar sua compreensão e atuação sobre o problema. Segundo Charlot, citado por Abramovay e Rua (2002), o conceito de violência escolar pode ser classificado em três níveis:

a) Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; b) Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta

de respeito; c) Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos. (ABRAMOVAY; RUA; 2002; p .21-22).

Na classificação da violência constata-se que vários fatores vão variar de acordo com o estabelecimento escolar e da posição de quem expressa sobre o assunto, como professores, gestores e alunos, assim como, em função da idade e ano de escolaridade. Assim, vários estudos indicam que o significado de violência se diferencia. Em alguns, apenas são mencionados atos de violência física; outros já enfocam a violência verbal; e outros, ainda, a violência simbólica. Ocorrendo, também, aqueles que relacionam os diversos tipos de violência no ambiente escolar.

Segundo Rosa (2008, p.12):

Dessa forma, sem estereotipar um conceito de violência, em razão da dinâmica das suas manifestações na escola, não basta tratar como violência tão somente a agressão física, a depredação ao patrimônio ou a pressão psicológica. No estudo das violências no contexto escolar será necessário considerar a percepção dos vitimados, de quem se encontra exposto aos diversos tipos de violência, sejam físicas, psicológicas, simbólicas ou identificadas enquanto incivilidades. No processo de investigação das violências nas escolas, por isso, “é o próprio aluno, e não o pesquisador, que diz o que deve ser considerado como violência” (CHARLOT, 2002).

Nesse sentido, buscou-se ouvir o próprio aluno, considerando sua expressão escrita sobre o significado de violência, por que ocorre a violência na escola e quais sugestões dariam para o problema em questão, como forma de oportunizar espaço de expressão e denúncia sobre o assunto.

Algumas citações feitas nos textos demonstram que alguns alunos já conseguem dimensionar o problema retratando a compreensão sobre os fatores sociais, econômicos e políticos, que contribuem para ocorrência dos atos inadequados na escola, destacando que:

“A violência nas escolas pode ser resolvida com diálogo, agora, a violência nas ruas eu não sei. Por que muitos que assaltam, matam, furtam nas ruas, que no farol te param com a arma e te ameaçam, fazem isso por não ter tido uma oportunidade na vida, por serem excluídos da sociedade. O governo não dá o mínimo para eles, e a sociedade ver e fingi que tá invisível, e só se preocupa se seu

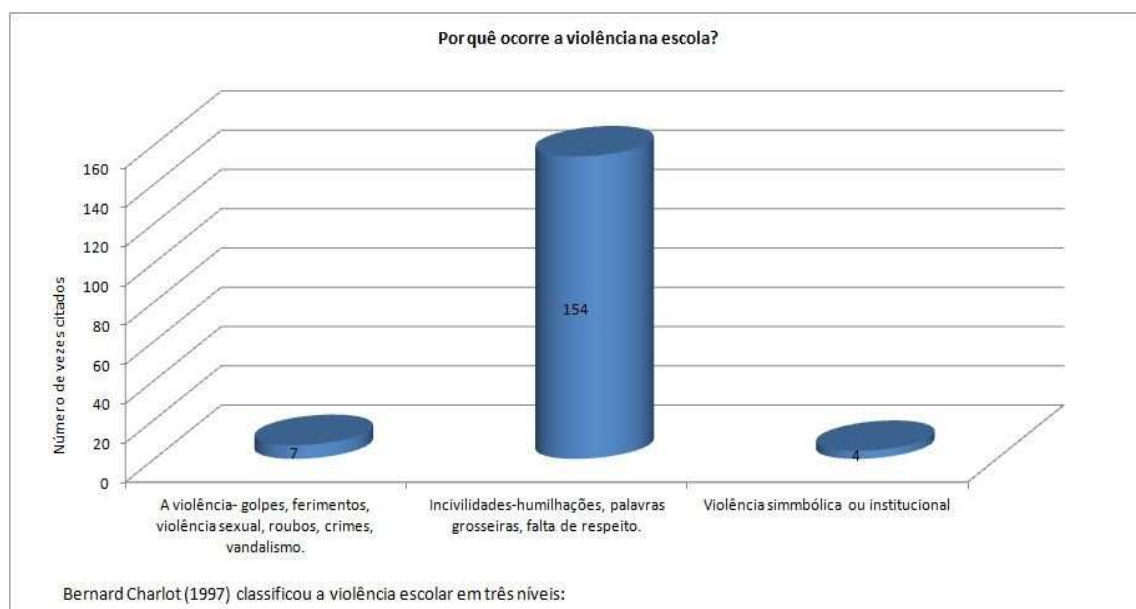
dinheiro está seguro no cofre e não dá a mínima. ” (Aluno, 1º ano do E.M).

Proporcionar espaços para o aluno falar e ser ouvido vai ao encontro com o que é relatado por Rosa (2008, p. 83):

Na investigação e compreensão do conceito de violências entre os adolescentes não pode ser omitido o diálogo aberto, buscando-se uma análise do que eles dizem e, sobretudo, do que omitem. As violências, muitas vezes, permanecem escondidas, diante da inexistência de espaço de denúncia em razão da omissão da escola em identificar as atitudes contrárias à dignidade humana interpretar essa memória da violência faz sentido, tendo em vista que, muitas vezes, a falta de diálogo é a causa principal das práticas violentas no espaço escolar.

Os alunos ao versarem sobre o assunto não se limitaram a um termo exclusivamente, sendo citadas 61 designações para o que é a violência, o que configura certa complexidade para categorizar o problema. Na Figura 01, abaixo apresentada, constata-se que os comportamentos que geram a violência no ambiente escolar seguem a classificação apresentada por Charlot (1997), as chamadas incivildades; ou seja, os atentados cotidianos ao direito de cada um ver sua pessoa respeitada.

FIGURA 01 – Comportamentos que geram a violência no ambiente escolar. Muriaé, MG, 2014



FONTE: Dados da Pesquisa (2014).

No depoimento, a seguir relacionado, um mesmo aluno utilizou diversos termos para conceituar a violência:

“Quando ouço alguém falar em violência a primeira coisa que vem a minha cabeça é uma pessoa sendo agredida, com hematomas etc. Mais existe também a violência verbal, de xingamentos e insultos, o famoso bullying.”(Aluna A ,1ºano E.M).

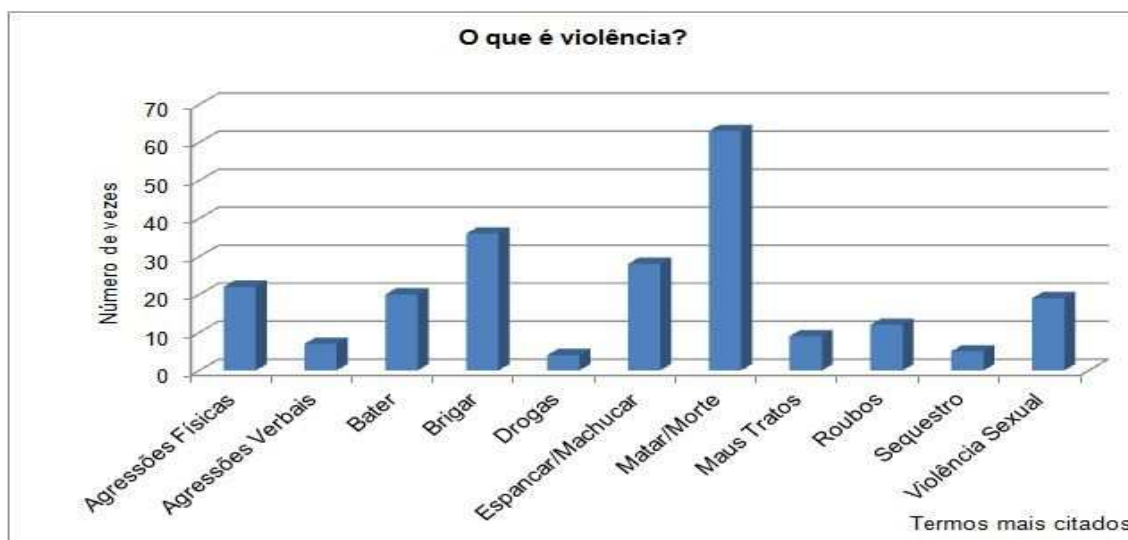
A análise dos resultados sobre o significado da violência, identificados nos textos produzidos, mostraram que os termos mais citados pelos alunos para caracterizar o fenômeno foram: brigar, matar, morte, agressões físicas, bater, violência sexual, machucar, espancar, maus tratos, roubos, sequestros, drogas, como demonstrado nos seguintes relatos dos alunos:

“A violência para mim são essas coisas que acontecem nos dias de hoje, como: brigas, mortes etc. As brigas que acontecem nas ruas, nas festas, nas casas e na escola.” (Aluna A, 8º ano).

“Eu acho que violência é quando uma pessoa bate na outra e machuca.” (Aluna F, 7º ano).

Tal categorização nos leva ao entendimento que violência para os alunos está ligada à parte física do corpo, como mostra os dados da figura 02, abaixo especificada:

FIGURA 02 – Concepções sobre o significado de Violência, Muriaé, MG, 2014.



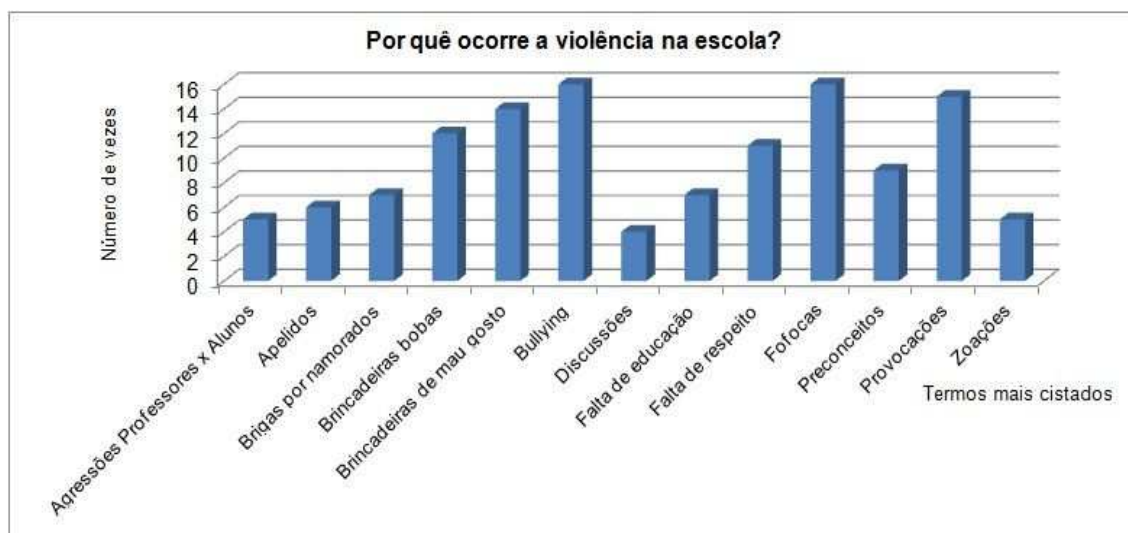
FONTE: Dados da Pesquisa (2014)

Acredita-se que tais concepções estejam associadas às divulgações dos meios de comunicação, que retratam um arsenal de crimes para sustentar a audiência, como destacam Oliveira e Martins (2007, p.92-93):

Para o Jornal de Psicologia, (Conselho Regional de Psicologia [CRP], 2000), a violência traz consigo um caráter permanente, e coloca duas questões: ao mesmo tempo em que provoca um estado de frequente temor, por outro lado, ela se banaliza. Os meios de comunicação apresentam-se como poderosos instrumentos que contribuem e promovem essa banalização da violência, utilizando-se do arsenal de crimes, com o único objetivo de sustentar e aumentar sua audiência como a venda de publicações, levando a uma diluição, ao esvaziamento do que o conceito de violência implica efetivamente.

Ainda, na percepção dos alunos, a violência escolar foi entendida, como: bullying, fofocas, provocações, brincadeiras bobas, brincadeiras de mau gosto, agressões verbais entre professores e alunos, agressões verbais entre alunos, apelidos, brigas por namorados, discussões, falta de educação, falta de respeito, preconceitos e provocações, que foram citados como determinantes das brigas e confusões ocorridas na escola, conforme figura 03:

FIGURA 02 – Concepções sobre o significado de Violência, Muriaé, MG, 2014.



FONTE: Dados da Pesquisa (2014)

Entre os termos citados, destacam-se com grande relevância as chamadas brincadeiras bobas e de mau gosto, o que, do ponto de vista dos alunos, é a maior responsável pela violência escolar, como aparece nas falas a seguir detalhadas, o que nos levar a pensar que a violência surge principalmente de atitudes muitas vezes não intencionais:

“Às vezes ocorre por causa de uma brincadeira de mau gosto e nessa brincadeira ocorre a violência.” (Aluna A, 7º ano).

“Nas escolas é muito comum violência principalmente por brincadeiras de mau gosto, tipo jogar bolinhas de papel, empurrões, etc.” (Aluno B, 7ºano).

“A violência ocorre na escola por causa das pessoas que dão um empurrão, ficam zoando com a cara das outras pessoas ficam de brincadeiras bobas e muito mais.” (Aluno B, 1º ano E.M).

As modalidades que evidenciam situações de humilhações e constrangimentos, como bullying, apareceram também denominadas com outros termos, o que nos levar a concluir que o significado da palavra bullying não está clara para os alunos, uma vez que, repetiram muito as palavras: apelidos, abusar do outro, brincadeiras bobas, implicar com o outro, provocações, intimidações. Ou seja, apesar do termo bullying fazer parte das constantes citações dos alunos, estes não utilizam este termo unicamente, citam outros que também configura este tipo de comportamento.

A violência ocorre nas escolas por muitos fatores e o principal é o bullying, uma das piores violências que um jovem pode sofrer, com esse tipo de violência muitas vezes o jovem se isola e se estressa facilmente. (Aluno A, 2º ano E.M).

O vandalismo está tomando conta das escolas, os alunos não têm respeito e educação para falar com as pessoas. O bullying também é um problema muito grande na escola. (Aluna C, 8º ano).

As modalidades citadas, segundo os alunos, são relativas a comportamentos que geram tensões nas relações estabelecidas na escola, o que, muitas das vezes, leva a uma reação em forma de briga, indo ao encontro a constatações de estudos já realizados:

A modalidade de violência mais frequente na escola é a briga. Ela abrange desde formas de sociabilidade juvenil até condutas brutais. Briga-se por futebol, lanche, notas, por causa de apelidos e tomada de objetos uns dos outros. O olhar direto, o “encarar”, é visto como desrespeitoso e desafiador e pode levar a confrontos. Também esbarrar no outro, mesmo sem querer, pode ser interpretado como atitude pouco cuidadosa e de provocação, podendo ocasionar brigas violentas. Elas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. Muitas vezes, surgem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não consequências mais graves. (ABRAMOVAY, 2002, P.41)

Estes comportamentos de intolerância ocorrem nas salas de aula, na hora dos intervalos e recreio, isto é, em diferentes espaços da escola e sob

diversas formas, dificultando a realização do trabalho do professor, como relatam Lopes e Gasparin (2003, p. 298):

Os problemas disciplinares da escola e os conflitos do dia-a-dia já ultrapassaram, largamente, os corriqueiros atritos verbais e “briguinhas” de crianças. O incremento nas ações violentas que ocorrem no interior da escola, como as agressões físicas e verbais contra alunos e professores, o porte de armas de diversos tipos, brigas de gangues (muitas vezes constituídas por alunos da própria escola), suscita inclusive a presença, cada vez mais frequente e de forma sistemática, da força policial nesse espaço. A autoridade da escola, bem como de seu principal representante, o professor, parece não ser mais suficiente para resolver tais problemas e restaurar a “ordem” necessária ao desenvolvimento do trabalho pedagógico. Mas, que “ordem”, modelo ou ética seriam necessários hoje?

Em outros relatos verificou-se também que os alunos apontam o preconceito e o racismo como fortes responsáveis pelo problema na escola:

“A violência dentro da escola ocorre por causa de fofocas, ocorre também por que nas escolas existem pessoas preconceituosas com as pessoas que gostam do mesmo sexo, ocorre também por causa da cor, do tipo de cabelo e estilos diferentes.” (Aluna, 8ºano).

“A violência dentro das escolas é muito comum por causa do racismo, xingamentos.” (Aluno D,8ºano).

Também houve relatos que evidenciavam certo preconceito contra a homossexualidade:

“A violência na maioria das vezes é causada pela falta de tolerância e preconceitos geralmente contra o homossexualismo “. (Aluno E, 8 anos).

“Nas escolas a violência não está tendo redução, os alunos estão cada dia mais agressivos com os alunos homossexuais e até mesmo com os que não são homossexuais”. (Aluna F, 8º ano).

Problemas de ordem moral foram também caracterizados por várias vezes nas expressões: falta de respeito, falta de princípios morais, falta de educação dada pela família. Segundo os alunos, a falta de respeito acarreta os comportamentos não desejáveis no contexto escolar, conforme os seguintes relatos:

“Ocorre muita violência na escola por causa da falta de respeito, temos que saber respeitar a opinião e estilo dos outros.” (Aluna C; 2º ano E.M).

“Falta de respeito com professores, alguns alunos querem mandar nos professores e os professores não aceitam isso” (Aluno G,8º ano).

Neste sentido, como destaca Minayo (1994, p.7):

Trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade. Portanto, para entendê-la, há que se apelar para a especificidade histórica. Daí se conclui, também, que na configuração da violência se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do Direito, da Psicologia, das relações humanas e institucionais, e do plano individual.

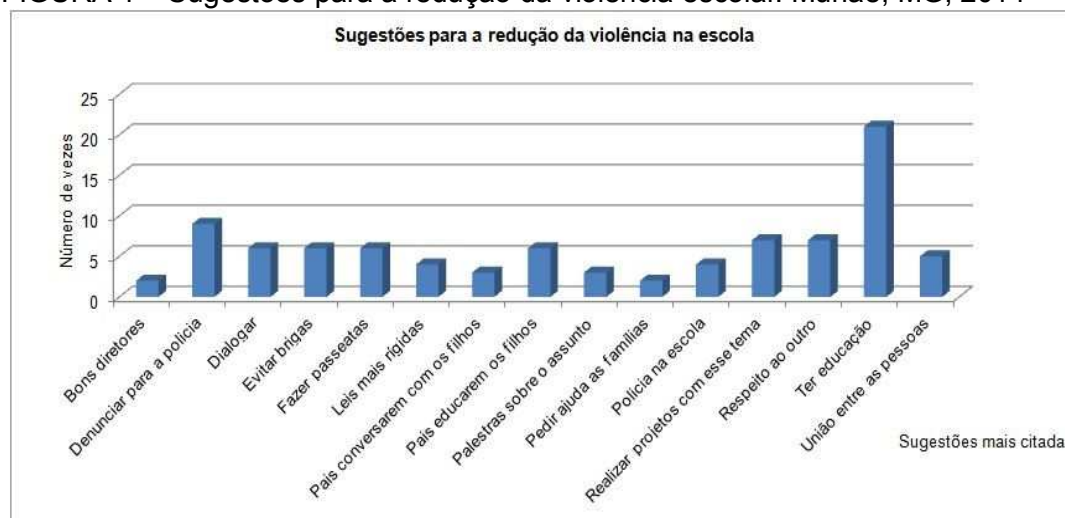
Já o termo drogas, teve baixa representatividade nas respostas dos alunos, apesar de ser algo que eles vivenciam em seu dia a dia, nos meios de comunicação, na escola ou nas ruas. O papel da família também foi percebido pelos alunos como determinante dos atos de violência, principalmente quando apontam as suas falhas em relação à educação dos filhos:

“Uma das causas dessas violências é os exemplos de casa, com pais agressivos, os filhos seguem o mau exemplo” (Aluna D, 1º ano E.M).

“Os pais sempre podem ajudar, com o bom exemplo e observando os filhos, a boa e velha conversa pode fazer com que a violência possa ser evitada”. (Aluna F, 1º ano E.M)

Ao sugerirem soluções para o problema da violência nas escolas, 10% dos alunos responderam que uso de forças policiais nas escolas, regras mais rígidas, penas severas para menores infratores e expulsão daqueles que não querem estudar seriam soluções para o problema. Entretanto o grande destaque, dentre as 15 sugestões citadas foi “Ter educação”, conforme Figura 4.

FIGURA 4 – Sugestões para a redução da violência escolar. Muriaé, MG, 2014



FONTE: Dados da pesquisa (2014)

Segundo Almeida (2010), a educação é vista como um dos meios de diminuir a violência na sociedade e disseminar valores positivos entre suas crianças e jovens. A autora questiona os efeitos da “nova educação” na criação dos filhos, que apresenta ausência de limites e regras, com implicações sobre o meio escolar e na interação social dos alunos, pais, professores e comunidade escolar como um todo. Acrescenta ainda que existem várias teorias sobre disciplina, mas grande parte delas diz que é somente aprendendo a aceitar limitações que se pode compreender o conceito de liberdade. Ou seja, caso a criança não saiba de quem ou porque aceitar regras poderá tornar-se indisciplinado ou até um delinquente juvenil.

Na visão da referida autora:

O papel da escola e do professor é mais difícil hoje, porque a sociedade caminha acentuadamente para o individualismo, que vive uma profunda crise de valores e a escola não pode se furtar de dividir conhecimentos sobre convivência, cooperação, solidariedade, generosidade, complacência, amizade, respeito mútuo e valorização do outro. E não há didática para ensinar valores: o aprendizado se dá na forma como o professor se mostra e na sua postura (ALMEIDA, 2010, p. 47)

Além disso, Szadkoski (1997) aponta para a influência dos meios de comunicação de massa, que incentivam a adoção de valores materiais imediatistas, bem como a não aceitação da disciplina, quando apresentam nos programas infantis alto índice de agressividade entre crianças, adolescentes e adultos, com seus desenhos e atitudes de insurreição contra o comportamento adotado pelos pais para a educação; além dos filmes, que evidenciam adolescentes a mercê das drogas e da violência; bem como as novelas que ridicularizam o papel do professor frente a toda sociedade e de toda estrutura familiar que contenha respeito dos valores e a ética.

Enfim, todas as crianças e adolescentes precisam da segurança de um sistema de regras e limites, pois a educação possui um impacto significativo sobre os relacionamentos familiares, escolares e sobre a autoimagem da criança. Como destaca Almeida:

Existe apenas uma fórmula de podermos vencer a violência na escola: a aproximação dos pais dos alunos; o estreito convívio entre a escola e as famílias; tratamento digno aos pais, independentemente de cor, raça, credo, faixa social ao qual pertençam; se empregados, desempregados ou em subempregos; trabalho em conjunto pais-professores-comunidade escolar. Sem essa parceria a chance de

uma escola sem violência é mínima e o objetivo principal da escola que é o ensino e a aprendizagem não será atendido. (ALMEIDA, 2010, p.57)

Assim, na percepção dos próprios alunos, a solução para a redução da violência escolar está pautada na educação, por meio de atitudes simples, como: diálogo entre os professores, pais e alunos, projetos e aulas que abordassem o assunto, união entre as pessoas, respeito entre professores e alunos. Nesse sentido, como afirma Almeida (2010), a escola, como uma microestrutura da sociedade, está refletindo o que estamos vivendo, uma crise de valores, uma confusão de papéis sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que os estudantes percebem a violência de forma diferente dos professores, no sentido que grande parte dos alunos não apontam como atos de violência a indisciplina dentro da sala, o não cumprimento das tarefas escolares, a falta de respeito com o professor e o desinteresse pelo ensino; ou seja, o que é uma violência do ponto de vista dos professores e gestores escolares em alguns aspectos difere do ponto de vista dos alunos.

Para uma busca de solução para este fenômeno na contemporaneidade é necessária uma visão ampliada sobre o problema estabelecendo os paralelos entre as diferentes percepções dos atores sociais que convivem no ambiente escolar, para que não se caia no reducionismo de pressupor que somente ações pontuais, apresentadas pelas escolas através de projetos paliativos podem resolver esta questão problemática de natureza multifacetada.

No que se refere a iniciativas concretas para a mitigação da violência, a Secretaria de Segurança Pública tem realizado alguns trabalhos no espaço escolar das escolas de Muriaé, como o PROED (Programa Educacional de Resistência a Droga), JCC (Jovens Construindo a Cidadania), que focam o trabalho com as temáticas drogas e criminalidade, realizando ações pontuais e limitadas para alguns alunos. Essas ações pontuais, na maioria das vezes, não refletem sobre a realidade situacional dos jovens violentos como um todo.

Os estudos sobre a interface entre família, escola e violência escolar não são tão frequentes, o que dificulta a compreensão e aprofundamento sobre essa temática. As pesquisas realizadas revelam a percepção negativa dos professores, alunos e corpo técnico sobre a família, apontando-a como um dos fatores responsáveis pelo problema.

Constata-se que as percepções dos alunos sobre o que é violência possuem coerência com outras pesquisas já realizadas, o que caracteriza certa uniformidade dos significados da violência, independentemente da sua localização. As questões relativas à violência no meio escolar abrangem um vasto complexo de causas e variáveis, exigindo uma discussão e reflexão mais aprofundada sobre o fato social em suas várias dimensões: física, psicológica, simbólica, social e econômica, com a participação dos diversos atores envolvidos no problema, como: família, alunos, professores, gestores, órgãos representativos do governo e da sociedade em geral.

Conclui-se que para iniciar-se uma ação relevante frente à violência escolar não basta somente identificar e categorizar os tipos de violências exercidas na escola e pela escola, até porque algumas formas de violências não são passíveis de categorização. Faz-se necessário discutir e pensar em políticas públicas específicas para a violência escolar, que possam possibilitar a diminuição e prevenção do problema, com destaque para a questão da educação vista como elemento essencial na redução da violência escolar, sem esquecer, contudo, de se questionar sobre: qual o valor que a sociedade dá atualmente à educação brasileira?

Talvez a resposta possibilite repensar antigas estruturas organizacionais e velhas situações que são o “calcanhar de Aquiles” da educação, em termos de capacitação e valorização profissional, estrutura física (bibliotecas, quadras esportivas, laboratórios, áreas de recreação), recursos humanos e tecnológicos, currículo e avaliações. A escola conjuntamente com a família necessita resgatar a sua credibilidade e sua importância social, enquanto agência formadora de pessoas responsáveis por si, pelo outro e pela sociedade em nível local e global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto; **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**; Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002. V.1.400 p.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 161 f

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 26 de janeiro de 2015.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n.8, ano 4, p.432-443, jul./dez. 2002.

LOPES, C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**.v. 25, no. 2, p. 295-304, 2003

MAGALHÃES, Wagner. SP: **44% dos professores sofreram algum tipo de violência, diz pesquisa**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/sp-44-dos-professores-sofreram-algum-tipo-de-violencia-diz-pesquisa,317aad25c998e310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 22 de janeiro 2015.

MINAYO, M. C. S. Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública Social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 10 (supl. 1), p.07-18, 1994.

OLIVEIRA, E.C. S.; MARTINS, S. T. F. Violência, Sociedade e Escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**, v.19 n.1, p.90-98; jan/abr, 2007.

PNUD Brasil- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **IDH Municípios Brasil**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>> Acesso em 20 de janeiro de 2015.

ROSA, S. N; **Violências nas escolas: da palmatória às incivilidades**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2524-6.pdf>> Acesso em 12 de janeiro de 2015.

SZADKOSKI, Clarissa Maria Aquere. **Indisciplina**. Guaíba: ULBRA, 1997. Monografia. Centro de Educação, Ciências Humanas e Letras, Universidade Luterana do Brasil, 1997.

TODOSPELAEDUCACAO. **De olho nas metas 2002, relatório de monitoramento das 5 metas dos todos pela educação**. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/de_olho_nas_Metas_2012.pdf. > Acesso em 20 de janeiro de 2015.

**ARTIGO 2- VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NA ESCOLA: ONDE
COMEÇA, ONDE TERMINA?**

RESUMO

VALE, Cláudia Antônia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, março de 2015. **Violência e indisciplina na escola: onde começa, onde termina?** Orientador: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Coorientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda

A indisciplina é comum na escola. Principalmente quando se transforma em violência, causa preocupações em vários setores que buscam compreender e intervir no problema. Pressupõe-se que o papel da família e seu nível de vulnerabilidade social sejam determinantes para a violência escolar. A pesquisa aborda os conceitos de indisciplina e violência escolar, além de examinar as percepções dos professores e alunos sobre os tipos de violência escolar e como os professores diferenciam violência de indisciplina. O estudo foi desenvolvido em uma escola estadual, sendo baseado na revisão de literatura sobre o tema, complementada com entrevistas junto aos professores e alunos. Foram utilizadas como base as categorias sugeridas por Charlot (2002), em termos de: violência, incivilidades e violência simbólica ou institucional. Os resultados mostram que a escola se vê vítima da violência provocada pelos alunos, mas não como reprodutora. Nesse sentido, torna-se necessário estabelecer diálogos que promovam a formação integral dos alunos.

Palavras chave: Indisciplina, Violência Escolar, Ambiente Escolar.

ABSTRACT

VALE, Cláudia Antônia da Silva Almeida, M. Universidade Federal de Viçosa, March 2015. Violence and indiscipline in schools: where does it begin, where does it end? Advisor: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Co-Advisor: Wânia Maria Guimarães Lacerda

Indiscipline is common in the school. Especially when it turns into violence, it causes concerns in various sectors which seek to understand and intervene in the problem. It is supposed that the role of the family and its social vulnerability level are crucial for school violence. The research covers the concepts of indiscipline and school violence, and examine the perceptions of teachers and students about the types of school violence and how teachers make distinction between violence and indiscipline. The study was conducted in a state school, being based on the literature review about this topic, supplemented by interviews with teachers and students. The categories suggested by Charlot (2002) were used as basis in terms of: violence, incivilities and symbolic or institutional violence. The results show that the school sees itself as a victim of violence caused by the students, but not as a reproducer. In this sense, it's necessary to establish dialogues that promote the integral formation of students.

Keywords: Indiscipline, School Violence, School Environment.

1. INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar é um fenômeno corriqueiro no dia a dia da escola, sendo visto como parte da própria dinâmica escolar. É considerada tão natural, que é raro, alguém não se vangloriar de uma arte ou estripulia cometida em seu tempo de escola. A violência escolar, um outro fenômeno, que também vem aparecendo na escola e em algumas mais que nas outras, vem gerando estudos e preocupações de vários setores para sua compreensão e intervenção. (ABRAMOVAY, 2002)

A grande dificuldade percebida hoje na escola, é que alguns atos de indisciplinas tomaram uma dimensão maior do que se poderia conceber como “normal”, levando à caracterização da violência escolar. Assim tornou-se um desafio para a escola a diferenciação entre o que é violência escolar e o que é a indisciplina escolar: uma fronteira, dividida por apenas um fio, que necessita de discernimento para atuar com eficácia na sua intervenção. (CAMACHO, 2001)

Reconhece-se que o conhecimento da realidade social, cultural e econômica da comunidade escolar é imprescindível para compreensão do porquê dos conflitos, como forma de promover ações que facilitem um diálogo na busca da atenuação do problema.

Evidências empíricas da pesquisa mostraram que a escola se vê vítima da violência provocada pelos alunos, mas não se percebe como instituição também reprodutora da violência.

Entretanto, pressupõe-se conforme relata Abramovay, (2005) que a organização do tempo e do espaço escolar, a forma como se dá a aprendizagem do aluno, o relacionamento interpessoal entre professor, aluno e família, a estrutura física da escola e o seu entorno podem contribuir de forma significativa para o surgimento e exercício da violência pelos alunos.

Neste sentido, buscou-se inicialmente examinar os conceitos de indisciplina e violência escolar, na sequência levantou-se por meio das percepções dos professores e alunos os tipos de violência que ocorrem na escola e como os professores diferenciam violência da indisciplina

2.REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Violências uma velha conhecida da escola.

A violência sempre fez parte do cotidiano da escola, exercida em diversas épocas pelos professores como uma forma de manutenção da disciplina e garantia da aprendizagem escolar.

Assim como na escola, o exercício da violência era comum na família na relação pais e filhos, marido e mulher, de modo a demonstrar poder e controle sobre o ambiente familiar.

A prática da violência era um dos mecanismos básicos da organização familiar no Império. O poder paterno era inquestionável e se apresentava de forma rígida e severa. A força dos pais respaldava a autoridade dos professores. Estes, além do consentimento dos pais, gozavam de amparo legal. Como destaca Castanha, (2009, p.257), “A lei autorizava o professor e impunha a ele a obrigação de corrigir o aluno pelo menor pretexto que apresentasse. Os casos mais graves deveriam ser levados ao Diretor para providências mais drásticas”.

Aragão e Freitas (2012) corroboram esse argumento, afirmando que a prática da violência era comum, pois seu uso era legitimado não apenas na escola, mas em todo o processo que envolvesse relações humanas: senhor e escravo, marido e esposa, pais e filhos, entre outros exemplos.

A naturalidade com que era vista a violência permitia a escola praticar atos violentos na educação das crianças, amparada por leis e decretos que regulamentavam os castigos e punições. A crença nos castigos físicos como caminho para formar cidadão estava enraizada culturalmente, o castigo era visto para o bem da criança e legitimada socialmente. (ARAGÃO; FREITAS, 2012). O ato de indisciplina do aluno era respondido com diversos graus de violência podendo ser física, verbal ou moral. Aos alunos cabia a submissão e aceitação do autoritarismo da instituição, retratada no regimento escolar, nas práticas de ensino e na proposta pedagógica.

Com a implantação do Regime Republicano, cujo fundamento básico é o bem comum e o bem público estendido a todos os cidadãos, o quadro da

violência pouco se modificou. Permaneceu a legitimação e o reconhecimento da violência como um ato normal e cotidiano. (NOGUEIRA, 2007).

Mesmo sofrendo inúmeras críticas, os castigos físicos ainda permaneceram nas escolas pelo menos até a primeira metade do século XX, como nos mostra um artigo publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos em 1944, denunciando sua existência: era comum as crianças serem colocadas de joelho, levarem cascudos, puxões de orelhas, serem submetidas a palmatórias, entre outros instrumentos de suplício e práticas punitivas (Souza, 2001).

Segundo Aragão e Freitas (2012, p.29):

Os castigos corporais perderam poder, mas não significou seu fim. Há a possibilidade de ter havido um deslocamento da materialidade para a imaterialidade, isto é, não mais a dor era imediata, através da palmatória ou chicote, mas o algoz era o tempo: longos períodos de pé, no canto da sala ou sem se alimentar por conta da falta do recreio ou, então, permanecendo após o horário de aula, entre outros exemplos.

A escola não poderia impor castigos físicos aos alunos, mas, as reclamações sobre o comportamento do aluno, o baixo rendimento escolar, a suspensão quando registrado na caderneta que era enviada aos pais representavam surras em casa. Ou seja, como ressaltam Aragão e Freitas (2012), o castigo era exercido de forma indireta aplicado em casa por uma falta cometida na escola.

O surgimento de novas teorias pedagógicas possibilitou discussões sobre a forma de educar e ensinar da escola, produzindo novas formas de compreender a infância, vendo a criança como um sujeito que necessitava de proteção. Souza (2002, p.608) comenta a esse respeito, pontuando que:

Uma das principais inovações enfatizada entre os propagandistas da Escola Nova referia-se à disciplina escolar. A Escola Tradicional era constantemente relacionada ao uso da punição, de castigos aviltantes, e de uma pedagogia profundamente desinteressante e avessa aos interesses e necessidades dos alunos. Em contraposição a esse modelo, os defensores da Escola Nova se vangloriavam do uso da disciplina, de métodos de ensino interessantes e adequados às características dos alunos, de criar uma escola alegre, divertida e sem o uso de castigos e humilhações.

Segundo López (2012, p.57) “A “nova escola” de princípios do século XX promoveu, o respeito pela criança e a busca de sua felicidade, condenando o castigo físico associado à escola tradicional que ela queria substituir. ”

Aragão e Freitas (2009, p.29) relata em seus estudos que diversos órgãos de proteção à infância foram criados, como a Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância (1934), o Serviço de Assistência ao Menor (1941), a Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor (Funabem), em 1964, por exemplo. Segundo os referidos autores, eram instituições criadas com a intenção de proteger as crianças pobres, mas que não conseguiram cumprir o seu papel social, com suas ações e legislações que provocaram debates na sociedade sobre a sua real finalidade.

Com a Constituição Federal de 1988 inicia-se um processo de reconhecimento da criança como sujeito de direito. O Art. 227 ressalta que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Em 1990, com criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a infância do Brasil registra um marco histórico. Em seu Art. 5º declara que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, sendo punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Ao conceber a criança e o adolescente como “sujeitos de direitos”, o ECA admite seu valor como seres humanos. “Esta é uma condição essencial para um desenvolvimento pleno: ser considerado e tratado como um ser de valor, de igual valor em relação aos outros. ” (SZYMANSKI, 2001, p.50)

Passados 24 anos do estatuto da criança e adolescentes, o grande desafio é dá concretude à Lei, pois ainda não foi possibilitado às crianças e aos adolescentes gozarem plenamente de seus direitos. Muitas ainda são vítimas de várias formas de violência e negligência na família, e a escola, como instituição socializadora, também reproduz esta violência.

2.2. Violência e Indisciplina: Uma distinção necessária

2.2.1- Conceituação e classificação da indisciplina

No registro do dicionário Houaiss, a indisciplina configura como: desobediência, insubordinação, falta de respeito (HOUAISS, 2004).

Segundo Silva (2010, p.3) “Em seu sentido mais corrente, no entanto, a palavra disciplina tende a designar um conjunto de regras e de ações que visam regular o convívio e o cumprimento das atividades pelos sujeitos numa dada instituição”.

A compreensão do sentido do termo de indisciplina voltada para o contexto escolar, assim como o da violência dentro da escola, também apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. É preciso integrar diversos aspectos para sua compreensão. Luciano Campos Silva (2010) ressalta que como agravamento recente do fenômeno da violência escolar e a enorme visibilidade social que ele tem adquirido, é comum, entre os profissionais da educação, a ocorrência de confusões envolvendo o uso dos conceitos de violência e indisciplina. Segundo o autor

Nas últimas décadas, as condições políticas e sociais específicas, como o reconhecimento dos direitos sociais e o aumento do exercício da cidadania pelos sujeitos, fizeram com que o conceito de violência sofresse um alargamento considerável, tendendo a englobar comportamentos que antes eram percebidos como práticas banais no mundo social. Em decorrência do exposto, tem sido bastante frequente no meio educacional a discussão em torno da pertinência de se empregar o conceito de *violência escolar* de uma forma demasiadamente alargada, uma vez que esse emprego pode fazer com que ele seja facilmente confundido ou acabe incorporando o conceito clássico de indisciplina. Por isso, muitos pesquisadores têm alertado para o risco de as escolas e os professores “deslizarem sistematicamente”, incluindo, sob a rubrica de violência, comportamentos triviais de indisciplina dos estudantes. (SILVA, 2010, p.4-5).

Em uma visão mais aprofundada do problema, percebe-se, que a indisciplina ultrapassa a dimensão comportamental, é necessário pensá-la em consonância com os diversos fatores organizacionais e pedagógicos da escola.

Segundo Aquino (1998), a “Indisciplina escolar estaria sinalizando, que algo, do ponto de vista pedagógico, e mais especificamente da sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos envolvidos. ”

Joe Garcia (1999, p. 103), em seu estudo sobre indisciplina escolar, relata que para se desenvolver um conceito sobre noção de indisciplina deve-se considerar os três planos de sua expressão na escola:

a) no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula; b) considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc. c) pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

A indisciplina neste sentido é decorrente de um todo que se entrelaça nas relações estabelecidas. A escola também pode ser uma geradora de indisciplina, a partir do momento que impõe em seus membros uma forma institucional que vai em desencontro com os interesses e a realidade de seus alunos.

Em cada caso é sempre necessário questionar qual o grau de participação da própria escola na geração de indisciplina, e não apenas assumir a posição simplista e autoritária que sugere, sem a devida fundamentação, que o problema sempre reside ou se origina na atitude dos estudantes. (GARCIA;1999)

Ao buscar compreender a indisciplina na escola, primeiramente deve-se compreender que esta evoluiu e adquiriu com o tempo formas diversificadas e complexas. Segundo Garcia, (1999) a indisciplina escolar não é um fenômeno estático, está “evoluindo” nas escolas. Sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. ”

Muitos atos indisciplinares ao se modificarem, tomaram uma dimensão que as vezes apresentam características violentas, o que dificulta por parte da escola fazer uma devida distinção entre disciplina e violência.

Dados do relatório nacional do Programme for International Student Assessment - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - (PISA)² os problemas de disciplina em sala de aula atrapalham o desempenho escolar dos alunos. As interrupções durante a aula, a falta de interesse e atenção dos alunos, o barulho e a desordem faz com que o professor demore a iniciar a aula. Segundo dados do Pisa, 36% dos alunos brasileiros afirmaram que o professor precisa esperar um longo tempo para que os alunos permitam que ele inicie a sua aula, contra 32% dos alunos dos países membros da OECD (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Cerca de 28% dos alunos brasileiros disseram que têm dificuldade de escutar o professor, 40% disseram existir barulho e desordem em sala de aula, 50% afirmaram ficar os 5 primeiros minutos das aulas sem fazer nada e 24% disseram sentirem dificuldades para assistir as aulas. Estas situações apontadas no relatório interferem diretamente no desempenho escolar dos alunos, acarretando uma baixa proficiência em relação a sua aprendizagem.

Silva (2010) em seu estudo, ressalta a necessidade dos professores repensarem suas práticas em sala de aula no que tange a estratégias para lidar com a indisciplina, considera que é necessário um trabalho com regras por parte dos professores. Segundo ele, agindo assim,

os professores não buscam apenas garantir as condições de trabalho numa sala de aula, mas oferecer aos estudantes a oportunidade de interiorizarem certos valores e atitudes indispensáveis ao exercício da cidadania, tais como o cumprimento de obrigações, o senso de responsabilidade, o gosto pelo trabalho, o zelo pelo patrimônio público, o respeito às pessoas, às autoridades, às leis e às diferenças culturais.(SILVA, 2010,p.5)

Frente ao exposto, um trabalho que vise a compreensão e o agir sobre os fatores gerados da indisciplina na escola, deve favorecer uma reflexão mais ampla sobre o problema. Considerando as expectativas dos professores, alunos e das famílias, frente a elaboração de regras de condutas para uma boa convivência. Assim como os aspectos relativos a aprendizagem do aluno, as

²PISA 2000: Relatório Nacional. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/school/programmeforinternationalstudentassessmentpisa/33683964.pdf>. Acesso: 11 de maio de 2015.

relações interpessoais e organizacional da escola, não podem ser excluídos deste processo.

2.2.2- Conceituação e classificação da violência

O que se propõe neste item é fazer um breve levantamento do significado da palavra “violência” em obras de referência e diferentes campos de estudo, enriquecendo a pesquisa com as contribuições dos autores que a tratam.

O estudo sobre violência escolar ganhou notoriedade no Brasil a partir da pesquisa intitulada: Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil, de autoria de Marília Pontes Spósito, publicada no ano de 2001. Neste balanço constatou que somando-se o conjunto de teses e dissertações produzidas entre 1980 e 1998, em toda a pós-graduação em Educação no Brasil, de um total de 8.667 trabalhos, somente nove investigaram o tema da violência escolar. (SPOSITO, 2001). De acordo com a autora apesar de ainda ser incipiente, a produção já traça um quadro importante do fenômeno no Brasil, mostrando as principais modalidades: ações contra o patrimônio depredações, pichações e formas de agressão interpessoal, sobretudo entre os próprios alunos. Ressalta ainda que o aumento da preocupação com a violência escolar no final da década de 1990 se deu em grande parte por episódios de violências ocorridos dentro da escola destacados pela mídia, como forma de denúncia pela precariedade e falta de segurança das escolas.

Neste sentido, diversos pesquisadores, entre eles Camacho (2001), Aquino (1998), Charlot (2002), e Abramovay (2009) vêm desenvolvendo estudos com objetivos de analisar e compreender o fenômeno da violência escolar.

Outra modalidade de pesquisas são os estudos baseados em produções acadêmicas de cursos de mestrado e doutorado, tomando com referências anos subsequentes. Sastre (2011) publicou um Panorama dos Estudos Sobre Violência nas Escolas no Brasil: 1980-2009. Em 2003, Rosana Nogueira defendeu sua dissertação de mestrado, Escola e Violência: análise de dissertações e teses sobre o tema na área de Educação, no período de 1990 a

2000. Mais recentemente, em 2008, Juliana Aparecida Matias Zechi realizou sua dissertação de mestrado sobre a “Violência e indisciplina em meio escolar: Aspectos teórico metodológicos da produção acadêmica no período de 2000 a 2005”. Por outro lado, Elaine Cristina Scarlatto trabalhou com a produção bibliográfica de 2001 a 2009, cuja temática era violência por professores/as contra seus/as alunos/as, em sala de aula.

Nestas e nas diversas literaturas pesquisadas sobre o tema violência escolar, encontra-se uma variedade enorme de definições para o fenômeno. A palavra é utilizada para denominar os mais diversos comportamentos, e a ela é inerente múltiplos sentidos e distintos significados.

Partindo destas análises pode-se inferir que não existe uma única forma de violência, mas uma multiplicidade de manifestações de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas dentro do contexto social e histórico em que ocorrem. O conceito de violência, ao englobar inúmeras variáveis, possui diversas interpretações o que a torna um tema amplo e complexo, como descreve Camacho (2001, p.125):

A violência acomete o mundo contemporâneo em todas as suas instâncias e se manifesta de variadas formas. Ela está presente em toda sociedade e não se restringe a determinados espaços, a determinadas classes sociais, a determinadas faixas etárias ou a determinadas épocas. É equivocado pensar que ela se vincula apenas e diretamente à pobreza, aos grandes centros urbanos, aos adultos e aos dias de hoje. (CAMACHO;2001, p.125)

Em seus estudos, a referida autor relata da dificuldade de classificação dos conceitos violência escolar e indisciplina:

Ao analisar o fenômeno da violência, deparamo-nos com uma série de dificuldades. Uma delas se refere justamente a essa multiplicidade de compreensões a seu respeito. Essa diversidade evidencia a fragilidade das suas fronteiras. A violência se confunde se interpenetra se inter-relaciona com a agressão de modo geral e/ou com a indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar. (CAMACHO, 2001, p.128)

A diversidade de formas apresentadas pela violência levou alguns especialistas no assunto a buscarem a classificação dos tipos para facilitar a compreensão e atuação sobre o problema.

Partindo para uma análise direcionada à escola, Charlot (2002), amplia o conceito de violência escolar, classificando-a em três níveis: violência,

incivilidade e violência simbólica ou institucional. Em seu artigo “A violência na escola como os sociólogos franceses abordam estão questão”, o autor relata que a violência escolar não é um fenômeno novo, o que é realmente novo são as formas mais graves com que esta tem se apresentado na atualidade, afirmando: “Tudo pode acontecer na escola o que contribui para produzir o que se poderia chamar de uma angústia social face à violência na escola” (CHARLOT, 2002, p.433),

Segundo o autor a escola não é mais um lugar protegido, estando inclusive os jovens praticando atos de violência cada vez mais cedo, pois alunos de 8 a 13 anos, às vezes, revelam-se violentos até frente aos adultos; inclusive, professores do maternal já presenciam atos de violência em crianças com idade de 4 anos. Cita também o aumento no número “de intrusões externas” na escola: que seriam as agressões vindas de fora.

Neste sentido o autor acrescenta que é necessária atenção com relação ao saber, quando se trabalha a questão da violência na escola, analisando o vínculo desta com a sociedade e suas formas de dominação e de desigualdade. É importante também ficar atento às questões ligadas à escola enquanto instituição como: a criação de suas regras e normas, as relações estabelecidas em seu interior e a organização da sua forma de ensinar demonstrada através das suas práticas pedagógicas. Para ele, os atos de violência no ambiente escolar podem estar ligados à falta de prazer em estudar pelo aluno.

Para complementar o entendimento sobre escola e violência, Charlot (2002) destaca a multi-diversificação da violência, sendo possível trabalhar três ações diretas: a “violência na escola”, “violência da escola” e “violência à escola”.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e a as atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Pode-se, contudo, perguntar-se por que a escola, hoje, não está mais ao abrigo de violências que outrora se detinham nas portas da escola. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens

suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modo de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).(CHARLOT, 2002, p. 432)

Charlot defende que esta diferenciação é importante pelo fato de que se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência na escola, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação, face à violência da escola e à escola.

Assim, para além do reconhecimento das formas de violência cotidiana existentes na escola, se faz necessário a diferenciação com indisciplina e das implicações destas no ambiente escolar e no convívio entre as pessoas.

3. A relação escola/violência e suas implicações.

A instituição escolar, muito além de ensinar a ler e a escrever, sempre teve como missão preparar as pessoas para viverem em sociedade, adequando-as às normas sociais. A violência no cotidiano escolar, traz implicações diretas na vida das pessoas que compartilham este espaço, causando um mal-estar e uma descrença entre os profissionais, levando-os a questionarem sobre qual o real papel que compete a escola.

Nesta linha de pensamento, Sastre(2014), baseando-se em Cléo Fante (2013), ressalta as implicações da violência no comportamento dos integrantes do ambiente escolar, classificando-a de acordo com o público envolvido:

A- Discentes- Disrupção (perturbação nas aulas). Absenteísmo (falta de assistência às aulas). Problemas somáticos e psicológicos (ansiedade, tédio, depressão). Falta de interesse e desencanto pela escola. Queda do rendimento escolar. Falta de perspectiva de futuro melhor via educação. Diminuição da autoestima. Evasão escolar. Retenção escolar. Descrença no Poder Público. **B- Docentes e quadro funcional** - Desesperança. Descrença no sistema educacional. Diminuição da autoestima. Problemas somáticos. Síndrome de Burnout (problemas relativos ao estresse profissional). Descrença no Poder Público. **C- Família e Sociedade** - Falta de perspectiva de futuro melhor via educação. Desvalorização do ensino. Descrença no sistema educacional. -" descrença no poder público". (SASTRE, 2014, p. 62-63).

Estudos também relatam que o clima escolar é um fator essencial para aprendizagem dos alunos e para o bom desempenho profissional, sendo que a

ausência deste fator tende a comprometer o trabalho de todos. Sposito (2001), no artigo intitulado “Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil”, evidenciou como as relações conflituosas existentes entre alunos e professores têm modificado o clima dos estabelecimentos escolares, especialmente as atitudes dos professores que passam a sentir medo e insegurança em relação aos alunos.

Abramovay; Rua (2003) corroboram neste sentido

Entre os professores o absentéismo é uma das consequências diretas das violências e da falta de reconhecimento pelo mérito de seu trabalho. Outros resultantes são a perda de estímulo para o trabalho, o sentimento de revolta e a dificuldade de se concentrar nas aulas. (ABRAMOVAY; RUA, 2003 p.79)

Se os professores se sentem desmotivados e acuados pela violência, os alunos também sentem a violência que emana das práticas docentes que inconsciente ou não, são exercidas nas relações estabelecidas.

Sposito (2001, p.100) destaca neste sentido que “as incivildades sinalizariam, também, um conjunto de insatisfações manifestadas pelos alunos diante de sua experiência escolar”. A violência, assim, é de mão dupla, vitimando alunos e profissionais envolvidos no processo educacional.

Éric Debarbieux (2001) relata que a violência dos adolescentes na escola para Bourdieu, poderia acreditar ser, um rompimento com a ordem social estabelecida e, em particular, com a escola, o que indicaria apenas, a reprodução das violências sofridas.

Bourdieu propõe uma "lei de conservação da violência", que é, em última análise, "o produto da 'violência interna' das estruturas econômicas e dos mecanismos sociais revezados pela violência ativa dos homens" (BOURDIEU p. 274). Bourdieu não legitima, pois, de nenhuma maneira a violência exercida pelos jovens ou pelos fracos, ela não é para ele senão um agente da reprodução social, se detendo nos limites do universo imediato sem combater as estruturas de dominação. (DEBARBIEUX, 2001, p166).

Para Bourdieu as escolas reproduzem a violência “pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação” (BOURDIEU, 2001, p. 206).

Pressupõe-se que, a violência presente no dia a dia, retrata uma sociedade estruturada por um modelo econômico, que se mantém através das

diferenças de classes, gerando problemas de diversas ordens: moral, ética, social, política e econômica.

Conforme relata Debarbieux (2001, p.166)

A reprodução de uma ordem social desigual e o fracasso escolar de crianças que sofrem cultura da classe dominante por meio dos hábitos remete uma violência simbólica definida como “poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, ao dissimular as relações de força que estão no fundamento de suas forças” (Bourdieu e Passeron, 1970, p.18). Para Bourdieu, a forma suprema da violência simbólica é que os produtos dominados de uma ordem dominada enfeitadas de razão (como as que agem através dos veredictos da instituição escolar ou através dos ditames dos especialistas econômicos) não podem se não atribuir seu assentimento ao arbitrário da força racionalizada. (Bourdieu, 1997, p.99)

A escola enquanto instituição social, contribui para manutenção de uma ordem social que deve-se manter estabelecida. A violência manifestada no comportamento violento e indisciplinados dos alunos, poderia dentre outros aspectos ser reflexo de um desinteresse e desmotivação dos mesmo sem relação a proposta de ensino da escola, que talvez, não vem atendendo as expectativas e interesses dos jovens.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo concentrou-se na investigação sobre a percepção da violência e da agressão, por parte dos alunos e dos funcionários que trabalham na escola. O estudo foi desenvolvido em uma Escola Estadual do Município de Muriaé, localizado na região da Zona da Mata Mineira. A escolha desta se deu pelo fato da mesma apresentar um alto índice de registros sobre violência no livro de ocorrências internas e nos Boletins de Ocorrência realizados por policiais, em função dos comportamentos violentos e indisciplinados dos alunos.

Para a elaboração desta pesquisa, adotou-se a metodologia qualitativa e quantitativa, a técnica de coleta de dados, realizada durante o período de agosto a outubro de 2014, consistiu na aplicação de entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado onde os entrevistados profissionais da escola e

alunos poderiam marcar mais de uma opção de resposta, tendo sido abordado duas categorias: escola e violência escolar.

A amostra deste estudo foi composta de 22 profissionais da escola e 24 alunos do ensino fundamental com idade entre 12 a 17 anos, matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental, autorizados pelos pais e ou responsáveis, conforme o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). A maior dificuldade encontrada para a coleta dos dados foi a autorização dos Termos de consentimento livre e esclarecido que deveriam ser assinados pelos pais e ou responsáveis. Apesar das muitas vezes que foram procurados, dos 190 TCLE distribuídos somente 24 alunos retornaram com eles assinados o que representou custos, em termos de energia e tempo.

As informações obtidas nas entrevistas semiestruturadas foram categorizadas, com base na metodologia de Charlot (2011) a fim de possibilitar uma análise dos conteúdos das falas e respostas, examinando-se percepções dos entrevistados sobre os tipos de violência que ocorrem na escola e buscando conhecer a percepção dos professores sobre violência escolar e indisciplina.

A análise da natureza das respostas foram a luz das categorias sugeridas por Bernardo Charlot (2002): Violência, Incivilidades e Violência simbólica ou institucional. Para complementar o entendimento sobre o problema, considerou-se, segundo o autor, a multi-diversificação da violência, trabalhando em três ações diretas: a “violência na escola”, “violência da escola” e “violência à escola.

Para os dados quantitativos foram utilizadas análises estatísticas, basicamente, de natureza descritiva, em função do caráter diagnóstico da presente pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de atingir o propósito da pesquisa, inicialmente fez-se aos profissionais entrevistados o seguinte questionamento: Como você distingue violência escolar de indisciplina escolar? A maioria (76%) respondeu que a indisciplina está relacionada ao descumprimento de normas, enquanto a

violência, à ocorrência de agressões, sejam elas físicas ou verbais, conforme o seguinte depoimento abaixo relacionado:

“Violência escolar: agressão física, agressão verbal, brigas, bullying etc. Indisciplina: uso inadequado de expressões verbais, desobediência, descumprimento de normas da escola.” (Prof. D, Sexo F.)

Na busca de confirmar se a escola estudada era um ambiente onde acontecia repetidamente atos de indisciplina e violência foi perguntado aos profissionais da escola: Existe violência na sua escola? A resposta foi afirmativa, reforçando a existência do problema, uma vez que a metade disse “sim”, enquanto outra metade respondeu às vezes.

A resposta dos alunos à mesma pergunta também foi afirmativa, reforçando a existência do problema, uma vez que mais da metade 68% dos alunos disseram sim e 32% disseram às vezes. E ao ser indagado aos alunos: Alguma vez você já viu alguém sofrendo agressão? Quase a totalidade (96%) respondeu que sim.

Assim, tanto os profissionais quanto os alunos confirmam a violência no ambiente escolar, o que gera um clima de tensão. Este clima produz um sentimento de medo e insegurança nos alunos, em suas famílias e nos profissionais da escola, o que pode ser demonstrado, pelo alto número de transferência escolar dos alunos e diversos pedidos de remoção de professores registrados pela escola nos anos de 2011, 2012 e 2013.

Uma vez que a maioria dos entrevistados ressaltaram atos de violência na escola, foi perguntado aos alunos quais os tipos de violência que já haviam presenciado na escola. Alguns dos entrevistados marcaram mais de uma opção de resposta, mostrando que percebem mais de um tipo de violência. Sendo que os tipos dominantes se referem a xingamentos e palavrões; empurrões e chutes; preconceito e racismo; brincadeiras bobas e de mal gosto; seguidos por roubo, briga entre professor e aluno, briga entre diretora e aluno.

Figura 05 – Tipos de violência identificados pelos alunos, Muriaé/MG, 2014



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Essa mesma questão, na percepção dos professores, (Figura 06) mostrou que o ato de violência mais frequente estaria associado a agressões verbais (insultos, xingamentos e palavrões), seguido de agressões físicas (empurrões, tapas e chutes), além de depredação do patrimônio e roubo, bem como conjugado de diferentes tipos de violência, como físicas, verbais e psicológicas.

Na comparação entre as percepções dos profissionais e alunos registrou-se que a agressão verbal era da ordem de 83% para os profissionais e de 92% na versão dos alunos. Já as agressões físicas foram apontadas por 37% dos profissionais e 76% para os alunos, o que sinaliza uma percepção com um grau de diferença significativo. Conforme figura 6.

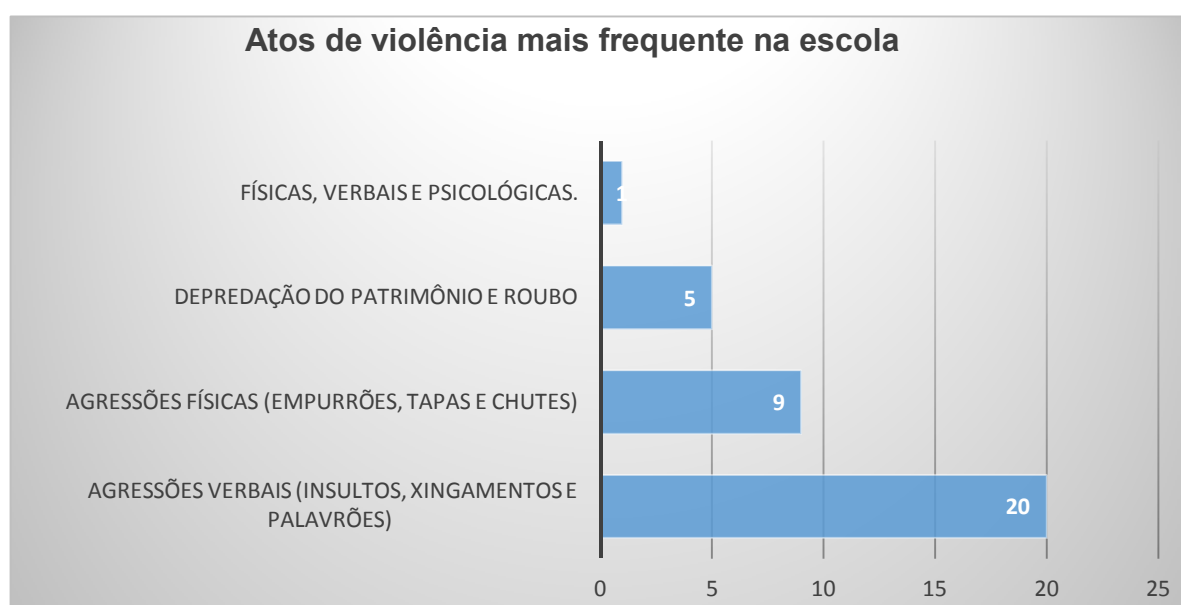


Figura 06 – Tipos de atos de violência mais frequentes, na visão dos professores, Muriaé/MG,.
Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Observa-se no cotidiano da escola e nas respostas dadas pelos entrevistados que os alunos sofrem e produzem mais violência física que os professores. Santos (2001) comenta a respeito, afirmando:

Devemos sempre estar conscientes, ao analisar o fenômeno da Violência na escola, de que estamos em face de uma relação professor/aluno, na qual este está desfavorecido em uma relação de poder, pois a violência, ao contrário do senso comum que criminaliza o infante, produz vítimas justamente entre as crianças e os adolescentes. (SANTOS, 2001, p.106)

Em relação ao bem público, na pergunta que avalia a violência relacionada ao patrimônio e roubo, as percepções dos profissionais (20%) e dos alunos (16%) também são parecidas, indicando que este tipo de violência não ocorre com tanta frequência, pois foi pouco percebida por todos os entrevistados.

Na sequência da análise das respostas somente um professor marcou que na escola existe os três tipos de violência: física, verbal e simbólica. Frente ao exposto, percebe-se que a escola, por parte dos seus profissionais, não se vê como possível reprodutora de atos de violência, cuja origem estaria no comportamento inadequado do aluno.

Camacho (2001) ressalta que os professores identificam a violência e ou/ indisciplina por parte do aluno, sendo poucos os que consideram a violência e ou indisciplina exercida pelo docente contra seus alunos.

Outro ponto relevante surgido nas respostas dadas pelos entrevistados foi o fato de que 72% dos alunos responderem terem sido vítimas de preconceito e racismo. Esse tipo de violência foi destacado por Charlot (2002), referindo-se à mesma, como:

Não são golpes, ou a extorsão, nem mesmo os furtos, isto é, os fenômenos mais mediatizados, que mais frequentemente são invocados, mas os ataques à pessoa ou a seus bens na vida cotidiana inclusive o racismo, que as instituições escolares e seus agentes seguidamente deixam passar em silêncio quando se fala de violência na escola. (CHARLOT, 2002, p.438)

O preconceito e o racismo sofridos pelos alunos no cotidiano da escola podem ser manifestados através de olhares, gestos e formas diferenciadas de

tratamento entre os alunos. Ou seja, são atitudes que muitas vezes de forma silenciosa marca suas vítimas, como salienta Abramovay (2005):

Destacam-se as discriminações como formas de violência. O racismo pode se realizar por comportamentos disfarçados de brincadeiras e piadas ou uma pseudocordialidade, sendo que muitos dos que têm tais práticas não lhes atribuem intenção racista, mas muitas vezes são sentidos como tal por quem é alvo. Existem alunos, porém, que afirmam ter preconceito racial e declaram que diversas brigas são motivadas pelo racismo (ABRAMOVAY, 2005, 81)

As brincadeiras bobas e de mal gosto citadas por 84% dos alunos, inicialmente pode ser é um ato de indisciplina, mas que dependendo da dimensão, pode se torna um ato de violência. Segundo Camacho (2001), a atribuição de apelidos é encarada como brincadeira por quem o atribui, mas nem sempre por quem o recebe. Inicialmente, tudo é brincadeira, somente uma diversão de quem quer se divertir provocando e irritando o colega, no momento seguinte, ao vir a resposta do aluno visado, com ponta pés e a trancamento de corpos, se transforma em violência.

Por outro lado, as brincadeiras bobas e de mal gosto podem constranger a vítima que se sente humilhada, caracterizando também uma outra forma de violência, que é o bullying:

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE, 2005, p. 27)

A relação professor e aluno também foi vista como um ponto de conflito na escola, por 44% dos alunos, que identificaram existir briga entre professor e aluno, bem como briga entre diretora e aluno (28%). Esta resposta vai ao encontro às dos professores, ao afirmarem existir uma convivência que alterna momentos de tranquilidades e conflitos, na relação professor e aluno (68%).

No que diz respeito às relações estabelecidas entre os alunos, os profissionais consideraram existir um clima de indisciplina já que 91% disseram que existem momentos de tranquilidade com momentos de brigas e confusões; 22% com ausência de respeito e com episódios de brigas e confusões nas

relações estabelecidas e somente 14% declarou que existe presença de respeito.

A visão dos professores vai ao encontro com as respostas dadas pelos alunos, que revelam a existência de violência entre seus pares, dado que 44% disseram que já sofreram violência na escola; sendo que destes 20% apontaram o professor e 24% alunos da própria escola, como sendo os responsáveis pela violência, enquanto 44% disseram nunca ter sofrido violência na escola. Uma observação interessante na análise das respostas desta questão, foi o fato de que alguns alunos, que disseram não ter sofrido violência na escola, marcou uma opção de violência dentre as enumeradas, sugerindo que os mesmos não têm um discernimento do que pode ser considerado como tal. Em seguida, questionou-se sobre, o tipo de violência que o aluno havia sofrido na escola, novamente os alunos marcaram mais de uma opção, sendo que a maioria (40%) apontou brincadeiras bobas e de mal gosto; 36% violência do tipo física (empurrões, tapas, chutes); 32% agressões verbais (insultos, xingamentos, palavrões); 8% na forma de bullying; enquanto 20% afirmou nunca ter sofrido violência na escola.

Constatou-se também que a violência era de mão dupla na escola, pois ao mesmo tempo que o aluno era a vítima da violência também afirmou ser causador de atos de violência, conforme 48% dos respondentes. A prática da violência pelos alunos era do tipo física (empurrões, tapas, chutes), conforme 40% dos entrevistados; 20% afirmaram ser agressão verbal contra os professores e ou diretor; enquanto 10% declararam cometer agressões verbais (insultos, xingamentos, palavrões) e 10% brincadeiras bobas e de mal gosto.

Este resultado reafirma a violência entre os pares, quando 44% disseram ter praticado violência contra outro aluno da escola e 8% contra os professores.

Na visão dos alunos, o local onde ocorre o maior número de violência é na sala de aula (76%); 16% afirmou no pátio; 8% em todo lugar.

Figura 07: Local frequente da violência, na visão dos alunos, Muriaé/MG, 2014.



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Apesar das respostas indicarem uma relação que passa por conflitos internos, principalmente dentro das salas de aulas 40% dos professores, afirmaram existir presença de respeito em relação aos alunos; 36% destes citaram que na relação professor e aluno há abertura de espaços para a expressão dos alunos nas atividades desenvolvidas; assim como 14% marcaram a opção que sinaliza uma relação afetuosa entre eles. Por outro lado, 14% apontaram uma falta de respeito em relação aos alunos e 5% ausência de autoridade por parte do professor.

Considera-se que a violência é um problema social que reflete na escola, configurando-se a violência escolar um estado de alerta, pois impossibilita que a escola cumpra a sua função social, que é proporcionar uma formação integral que possibilite ao aluno o exercício da sua cidadania. Conforme dita a Lei N°. 9.394/96 - Título II – Dos princípios e fins da Educação Nacional, Art.2º: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Ao confrontar os resultados da pesquisa com a classificação sugerida por Bernard Charlot (2002), percebe-se que, as formas manifestadas de violência dentro da escola, caracterizam a existência da violência e da incivilidade. Sendo as ações de incivildades mais frequentes, mas o número expressivo de

violência mostra um fator agravante do problema, como ressalta Abramovay (2005)

Nos últimos anos, chama a atenção o aumento ou registro de atos delituosos e de pequenas e grandes incivildades nas escolas, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. A escola não seria mais representada como lugar seguro de integração social, de socialização. Não, é mais espaço resguardado. Ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. (ABRAMOVAY,2005, p.27)

No que tange à indisciplina e a violência fica difícil definir limiares ou fronteiras entre elas. Para Camacho (2001, p. 128), não é possível isolar o fenômeno da violência do da indisciplina, pois “a violência se confunde, se interpenetra, se inter-relaciona com a agressão de modo geral e/ou com a indisciplina”.

Ao aplicar os conceitos de multi-diversificação da violência de Charlot (2002), que ocorre em três ações diretas: a “violência na escola”, “violência da escola” e “violência à escola”, percebeu-se, conforme resultado da pesquisa (Quadro 02) que as brigas entre professores e alunos, diretor e alunos caracterizam uma forma mais frequente de violência à escola, uma vez que os profissionais personificam o sentido desta. Além disso, 36% dos alunos declararam ter sofrido violência da escola, seja por parte do professor (32%) e da supervisora (4%), por meio de atitudes autoritárias e agressivas para fazer cumprir as normas e regulamentos internos. A manifestação de violência à escola foi menos expressiva, no formato de roubos (23%) conforme observação de alunos e profissionais.

Quadro 02- Manifestações da violência escolar, conforme Charlot, Muriaé/MG, 2014.

Tipos de Violência	Frequência	
	Número	%
I. Violência na escola	0	0
II. Violência à escola		
Briga entre professor e aluno	11	44
Briga entre diretora e aluno	07	28
Roubo	05	23
III. Violência da escola		

Pelo professor	9	32
Pelo Supervisor Pedagógico	1	4

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O conceito de violência para os alunos vai além da agressão física, diversos estudos, consideram como violência situações que não envolvem somente a força física (ABRAMOVAY, 2002). No estudo realizado constatou haver percepções sobre violência que envolvem, predominantemente, a agressão verbal, bullying, preconceito, desentendimentos, brincadeiras bobas, caracterizando, predominante, a violência à escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina e a violência estão presentes na escola, sendo o grande desafio fazer um discernimento de ambas, uma vez que, alguns atos indisciplinados por serem graves se tornam atos de violência. A percepção dos alunos e dos profissionais da escola em relação a classificação e conceituação de indisciplina e violência são similares, o que evidencia o problema existente.

Se faz necessário uma melhor compreensão sobre o que é violência e o que é indisciplina, para intervenções mais efetivas. Ou seja, há necessidade de um entendimento mais profundo sobre esta temática, levando em consideração os diversos fatores extra muro e intramuros que influenciam a escola, bem como as múltiplas interpretações que podem estar contidas nas respostas, assim como proporcionar a abertura para um diálogo entre os sujeitos que convivem na escola, a fim de buscar possibilidades para uma convivência menos conflituosa e um clima propício para a socialização e formação do aluno enquanto sujeito direitos e deveres.

Sendo assim, é necessário que a escola conheça os valores, a cultura da comunidade, suas vivências e experiências, para desenvolver um trabalho de formação com seus alunos no sentido de resgatar a escola, como um lugar de encontro entre seus membros e não de desencontros, como é observado atualmente.

Como indicado por evidências empíricas, a violência produz prejuízos diversos para o sistema educacional brasileiro, entre eles, a perda de carga horária de aula, aprendizado insuficiente, clima de insegurança e medo, profissionais desmotivados a seguir carreira, alunos desacreditados em seu potencial; enfim, a negação do direito a uma educação de qualidade e, conseqüentemente, um país menos desenvolvido culturalmente, moralmente e eticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal SEEDF, 2009.

ABRAMOVAY, M; RUA, M.G. **Violência nas escolas**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2002. V. 1. 400 p.

ABRAMOVAY, M. (Org.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violência nas escolas, MEC, 2005. 404 p.

ABRAMOVAY, Mirian (Org.). **Violência nas escolas: situação e perspectiva**. Boletim 21, Brasília/DF, 2005.

ALLI, M. A. E. **Violência nas escolas: versão Resumida**. Brasília: UNESCO, 2003. 88 p.

ARAGÃO, M.; FREITAS A.M.G.B.; Práticas de castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano _ **Conjectura**. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012

AQUINO, Júlio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul. 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acessado em: 10 de junho de 2015.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1, p.123-140, jan./jun. 2001.

CASTANHA, P. A., A Prática dos Castigos e Prêmios na Escola Primária do Século XIX: do legal ao real; – **Educereet Educare** – Revista de Educação V. 4 n. 8, p. 245-259, jul./dez. 2009.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**. Ano 4, n. 8, p.432-443, jul./dez. 2002.

DEBARBIEUX, Éric. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997) **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 163-193 jan/jun.2001.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n.95, p.101-108,1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro:Objetiva:2004.

LÓPEZ, Sarramona I. **Educação na Família e na escola**. O que é, como se faz. Tradução Milton Camargo Mota, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NOGUEIRA, Rosana M.C.D.P.A. **Escola e Violência**: a análise de Dissertações e teses sobre o tema produzida na área de Educação, no período de 1990 a 2000. 2003, f. 258, Dissertação (Mestrado em Educação) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NOGUEIRA, R.M.C.D.P.A; **Violência nas escolas e juventude**: um estudo sobre o bullying escolar. 2007, f. 258 . Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade), São Paulo, PUC, 2007.

SANTOS, J.V.T.; A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

SASTRE, Ediberto, **Panorama dos Estudos Sobre Violência nas Escolas no Brasil: 1980-2009**. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015503.pdf>>Acessado em: 22 de janeiro 2015.

SCARLATTO, Elaine Cristina; CARLINDO, Eva Poliana; SILVA, Marilda. Violências por professores/as contra seus/as alunos/as. **Revista LEVS**, n. 6, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2001

SILVA, L. C. Os professores e a problemática da indisciplina na sala de aula. **ANAIS do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento** – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.

SOUZA, R. C. **Punições e Disciplina**: Introdução ao estudo da cultura escolar- Universidade de São Paulo; Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/2cpehemg/arq-ind-nome/eixo7/completos/punições-disciplina.pdf>>. Acessado em 10 de janeiro de 2015.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

ZECHI, J. A. M. **Violência e Indisciplina em meio escolar: aspectos teórico-metodológicos da produção acadêmica no período de 2000 a 2005**. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

**ARTIGO 3 – INTERFACES ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA, COMUNIDADE E
VIOLÊNCIA.**

RESUMO

VALE, Cláudia Antonia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, março de 2015. **Interfaces entre Família, Escola, Comunidade e Violência.** Orientador: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Coorientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda

Para compreender a violência escolar é necessário reconhecer a sua existência e origem. O objetivo do estudo foi identificar as violências e indisciplinas ocorridas dentro da escola, examinando suas interfaces com o perfil socioeconômico pessoal e familiar dos alunos, o espaço comunitário, dimensão física e pedagógica da escola. O estudo foi desenvolvido em uma escola estadual, sendo realizada pesquisa bibliográfica sobre o tema, pesquisa documental sobre registros de ocorrências de violência, além de entrevistas com os professores, alunos e famílias de alunos, que repetitivamente cometem atos de indisciplina ou violência. Os resultados evidenciam que os alunos com comportamento violento, pertencem a famílias de baixa renda, situadas em uma comunidade que não oferece estruturas físicas adequadas. A escola exime-se do problema, deslocando-o para as famílias e o meio onde vivem. Os alunos e suas famílias sentem fortemente a presença de discriminação social enquanto os professores sentem insegurança.

Palavras Chave: Escola, Família, Violência.

ABSTRACT

VALE, Cláudia Antonia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, March 2015. **Interfaces among Family, School, Community and Violence.** Advisor: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Co-Advisor: Wânia Maria Guimarães Lacerda

To understand school violence it is necessary to recognize its existence and origin. The aim of the study was to identify the violence and indiscipline occurred within the school, examining its interfaces with the personal socioeconomic profile of students, of their families, community space, physical and pedagogical dimension of school. The study was conducted in a state school, being held, bibliographic survey on the subject documentary research on records of occurrences of violence, as well as interviews with teachers, students and families of students who repeatedly commit acts of indiscipline and violence. The results show that students with violent behavior, are from low income families, located in a community that does not offer adequate physical infrastructure. The school exempt itself the from problem, moving it to the families and the environment where they live, students and their families strongly feel the presence of social discrimination, while the teachers feel insecure.

Keywords: School, Family, Violence.

1 INTRODUÇÃO

Refletir a respeito da violência torna-se cada vez mais necessário, principalmente, para os educadores que trabalham com formação de crianças e jovens. A ação reflexiva permite compreender melhor em que ela se consiste, de que maneira está presente em nossas vidas e como se manifesta. Sabe-se que a violência é exercida de diversas formas, algumas explícitas e outras dissimuladas, sendo que qualquer destas formas trazem danos ao convívio escolar e ao desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos.

Para lidar com a violência na escola, é necessário primeiramente reconhecer a sua existência, caracterizar as suas formas, conhecer suas origens e buscar estratégias para controlá-la.

Considera-se que a família é a base da educação da criança, é nela que se inicia o processo de socialização e inserção da criança na sociedade, cabendo à escola complementar esta educação, atuando como uma mediadora entre o sujeito e o conhecimento. Por isso, ao se pensar em violência escolar, deve-se considerar todos os envolvidos no problema, pois de certa forma contribuem para a sua manutenção.

Sendo assim, este estudo objetivou examinar a inter-relação da violência escolar com os aspectos socioeconômicos da localidade, dos alunos e suas famílias, a fim de verificar se este seria um dos fatores que pode contribuir para o problema vivenciado pela escola.

2.Revisão de Literatura

2.1.Violência nas escolas e seus determinantes

A violência é uma antiga conhecida da escola, antigamente vinha do próprio sistema escolar, professores e diretores a exerciam através de punições e castigos corporais. Na literatura atual, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos (ABRAMOVAY; RUA,2003).

Abramovay e Rua (2003), citando Charlot e Émim (1997) dizem que é difícil definir violência escolar pois esta remete a fenômenos heterogêneos difíceis de delimitar e ordenar, mas também desfaz representações sociais fundamentadas na concepção de infância associada à ideia de inocência e a de escola compreendida como refúgio de paz.

Os autores acrescentam que a escola que outrora reinava a disciplina e transmitia a sensação de segurança para as famílias, hoje é mais difícil de encontrar. As mudanças sociais ocorridas na sociedade vêm refletindo dentro da escola, sendo importante atentar para as mudanças sobre o tipo de violência que ocorre nas escolas. Reconhece que são diversas as manifestações de violências ocorridas dentro da escola, como: o uso de drogas, o porte de armas, o preconceito, as ameaças de gangues, agressões físicas e verbais, como xingamentos e palavrões. São comportamentos inadequados geradores de violência entre os alunos e professores. Os autores ressaltam que a ênfase de cada estudo depende daquilo que é definido como violência

Os problemas da sociedade contemporânea, ocasionaram mudanças na forma de análise da violência, como destacam Abramovay e Rua (2003, p.13)

Inicialmente, a violência na escola era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento antissocial. Hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles.

A diversidade de formas apresentadas pela violência levou alguns especialistas no assunto a buscarem a classificação dos tipos para facilitar a compreensão e atuação sobre o problema. A autora Cléo Fante (2005) apresenta uma classificação sistematizada sobre violência escolar, que não reduz somente à criminalidade, examinando o problema quanto ao grau, formas, tipo, nível, dimensões e seus determinantes, assim delimitados:

I- Quanto ao grau:- Violência simples ou pontual: aquela em que o autor ataca sua vítima de forma esporádica. -Violência complexa ou frequente: aquela em que o agressor ataca a sua vítima de maneira frequente. **II- Quanto à forma:**- Violência direta: contra pessoas, interpessoal. - Violência indireta: contra utensílios, bens ou patrimônio

(destruções, vandalismo, furtos) - Violência oculta -Violência identificada **III- Quanto ao tipo de violência:** - Violência física e sexual. Violência verbal. Violência psicológica. Violência fatal. **IV- Quanto ao nível** -Discentes. Docentes. Funcionários. Pais. Instituição. **V- Quanto às dimensões:-** Violência dentro da escola (relações interpessoais, furtos). Violência na área próxima da escola (relações interpessoais, uso e tráfico de drogas). -Violência da escola (simbólica, disciplinarização dos corpos e das mentes, métodos de ensino, relação da comunidade escolar e desesperança com o papel da escola). **VI- Quanto aos determinantes** -Fatores biológicos (idade, nível de ativação hormonal). Fatores pessoais (dimensão da personalidade com certa propensão à violência). Fatores familiares (modelos de interação familiar, desagregação familiar). Fatores sociais (condições socioeconômicas). Fatores cognitivos (experiências vividas; isolamento, privação, associação entre emoção e agressão). Fatores ambientais (exposição repetida à violência doméstica, nos meios de comunicação e em jogos eletrônicos, tráfico e uso de drogas, impunidade). (Fonte, 2005, p.158-161)

Assim sendo, não se pode reduzir a violência somente ao crime, ela sempre se manifesta em relação a alguém e pode gerar danos físicos, morais, éticos, psicológicos e sociais.

Pressupõe-se que a forma organizacional da sociedade brasileira totalmente excludente, com apelo para o consumo exagerado, poucas oportunidades de trabalho para quem não é qualificado, ausência de segurança, saúde e educação pública deficitária possa gerar atos de violência. Esta falta de estrutura beneficia alguns em relação a outros, além de existir uma discriminação social, sendo algumas pessoas vítimas por questões de gênero, por orientação sexual, pela raça, por residirem em bairros populares e por possuir baixa renda.

Nesse sentido, imagina-se, conforme relatado em outros estudos, que as escolas situadas em áreas de vulnerabilidade social apresentam um maior índice de violência interna:

Alguns estudos associam a violência escolar à violência social, principalmente à criminalidade presente nos grandes centros urbanos e apontam as condições históricas, sociais e econômicas como geradoras da violência na escola, associando pobreza e violência. Esses trabalhos asseguram ser a pobreza responsável pela violência social e, em consequência, a violência que atinge a escola seria mais uma das expressões da situação de miséria. (ZECHI,2008, p.23)

Essa desigualdade social pode ser vista como um fator gerador de violência, uma vez que o sentimento de fracasso social e a necessidade de auto afirmação podem levar os jovens a utilizarem da violência para ocuparem

uma visibilidade social, que lhes é negada. Como relata Nogueira (2007), as incivildades na escola estão ligadas a problemas de cunho social, considerando que:

A verdade é que as condições atuais da sociedade industrial, em que comportamentos de incivildades parecem se constituir em uma nova “natureza” do homem urbano, abandonado à sua própria sorte em meio a cidades que se agigantam e se tornam cada vez mais desumanas, adentram os muros da escola, anteriormente consideradas como um lugar de convívio entre pares. Assim sendo, no âmbito deste cenário sobre violência, podemos evidenciar ressonâncias do fenômeno no interior das unidades escolares. (NOGUEIRA, 2007, p.20)

Segundo Nogueira (2007), o frequente envolvimento da população infantil e juvenil com essa realidade é constantemente divulgada na imprensa falada e escrita. Apesar da recorrência na história da humanidade, a gravidade das suas manifestações, a sua natureza e magnitude entre os jovens durante a última década em diversos países, têm provocado a apreensão não apenas da opinião pública, mas também do meio acadêmico e das instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Reconhece-se que a complexidade de um estudo sobre violência demanda do pesquisador buscar fazer as conexões que permitam uma real compreensão do problema da escola, conforme relata Nogueira (2007, p.66):

Para compreendermos o fenômeno da violência, necessitamos construir uma rede-teia de significados que se aproximam e se distanciam, possibilitando ir para além da aparência dos fatos e das representações sociais, buscando pelos sentidos que desperta em cada sujeito. Assim, ao analisarmos a sociedade e a violência, precisamos buscar as raízes dos conflitos geradores dessa violência, não apenas através das cenas expressas, mas principalmente apreendermos as violências veladas dentro de uma determinada cultura e que permeiam as ações e interações cotidianas entre as pessoas.

Nesse sentido, a violência é uma construção social. A relações externas e internas estabelecidas entre professores, alunos e famílias podem ser indicadores de violência na escola, como destaca Abramovay (2006, p.20): “Mas o que importa, na verdade, não é rotular o fenômeno, é melhor entender como as fontes ditas externas e internas se articulam em casos concretos.”

2.2. O contexto social e institucional da violência

A violência escolar e a indisciplina estão presentes no cotidiano de todas as escolas. Estudos realizados por pesquisadores em escolas de classe média alta e em bairros localizados no centro das cidades apontam também o problema.

Impressiona como a falta de segurança está presente em cidades com bons índices de qualidade de vida e também nas escolas particulares erguidas em bairros de classe média (...) Isso não quer dizer que a falta de segurança seja distribuída de forma igualitária entre todas as escolas. Os casos mais graves como homicídios, ocorrem quase sempre em estabelecimentos da periferia mais pobre. Nos colégios de elite, os problemas mais agudos envolvem alunos usuários de drogas (RIBEIRO, 2003, p.27)

Em estudos comparativos as escolas situadas em bairros com população de baixa renda apresentam um número mais elevado de violência e indisciplina, além do grau e as formas também serem mais graves.

O espaço sócio territorial onde a escola se localiza tem influência sobre o seu cotidiano e a percepção de segurança dos alunos e adultos. Aspectos como a infraestrutura urbana, o perfil dos moradores e o tipo de comércio são alguns dos fatores que podem interferir na visão sobre o bairro e sobre a própria escola, influenciando nas formas de vivenciar as violências nas escolas. (ABRAMOVAY; 2006; p.269)

Segundo a autora Sónia Carla Aroso Azevedo (2004), o Instituto Nacional de Estatística (INE) de Portugal, em 2001, divulgou uma pesquisa que apresenta uma tabela onde são detectadas as problemáticas em crianças e jovens, sendo apontadas como causas da violência:

- a. A Família. É neste núcleo que as crianças e jovens adquirem os modelos de conduta que exteriorizam. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicodependência, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Normalmente, os indivíduos que vivem estas problemáticas familiares são sujeitos e alvos de violência. Há famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas. Impotentes para lidarem com a violência dos seus descendentes, acusam os professores de não «domesticar» os seus filhos, instigando a agressividade e, em extrema instância tornam-se eles mesmos violentos, agredindo os professores e funcionários;
- b. Os alunos. O que faz com que um aluno exerça violência? Muitas vezes a raiz do problema não se centra na educação. O jovem apresenta problemas que deveriam ser direcionados para a saúde mental infantil e adolescente, para a proteção social ou até

judicialmente. O cerne da questão é que muitas escolas tentam resolver os problemas para os quais não estão preparadas e que não são da sua competência. Na verdade, todos os alunos são potencialmente violentos, sendo a escola sentida como uma imposição por parte da família ou do Estado. Porque os alunos estão contrafeitos, as aulas são para eles locais de constrangimento e de repressão de desejos. Alguns alunos conformam-se e conseguem permanecer na escola sem fazerem grandes distúrbios. Outros revoltam-se, colocando em causa as normas estabelecidas, a autoridade e insurgem-se contra os professores e colegas como ato de poder e robustez física.

- c. Os grupos e turmas. Enquanto conjunto estruturado de indivíduos, têm fulcral importância nos processos de socialização e de aprendizagem nos jovens. Influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Em certas manifestações públicas de violência, os jovens procuram obter segurança, respeito e prestígio pela restante comunidade escolar. Numa sociedade onde os grupos familiares estão cada vez mais desagregados, este vazio é preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações diversas.
- d. A escola. No passado, e ainda hoje se regista, alunos com menos capacidades intelectuais são estigmatizados, esquecidos no fundo das salas de aula. Ao fazê-lo, criam focos de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentem marginalizados. A escola de hoje, que se auto intitula de inclusiva, não o é de facto. (AZEVEDO, 2004, p.8)

Mesmo sendo uma pesquisa realizada em Portugal pode-se verificar que os fatores apontados pelo instituto português de pesquisa como principais desencadeadores da violência, também se fazem presente nos problemas relacionados à violência escolar no Brasil.

As escolas brasileiras, particularmente as públicas, após o processo de universalização do ensino fundamental, além do crescimento dos níveis médio e superior, tomaram uma nova configuração, em função do acesso em massa ao ensino público das camadas sociais anteriormente excluídas. Hoje o grande desafio, é pensar diferente da escola décadas anteriores. Não se pode prender em pensamentos nostálgicos e características de alunos que não existem mais, uma vez que as novas tecnologias, a globalização e a sociedade de consumo produziram um novo jovem, que é o sujeito que se encontra dentro da escola e cabe a esta acolher e desenvolver a curiosidade para aprender.

Segundo Tereza Cristina Rego (1996) em seu artigo: A indisciplina e o processo educativo: Uma análise na perspectiva vygotskiana:

Diferentemente das ideias presentes no meio educacional, o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados (como, por exemplo, exclusivamente da educação familiar, da influência da tv, da falta de autoridade, do professor, da violência da sociedade

atual etc.), mas da multiplicidade de influências que recaem sobre a criança e do adolescente ao longo do seu desenvolvimento. É importante frisar que, vistas sob este ângulo, as influências não são unidirecionais, não agem de forma isolada ou independente, nem tampouco são recebidas de modo passivo na medida em que o indivíduo internaliza (de modo ativo e singular) o repertório do seu grupo cultural. Sendo assim, no seu processo de constituição, através das inúmeras interações sociais, receberá informações e influências dos diferentes elementos (entendidos como importantes mediadores) que compõem este grupo: de determinadas pessoas (pais, mães, irmãos, primos, avós, vizinhos, colegas de escola, amigos da rua, professores e da escola), dos meios de comunicação (especialmente a TV) e dos instrumentos (livros, brinquedos, e outros objetos) disponíveis em seu ambiente. (REGO;1996; p.96)

Assim, como destaca a referida autora, o comportamento dos alunos na escola não reflete somente a influência do seu grupo familiar, mais as inúmeras aprendizagens que o indivíduo realiza em diferentes contextos socializadores, como na escola. Por isso, as relações entre professores e alunos, quando baseadas em controle excessivo, intolerância, ameaça e punição, podem provocar reações bastante diferentes daquela inspirada em princípios democráticos.

3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi desenvolvido em uma Escola Estadual do Município de Muriaé, localizado na região da Zona da Mata Mineira. A escolha desta se deu pelo fato da mesma apresentar um alto índice de registros no livro de ocorrências interno e Boletins de Ocorrência realizado por policiais, motivados por comportamentos indisciplinados e violentos dos alunos.

As técnicas da coleta de dados, realizada durante o período de agosto a outubro de 2014, consistiu de: a) Levantamento do número de registros de ocorrências policiais feitas pelas escolas estaduais do Município de Muriaé / MG, nos anos de 2012, 2013, 2014, para uma análise comparativa do índice de violência escolar na localidade de estudo e demais escolas do município; b) pesquisa nos livros de registro de ocorrências de atos de violência na escola, com identificação do número de registros e análises do conteúdo sobre o tipo de violência ou ato indisciplinar. Para facilitar a classificação dos atos indisciplinados e de violência, no período investigado de maio de 2013 a agosto de 2014, foi feita uma adaptação metodológica baseada na proposta de Cléo

Fante (2005), Charlot (2002) e Abramovay (2006), sendo delimitados os seguintes sentidos dos termos: 1) Violência: roubos, drogas, crimes, vandalismos, depredação do patrimônio; 2) Violência Física: ações que causam ferimentos e ou sentimento de dor como: golpes, pancadas, empurrões, brigas corporais, violência sexual etc, 3) Violência Verbal / incivildades: humilhações, palavras grosseiras e obscenas, xingamentos, gestos obscenos e falta de respeito; 4) Violência Simbólica: demonstração de insatisfação com as atividades proposta pelos professores, recusa de fazer avaliações, recusa de permanecer em sala de aula, rasgar livros e cadernos escolares, não aceitar participar de atividades oferecidas como leituras de livro, assistir filmes e uso da sala de informática, não aceitar tirar acessórios pessoal como o boné ou o celular; 5) Violência Psicológica: dor emocional, causadas pelo sentimento de medo e insegurança, geradas por pressões sociais que ocorrem dentro da escola. Ocasionadas por: ameaças verbais, guarda de instrumento como facas, canivetes, armas de brinquedo ou balas de revólver na mochila escolar, prática de bullying, discriminações, preconceito, racismo e homofobia; 6) Ato Indisciplinar: aquilo que vai contra as regras e normas da escola, contra o bom costume³ e altera significativamente o clima da sala de aula ou da escola de modo a prejudicar o desenvolvimento das ações pedagógicas. c) Caracterização do perfil sócio econômico das famílias e dos alunos que possuem o maior número de ocorrências de violências ou indisciplina, buscando conhecer a relação entre violência e lugar de vivência d) aplicação de entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado junto aos profissionais da escola, alunos e famílias de alunos que repetitivamente vem cometendo atos de indisciplina ou violência na escola, visando conhecer sua visão e sentimento sobre a violência na escola e na comunidade que vivem.

A amostra deste estudo foi composta de 22 profissionais da escola, 14 famílias selecionadas por terem filhos matriculados na escola e que repetitivamente cometem atos de indisciplina no ambiente escolar e 24 alunos do ensino fundamental com idade entre 12 a 17 anos, matriculados nos anos

³Costume. HERMES LIMA, assim o conceitua: "é um ordenamento de fatos que as necessidades e as condições sociais desenvolvem e que, tornando-se geral e duradouro, acaba impondo-se psicologicamente aos indivíduos."

finais do Ensino Fundamental, que os pais e ou responsáveis assinaram o TCLE autorizando a participação.

As informações obtidas nas entrevistas semiestruturadas foram categorizadas a fim de possibilitar uma análise dos conteúdos das falas e respostas, conforme metodologia proposta por Bardin (2011), examinando-se as percepções dos entrevistados sobre os significados e implicações da violência nas escolas e sua associação com o ambiente familiar. Por outro lado, para os dados quantitativos foram utilizadas análise estatística, basicamente, de natureza descritiva, em função do caráter diagnóstico da presente pesquisa.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A Violência nas escolas do Município

O município de Muriaé, conta com a sede da Superintendência Regional de Ensino, a Jurisdição da SRE /Muriaé, é composta por 14 municípios, possui 195 escolas, sendo 44 estaduais, 133 municipais e 18 particulares. Das 44 escolas estaduais 16 estão localizadas dentro do município de Muriaé e oferecem o nível de ensino do 6º ao 9º anos e Ensino médio, pelo fato de atenderem alunos de 12 a 17 anos de idade, faixa etária de estudo da pesquisa, foram selecionadas para um estudo comparativo de registros de ocorrências policiais em relação a escola pesquisada.

Inicialmente foi feito um levantamento junto a direção escolar das dezesseis escolas da sede do município, dos números de ocorrências em Boletins Policiais registrados nos anos de 2012, 2013 e 2014, visando verificar a incidência da violência nestas escolas, assim como comparar os números de registros destas escolas, com o número de registros da escola escolhida para a pesquisa. Das 16 escolas, 6 responderam que já fizeram registro policial, 5 declaram não tê-lo feito e 5 não responderam a pesquisa.

Os dados do Quadro 03, informados em agosto de 2014, retratam os diferentes motivos da ocorrência policial.

Quadro 03- Ocorrências policiais registradas nas escolas, Muriaé/MG,2014.

Escola 1		
Ano	Número B O policiais	Motivos ocorrência
2013	1	Aluna tentou colocar fogo na sala e agrediu o professor, desacato de autoridade e uso de bebida alcoólica
2014	1	Dano ao patrimônio público e roubo de celular de funcionário da escola.
Escola 2		
2012	2	Aluno portando arma de fogo e sacola com maconha. Aluna Brigando por causa de relacionamento amoroso.
2013	3	Brigas de colegas por brincadeiras de mau gosto Brigas de alunas próximo a escola. Brigas por causa de um relacionamento amoroso.
2014	2	Aluna portando uma sacolinha com maconha Aluno portando um recipiente com loló no banheiro e distribuiu para os colegas
Escola 3		
2012	6	Desacato à autoridade, agressão física, ameaças
2013	4	Desacato à autoridade, agressão física, ameaças
Escola 4		
2012	4	Agressão física entre alunos, agressão física contra a diretora
2013	5	Agressão física entre alunos, agressão verbal de aluno contra a diretora, agressão verbal entre alunos e professor
2014	0	Até o momento não registrou BO
Escola 5		
2014	1	Desacato à autoridade.
Escola 6		
2014	14	Indisciplina e diversos outros fatores
Escola 7		
2012	05	Palavrões, ameaças e drogas na escola. Furto e arrombamento Depredação e danos ao patrimônio público. Ameaças por aluno; Furto
2013	01	Furto
2014	04	Jogar bolas de papel no rosto da professora por duas vezes consecutivas. Prof. foi perseguido e ameaçado de morte. Teve que abandonar o cargo na escola. Soco na costa da professora e jogou chinelo no quadro quando ela escrevia. Ameaças aos profissionais danos ao veículo do professor

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

As escolas estão localizadas em bairros diferentes, o que demonstra que a violência escolar está pulverizada. Mas, as que registraram maior número de

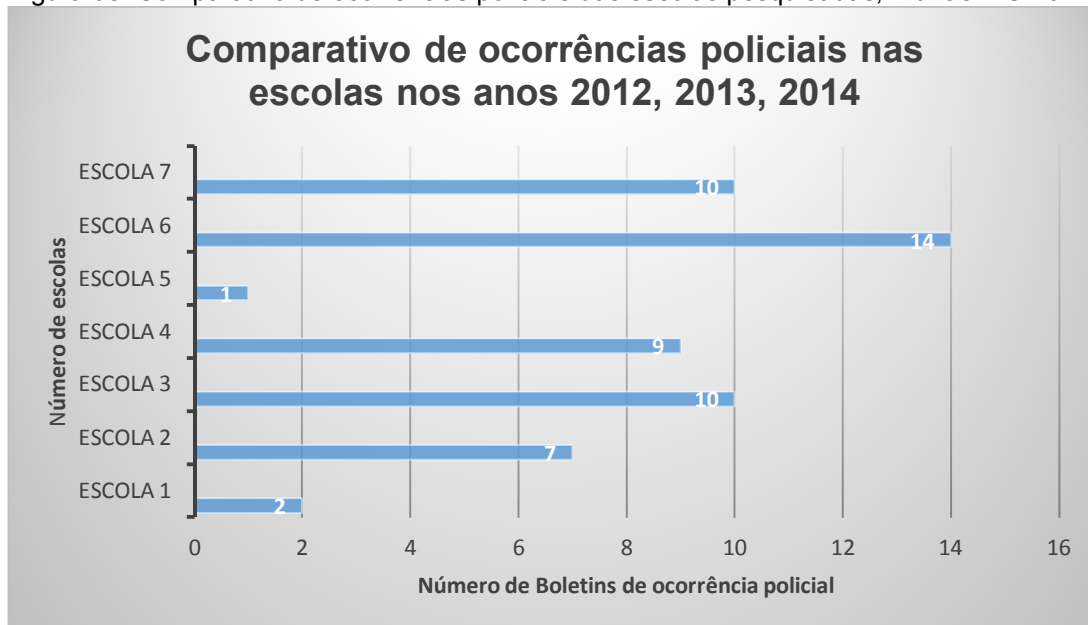
ocorrência eram as que recebiam alunos de bairros populares do município. As escolas apresentam registros diversificados de violência, que são situações graves, que envolvem o porte de arma, drogas, agressão física e bebidas alcoólicas, demonstrando a seriedade destes problemas no ambiente educacional.

Pesquisadores, como o educador Eric Debarbieux, um dos fundadores do Observatório Europeu de Violência Escolar, na Universidade de Bordeaux, ressaltam que a escola está mais vulnerável a fatores e problemas externos, como o desemprego e a precariedade da vida das famílias nos bairros pobres, e como também o recebimento de alunos negativamente afetados pela exclusão. (ABRAMOVAY; RUA, 2003)

Os referidos autores ressaltam que, no Brasil, observa-se uma tendência na violência escolar de passar das palavras, brigas e punhos para as armas, especialmente as de fogo; mas não apenas a violência física merece atenção, pois outros tipos de violência também podem ser graves.

Conforme dados do Quadro 08, a Escola 7, que é o local do estudo em questão, ficou classificada em segundo lugar no número de BO policial. Em contato com a Direção escolar, esta declarou que estes números poderiam ser bem maiores; mas vários motivos desencorajam a escola de fazer a denúncia. Contou que ao fazer um registro, após mês ou meses a escola é convocada para ir no Fórum e tem que ficar frente a frente em uma sala com o aluno e seus responsáveis aguardando o Juiz chamar, o que leva a um certo mal-estar e constrangimento, principalmente por que já se passou bastante tempo do ocorrido. Existem casos em que ocorrem ameaças, ou a família tem histórico de violência, causando medo, o que leva a escola a não fazer o Boletim de Ocorrência Policial.

Figura 08: Comparativo de ocorrências policiais das escolas pesquisadas, Muriaé/MG.2014.



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

No comparativo entre as violências exercidas dentro da escola e dos atos de indisciplina registrados no livro de ocorrência, dos 333 registros ao todo, metade são atos de violência e a outra metade atos considerados de indisciplina. As causas destas violências e indisciplinas são de diversas ordens internas e externas que contribuem e propiciam comportamentos indesejados.

Em se tratando de violência escolar, é preciso levar em conta fatores externos e internos à instituição de ensino, como ressalta Abramovay (2006, p.31):

No aspecto externo, influem as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida. Entre os fatores internos, deve-se levar em consideração a idade e a série ou o nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos (e vice-versa) e a prática educacional em geral.

Para o entendimento sobre indisciplina, o pesquisador Joe Garcia (1999, p.104) sistematiza as diversas causas da indisciplina escolar, que podem ser reunidas em dois grupos gerais:

As causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de

relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.

O entendimento tanto da violência escolar quanto da indisciplina deve ser dimensionado, buscando as possíveis causas dos problemas geradores, não sendo possível prender mais a fatores isolados, pois estes se interligam e intensificam o problema. No estudo em questão, os tipos de violência e indisciplina foram variados, como pode ser evidenciado no Quadro 04.

Quadro 04. Tipos de violência, segundo registros do livro de ocorrências da escola pesquisada.

<p>VIOLÊNCIA FÍSICA: 81 registros</p> <p>Chutes e empurrões; Socos e unhas; Briga corporal; Tapa na cara do outro aluno; Cuspiu e bateu na cara do outro; Deu varadas no colega; Briga com soco; Briga com soco; Agressão física; Agrediu uma aluna e uma funcionária ;Agrediu 2 colegas com soco, cadeiradas e tesoura; Deu tapas e puxou o cabelo do colega; Agrediu com soco o colega e pulou o muro; Agrediu o colega com soco nariz; Empurrou a professora contra parede e ela machucou a mão; Briga com soco e chutes; Bateu a cabeça da aluna na parede e em seu rosto; O aluno bateu agressivamente na aluna 1, com soco e chute, na aluna 2, socos na perna, no aluno 3, soco na costela fez impicâncias com o aluno 4, passando a mão na cabeça, com o aluno 5, o chama de formiga e lhe deu chute, empurrou e chutou a aluna 6, assobia, bate nas cabeças dos demais alunos, respondeu a merendeira, enforcou a aluna; alvejou o professor dentro da sala de aula com uma lata de refrigerante; As alunas brigaram de forma violenta do lado de fora da escola sendo necessário a intervenção por alguns pais de alunos que aguardavam na entrada. As alunas foram levadas para dentro da escola e advertida pela diretora; O aluno estava perturbando a aula e quando foi chamado a atenção pegou uma carteira e jogou em cima da professora. Saiu da sala ameaçando a professora; os alunos entraram em desentendimento no recreio e o fato continuou na sala de aula e o aluno empurrou o outro aluno e este bateu a boca na carteira cortando-a. a origem são impicâncias e má respostas mutuas dentro e fora da escola; Arranhou o colega e fez brincadeiras indecentes; A aluna jogou uma tesoura na cabeça da outra e a feriu;</p>
<p>VIOLÊNCIA VERBAL: 57 registros</p> <p>Xingamentos entre os colegas; Insultos com o colega; Falou palavras indevidas a professora; aluna agrediu verbalmente a professora; Uma aluna agrediu verbalmente outro aluno; Palavrão de baixo galão; Xingou a professora; Gritou palavrões em sala de aula; Ameaçou a professora de morte e usou palavrões; O aluno proferiu xingamentos e chamou a prof. português para briga; Troca de ofensas entre os alunos; O aluno estava agindo grosseiramente e com insultos; O aluno estava atrapalhando a aula não respeitou a professora que chamou a diretora e o mesmo falou palavrões mandando ir a “merda” e outros; O aluno estava agindo grosseiramente e com insultos; O aluno respondeu com palavrões na hora recreio; Os alunos estavam trocando ofensas; Usou palavras grosseiras com outra aluna; Briga verbal entre os alunos; Proferiu ofensas contra o professor; Alunos usam palavrões obscenos para xingar professor e colega; A aluna vem desrespeitando vários funcionários e professores da escola e neste falou para a vice Diretora em alto e bom som “vai tomar ...”; O aluno vem agindo com agressividade verbal e formas violentas em sala; Xingou de “piranha” e “sovaco fedorento” a aluna e a prof. de “demônio”.</p>
<p>VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: 20 registros</p> <p>Recusou fazer a avaliação; Rasgaram a avaliação de geografia; Não fez a avaliação de português; Se recusa participar da aula de educação física; Recusa fazer atividade e ficar em sala de aula; Recusa assistir as aulas; Recusa fazer trabalhos e participar das aulas de português; Recusou</p>

fazer cópia como castigo; Não fez as atividades propostas e foi embora escola; Se negaram a assistir aula do professor; Recusou ir para biblioteca fazer atividades
VIOLENCIA PSICOLÓGICA: 09 registros
Ameaçou a professora; Brincadeiras de mal gosto com o colega; Ameaçou a colega; Ameaçou a colega de que conseguiria um grupo para dar uma surra nela; O Aluno ameaçou o outro Aluno dizendo que se não trouxesse R\$5,00 iria lhe dar um Tiro; Ameaçou o colega com canivete; Trouxe uma bala de revólver para escola; Trouxe para escola uma arma de brinquedo; Ameaçou o colega com canivete; Trouxe uma faca dentro da mochila, Trouxe para escola uma arma de brinquedo; Batendo nas carteiras, atrapalhando as aulas e perturbando a ordem na escola; O aluno fez gestos indevidos no corpo da aluna e está reagiu com gestos obscenos
INDISCIPLINA: 166 registros
Desacatou a professora; brincadeiras na sala de aula e conversas; Rascou páginas do livro; Perturbou a aula; Prendeu o professor e aluno na sala de aula; Não entrou para sala ficou do lado de fora perturbando; Mau comportamento na sala de aula; Derrubou carteiras e cadeiras; Jogou bolinha de papel no colega; Jogaram bolinhas de papel uns nos outros; conversa e anda na sala de aula; peidaram na sala de aula; Matando aula dentro do banheiro; pega os objetos dos demais colegas da classe e esconde; Jogou giz no colega em sala de aula; Prenderam o colega dentro do banheiro; Diretora e vice diretora compareceu na sala de aula para confirmar um fato de que a aluna estava sem calcinha e que esta apareceu dentro do caderno do aluno; Não voltaram pra sala de aula depois do recreio; Saíram sem permissão e invadiram outra turma; Ficou no lado de fora da sala atrapalhando a rotina escolar; aluna estava com o celular ligando dentro da sala de aula ao pedir que entregasse ela colocou-o em lugar indevido, impossibilitando recolher. Ficou debochando da diretora em voz alta para toda a escolar escutar; Estragou a blusa da colega; Não quis entregar o celular para a diretora; Depois da aula eles pularam o muro da escola e foi encontrado com o aluno um pino do pneu do carro da vice diretora; Comportamento inadequado em sala e incomoda os outros alunos com gritos, Brincadeiras bobas na sala de aula e falta de respeito com os colegas; trancou o professor na sala de aula; Jogou a bolsinha de lápis da colega no chão da sala de aula; Barulhos irritantes na sala de aula e mal comportamento; Andando do lado de fora, é muito indisciplinado em sala de aula; Fez gestos obscenos para os colegas e professores.

Fonte: dados da pesquisa Muriaé/MG, 2014.

Vários registros seriam passíveis de se fazer um BO pela gravidade da ação exercida pelo aluno(a) dentro da escola, conforme mostram fragmentos de algumas ocorrências de violência escolar. Percebe-se que as ações que se fazem presentes na vivência cotidiana estão diretamente relacionadas às agressões físicas e verbais, ao desrespeito e ao desacato às pessoas. Estes exemplos mostram que número de registros policiais por BO poderiam ser bem maiores, o que vem ao encontro com a fala da diretora quando relata os problemas enfrentados ao fazer uma denúncia oficial.

No Quadro 5, verifica-se claramente no número total de registros que a forma de violência interpessoal tem um enorme destaque, mostrando como o ambiente escolar está ficando hostil. No levantamento, verificou-se também que os alunos do sexo masculino são os que mais exercem atos indisciplinados e violentos, sendo os alunos a maioria das vítimas.

Quadro 05- Classificação dos atos de Violência Escolar, Muriaé/MG,2014

Ocorrências registradas pela escola		
Quanto à forma		
Violência direta: Contra pessoas, interpessoal	Violência Indireta Contra utensílios, bens ou patrimônio	
326	04	
Quanto ao nível		
Direcionada ao discente	Direcionada ao docente	Direcionada ao Funcionário
255	70	08
Por sexo do aluno		
Masculino	Feminino	
252	81	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

4.2. Caracterização do entorno da escola estudada.

A escola faz parte da rede estadual de ensino estadual do Município de Muriaé no Estado de Minas Gerais. Está localizada num dos extremos da cidade. Os moradores mais antigos vivem como produtores rurais, produzem leite, cultivam hortas e pomares, vendendo o que produzem de casa em casa ou na feira em Muriaé. Outros vivem do comércio local e prestam serviços a algumas confecções.

Os serviços de saúde oferecidos são muito restritos, somente um pequeno posto que atende às famílias, não oferecendo exames mais complexos, como raio x e consultas com especialista. Existe apenas uma ambulância para atender toda comunidade, e não existe ônibus urbano e serviço legalizado de taxi, assim como não possui correio e agências bancárias.

A comunidade conta com o atendimento feito pelo CRAS- Centro de Referência da Assistência Social, que tem como objetivo trabalhar com as famílias de forma preventiva, fortalecendo seus vínculos e contribuindo na melhoria da sua qualidade de vida.

Em 2012, 260 famílias, foram contemplados pelo Programa Minha Casa Minha Vida do governo federal, totalizando 843 moradores que vieram fazer parte desta área.

Segundo dados do CRAS, dos 843 moradores, 47% são adultos, 40% crianças, 7% adolescentes e 6% idosos. Das 260 famílias, 180 recebem bolsa família, sendo que 221 são cadastradas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), que é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, entendidas como aquelas que têm: renda mensal de até meio salário por pessoa ou renda mensal total de até três salários mínimos. Além disso, 26 recebem o BPC - Benefício de Prestação Continuada (LOAS), para idosos maiores de 65 anos e deficientes incapacitados para o trabalho.

A rede de ensino da comunidade conta com uma escola municipal que oferece os serviços de creche, educação infantil e o ciclo de alfabetização, bem como uma escola estadual que oferece o 4º e o 5º ano do ciclo complementar, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e o ensino médio.

No ano de 2014, um artigo de opinião intitulado “O lugar onde vivo”, escrito por uma aluna para participar da Olimpíadas da Língua Portuguesa, ajuda a caracterizar o entorno da escola.

O lugar onde vivo é um pequeno lugar chamado..., na cidade de Muriaé/MG, que cresce a cada dia mais. Com o programa do governo “Minha casa, minha vida” várias famílias vieram viver em nosso meio.

Apesar do lugar estar crescendo, falta dar mais assistência à população. As escolas estão lotadas, e isso dificulta o melhor aprendizado das crianças e dos adolescentes. Há apenas um posto de saúde que ajuda bastante, mas que não dá conta de atender adequadamente a toda população.

Contamos com a ajuda de um posto policial, só que ainda sofremos com a violência e a falta de segurança.

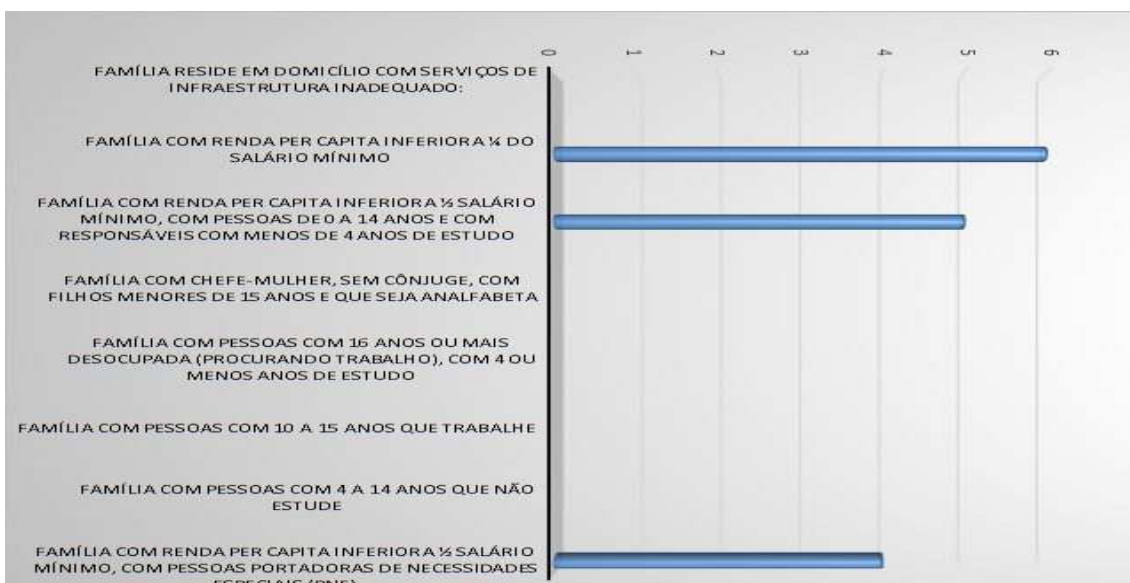
Há poucas opções de lazer, contamos com uma quadra poliesportiva e com o CRAS que oferece cursos e assistência aos habitantes.

Precisamos de melhores condições de vida, poderemos contar com projetos que ajudem nossos jovens e crianças a terem um futuro melhor. (aluna M.O, Ensino Médio)

A percepção da aluna M.O., Ensino Médio, autora da redação, evidencia as condições de vulnerabilidade social presente na comunidade ou no entorno da escola pesquisada.

4.3 Caracterizações do tipo de perfil sócio econômico e social das famílias

Figura 09: Caracterização da vulnerabilidade social das unidades familiares pesquisadas (2014)



Fonte: Dados da pesquisa(2014)

Para a caracterização socioeconômica, foi feito uso das variáveis da Política Nacional de Assistência Social – PNAS, que contribuem para a construção do conceito de vulnerabilidade social, sendo vista como população vulnerável aquela que apresenta pelo menos uma ou mais das características especificadas na Figura 09.

Das quatorze famílias, cinco não encaixaram no perfil do PNAS, estando nove em situação de vulnerabilidade social, principalmente pela renda familiar inferior a ¼ do salário mínimo, baixa escolaridade do responsável e com pessoas portadoras de necessidades especiais, demonstrando que os alunos da escola estudada, que repetitivamente cometem atos de indisciplina e violência escolar, estão inseridas em famílias em situação de vulnerabilidade social.

4.4. Percepção das Famílias sobre a Vulnerabilidade do Espaço Relacional

Na perspectiva de que a vulnerabilidade social das famílias contribui para que os seus filhos possuam comportamentos não adequados para uma convivência harmoniosa na escola, foi indagado às unidades familiares se o seu espaço comunitário oferecia infraestruturas adequadas para atendimento

das famílias e para seus filhos em particular, sendo que 72% disseram que não, e que se sentiam insatisfeitas. Os depoimentos, a seguir relacionados, evidenciam o sentimento de abandono com respeito aos serviços oferecidos pelos órgãos públicos:

“Não existe serviço comunitário: saúde, policiamento e segurança no trânsito”. (Ent. L, Sexo F.)

“O horário de ônibus é horrível depois das 18 horas não tem mais, não pode sair para lugar nenhum e não tem nem um parquinho para as crianças”. (Ent. C, Sexo F.)

“Não, por que aqui falta tudo. Não tem infraestrutura para todas as famílias.” (Ent. A, Sexo F.)

“Falta uma quadra, um parque”. (Ent. F, Sexo F.)

“Tem água e calçamento, mais precisa de uma praça para os jovens” (Ent. H, Sexo M)

As falas mostram que a comunidade se sente abandonada pela Prefeitura, que ofereceu moradia, mas não deu a devida atenção às necessidades das famílias. Estas eram moradoras de outras localidades e sofriam com as diferenças que sentem em relação ao “habitat” anterior, como pode ser evidenciado nas falas de algumas mães, que expressam estas diferenças:

“Muita diferença, em tudo.” (Ent. A, Sexo F)

“Onde eu morava era melhor para trabalhar”. (Ent. G, Sexo F.)

“As crianças não têm liberdade, tem que ficar vigiando por medo de drogas e de misturar.” (Ent. J, Sexo F.)

Além do sentimento de abandono, as famílias também demonstraram sentimento de vergonha. Comentaram a respeito da discriminação sofrida por morarem em uma comunidade onde são registradas quase que diariamente ocorrências de casos de violência. Estes fatos acabam sendo divulgados em sites locais, como também na escola, o que contribui para a má fama do local, conforme demonstrado no seguinte depoimento:

“Aqui é diferente em tudo, muito preconceito as pessoas olham como se aqui fosse o Carandiru, uma favela. Pessoas de posse discrimina. Abandono, sentimos como cachorro. As pessoas de fora daqui não quer dá emprego por preconceito.” (Ent. L, Sexo F)

Algumas falas das famílias reconhecem que a violência local encontra-se presente, demonstrando preocupação com essa, como evidenciado a seguir:

“Há diferença, em todos os aspectos, a gente não presenciava ver as coisas que vemos. Um roubando a casa do outro, pessoas boas indo embora para os “abençoados” ficar. Não pode sair a família toda, um sempre tem que ficar é muita coisa.” (Ent. B, Sexo F.)

“Aqui tem muitas brigas” (Ent. A, Sexo F.)

Na percepção de 43% das unidades familiares, o bairro onde moravam era violento, conforme materializado nos seguintes depoimentos:

“Briga por qualquer coisa tira uma arma.” (Ent. E, Sexo F)

“Uso de drogas, roubos. A gente aqui tem que ser cega, surda e muda.” (Ent. B, Sexo F)

“Sim. É muita bagunça”. (Ent. G, Sexo F)

A maioria das famílias afirmaram não existir o problema, mesmo o local sendo conhecido pelo seu alto índice de violência local. Pressupõe-se que pode ser por temor de represália ou uma forma de querer mostrar uma imagem melhor do local.

A violência vivenciada pelas famílias e pelos alunos, é reproduzida muitas vezes, de forma inconsciente por estes, pois, ao viverem diariamente em um ambiente hostil e sem oportunidades, tendem a banalizar a violência e passam a achar normal comportamentos que são considerados antissociais.

Um professor entrevistado também registrou esta percepção, ao afirmar que:

“A violência cotidiana, vista e vivida, por vários alunos no seu dia a dia contribui para atos de violentos se tornarem banais.”
(Prof. I, Sexo M)

Sendo assim, como relata Heloisa Szymanski, (2001, p.94) devem ser promovidas práticas educativas, visando um processo socializador:

Está se tornando uma questão ética informar as famílias das classes economicamente desfavorecidas o processo de exclusão de seus filhos e começar a construir, com elas, práticas educativas que possibilitem uma continuidade do processo socializador da família para a escola e para o mundo do trabalho.

Nesse sentido, não somente a família deve ser informada, mas também a escola, para que esta possa mudar o olhar sobre suas famílias e buscar

estabelecer um vínculo. A concepção positiva das famílias sobre a escola favorece esta aproximação, que pode vir promover o fortalecimento de uma relação tão frágil.

4.5 Caracterizações do espaço físico e pedagógico da escola.

A reforma e ampliação do espaço físico da escola iniciou em 2012 e terminou em 2013, ganhando um segundo andar, com objetivo de atender aos filhos das novas famílias moradoras do local. A escola é limpa e o espaço muito bem conservado. Possui ao todo dez salas de aulas, sendo uma sala para educação de tempo integral e a outra sala para atendimento educacional especializado. Possui também, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, uma sala de direção, uma de supervisão pedagógica, uma secretaria, um banheiro feminino e um masculino destinado aos alunos e dois para os funcionários, além de uma cozinha. A escola não possui quadra esportiva e nem um espaço adequado para as atividades de educação física e recreativas.

A escola é cercada por muros e possui portões com cadeados na frente, sendo a entrada somente permitida aos funcionários e demais membros.

No âmbito pedagógico, a escola possui uma diretora eleita pelos membros da escola, duas vice diretoras, 02 supervisoras, 01 bibliotecária, 01 professor eventual, 01 professor para educação de tempo integral, 01 professor para sala de recursos e 22 professores regentes de turma, sendo 15 efetivos⁴ e 17 designados⁵. As tecnologias disponíveis para o uso dos professores são data show, note book, caixa de som e a sala de informática, com 19 computadores, que são insuficientes para o uso de uma turma completa.

Possui uma proposta pedagógica, regimento escolar e uma secretaria ampla e organizada. Atendeu, no ano de 2014, um total geral de 395 alunos.

4 Professores com vínculo empregatício na escola adquirido por meio de concurso público.

5 Professor temporário substituindo um efetivo ou ocupando cargo vago até o final do ano.

De acordo com o calendário e as normas que regem a instituição, no ano de 2014 foram realizadas 04 reuniões de pais e 09 conselhos de classe⁶.

Nos anos anteriores, a escola atendia em sua grande parte alunos moradores da localidade, sendo uma escola mais tranquila e com menos problemas disciplinares, com muitos professores há anos atuando na escola.

Em 2010, tinha 312 alunos matriculados e, em 2011, com a transferência de inúmeras famílias para a localidade, o número de alunos passou para 468, passando para 529, em 2012, e, em 2013, para 567.

Este número crescente de alunos causou inicialmente uma grande preocupação e tensão nos professores, pois a escola não comportava todos alunos nas salas de aulas que ficaram super lotadas e, para piorar, muitos dos novos alunos exerciam comportamentos agressivos e violentos. Muitos professores foram ameaçados, tiveram seus carros danificados e a escola sofreu alguns arrombamentos e roubos.

Frente ao exposto, o número de remoção escolar foi alto. Em 2012, dos 15 professores efetivos, 40% pediram remoção escolar. Em 2013, este número foi para 47% e, em 2014, 34 % pediram para serem trocados de escola, alegando insegurança e insatisfação por não conseguirem trabalhar satisfatoriamente.

Esta situação de violência e indisciplina frequente no cotidiano escolar levou também que alunos se transferissem para outras escolas, existindo outros, que ao completarem 18 anos, abandonaram os estudos. O fluxo na escola é contínuo, as mudanças e vindas de famílias para a localidade implicam em saída e entradas de alunos durante todo o período escolar.

Os profissionais da escola acreditam que esta situação conflitante presente na escola está relacionada às famílias dos alunos, que seriam as responsáveis pelo problema, o que foi afirmado por 82% dos entrevistados, alegando existir uma relação entre o comportamento violento dos alunos e suas famílias. Algumas respostas selecionadas e escritas abaixo ilustram o pensar dos profissionais:

6 Reunião realizada pela supervisora pedagógica que tem como objetivo avaliar e discutir o rendimento escolar dos alunos para redirecionar as ações pedagógicas.

“Muitos dos alunos reproduzem na escola atitudes e exemplo vivenciados em casa, também associados ao uso de drogas e influências de terceiros.” (Prof. C, Sexo F)

“O aluno que é vítima de violência em casa em seu âmbito familiar, será violento com os colegas e com os professores” (Prof. D, Sexo F)

“Se o aluno vivencia atos violentos em sua casa ou comunidade, vai se tornar violento e agressivo na escola, na rua e em lugares de vivência e socialização.” (Prof. U, Sexo F)

“Se a família tem no seu cotidiano ações violentas, as crianças e adolescentes que compõem essa família trará para o recinto escolar o que aprendeu ou faz em casa.” (Prof. S, Sexo F)

A ausência de limites, instituída na educação familiar por mais pais demasiadamente tolerantes gera consequências desastrosas, como crianças indisciplinadas e agressivas.” (Prof. T, Sexo F)

“Se não há educação e conversa dos pais com seus filhos em casa, para acompanhar o dia a dia dos seus filhos, passa-se a imagem de descaso que pode resultar em um comportamento violento e indisciplinado por parte do aluno”. (Prof. I, Sexo M)

A família é considerada culpada pela violência escolar por dezenove profissionais entrevistados, sendo que, cinco demonstraram preocupação com outros fatores, além da família, como dimensionando nos seguintes relatos:

“O caráter de uma pessoa não depende somente da família, ela é importante mas não é a única culpada”. (Prof. K, Sexo F)

“A família abandonou os filhos para trabalhar. Pois falta comida, trabalho, amor e respeito. Então o aluno só tem escola e as coisas fáceis o tráfico e o mundo do crime.” (Prof. B, Sexo M)

“Muitas vezes a família faz a sua parte, mas o aluno precisa de atos violentos para chamar a atenção dos colegas, ou acha que precisa marcar território.” (Prof. J, Sexo F)

“Acho que eles refletem muitas das vezes as ameaças, os insultos e as agressões físicas como são tratados.” (Prof. J, Sexo F)

“Muitos não têm estrutura familiar e os meios de comunicação só mostram violência”. (Prof. B, Sexo M)

Quase a totalidade dos profissionais (95%) também acredita que não somente as famílias, mas também o entorno da escola contribui para a violência presente na escola. Em seus depoimentos fica claro a associação da família e seu meio de vivência como agravantes do problema da violência escolar:

“A violência na escola é uma reprodução de comportamento vivenciados no dia a dia, na família e na comunidade.” (Prof. G, Sexo M)

‘A convivência com o meio sempre influencia quando não tem uma família estruturada.’ (Prof. S, Sexo F)

“Se o aluno vive em um ambiente violento, geralmente é influenciado a cometer os mesmos atos.” (Prof. T, Sexo F)

A culpabilização da família e seu meio como determinantes da violência e indisciplina dos alunos mostra que a escola não se vê como possível produtora da violência, se vê com neutralidade, como demonstra a fala de um entrevistado:

“Acho que essa escola está no caminho certo, todas as medidas possíveis estão sendo criadas para amenizar o problema da violência, cabe a família conscientizar-se que o problema maior vem deles mesmo.” (Prof. E, Sexo F)

Diversos estudos na área constataam que o modo de ensinar, avaliar, os tempos escolares, as regras e normas estabelecidas podem gerar um clima de insatisfação e, conseqüentemente, a violência e a indisciplina, como retrata Guimarães (1996, p.78).

“A disciplina imposta ao desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os espaços, o tempo as relações afetuais⁷ entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal.

A descrença na ação educativa também pode gerar um clima negativo na escola, o que fica evidente quando 60% dos professores dizem que os alunos são desinteressados pelas as atividades escolares. Ou seja, a percepção negativa das crianças quanto ao discurso escolar e extraescolar aponta para uma descrença em sua educabilidade, como chama atenção Arroyo (2007, p.807):

A dúvida mais destrutiva para Pedagogia é não acreditar na educabilidade do ser humano, da infância que por ofício acompanha. Neste sentido, as violências infanto-juvenis e os embates que elas provocam trazem hoje as indagações mais desestabilizadoras para o pensar e o fazer pedagógicos.

7 Para Maffesoli, o termo afetual tem como base não a afetividade dos indivíduos, como na análise freudiana, mas o emocional que remete a uma ambiência global. Os modos de se vestir de comer, de viver expressam estilos de vida que se capilarizam no tecido social, formando o “em torno”, o cotidiano, ou essa dimensão geral da qual cada um de nós está impregnado, mas num aspecto englobante.

Um fato interessante na análise das entrevistas, foi a resposta de 2 entrevistados dentre os 22 participantes, apontando a insatisfação profissional como um fator que gera a violência na escola, o que indica que a escola também tem contribuído para este clima hostil.

“A escola não é motivadora, falta o interesse do professor que é mal pago e a família não contribui.” (Prof. B, Sexo M)

“Na minha opinião a violência também pode vir pelo professor, por estar insatisfeito com o salário que ganha e com isso desconta nos alunos, sendo que o aluno não tem culpa, pois, o professor sabe como é a vida e o salário de quem escolhe a profissão de ser professor. Teríamos que ter mais palestras de conscientização para que assim, eles não ficassem de comentários uns com os outros e descontando em seus alunos.” (Prof. A, Sexo F)

Segundo Zechi (2008), os professores associam também as causas da indisciplina e violência à desorganização da sociedade, aos problemas socioeconômicos, à falta de investimentos do governo e de políticas públicas, efetivas, em termos da progressão continuada e melhores condições de trabalho.

4.6. Perfil socioeconômico e social dos alunos com comportamento violento.

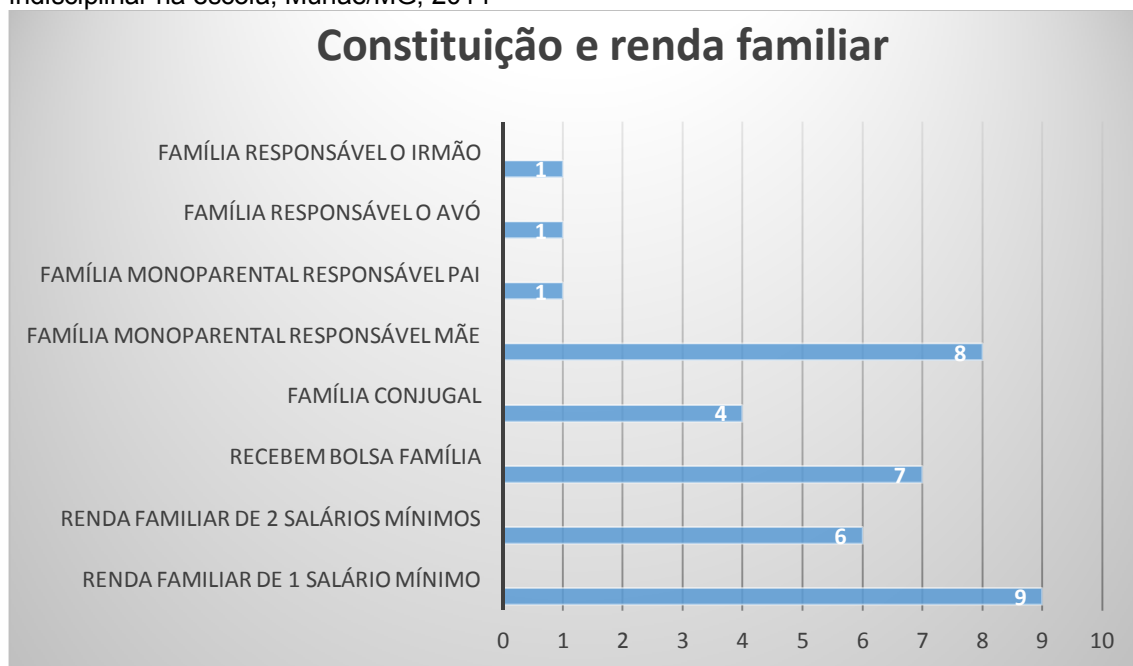
Foi solicitado à direção da escola e aos professores, que nomeassem os alunos que mais cometiam atos de violência e indisciplina na escola, estes informaram dezessete nomes de alunos. Em seguida esta informação foi confirmada nos registros do livro de ocorrência. Posteriormente, através das informações fornecidas por pais e ou responsáveis na ficha de matrícula, foi traçado um perfil socioeconômico e social destes alunos.

Dos dezessete alunos, no quesito renda familiar 47% dos responsáveis informaram, que recebiam bolsa família; 60% informaram que a renda de um salário mínimo e 40% de 02 salários mínimos.

Na análise da constituição familiar dos alunos, os dados mostraram que um tinha como responsável o irmão; um morava com o avô; oito viviam em uma família monoparental, sendo o provedor a mãe; um em uma família

monoparental que tinha como provedor o pai, enquanto quatro informaram pertencer a uma família conjugal e dois não informaram. Conforme Figura 10.

Figura 10: Perfil familiar e socioeconômico e social dos alunos com comportamento violento e indisciplinar na escola, Muriaé/MG, 2014



Fonte: Dados da pesquisa(2014)

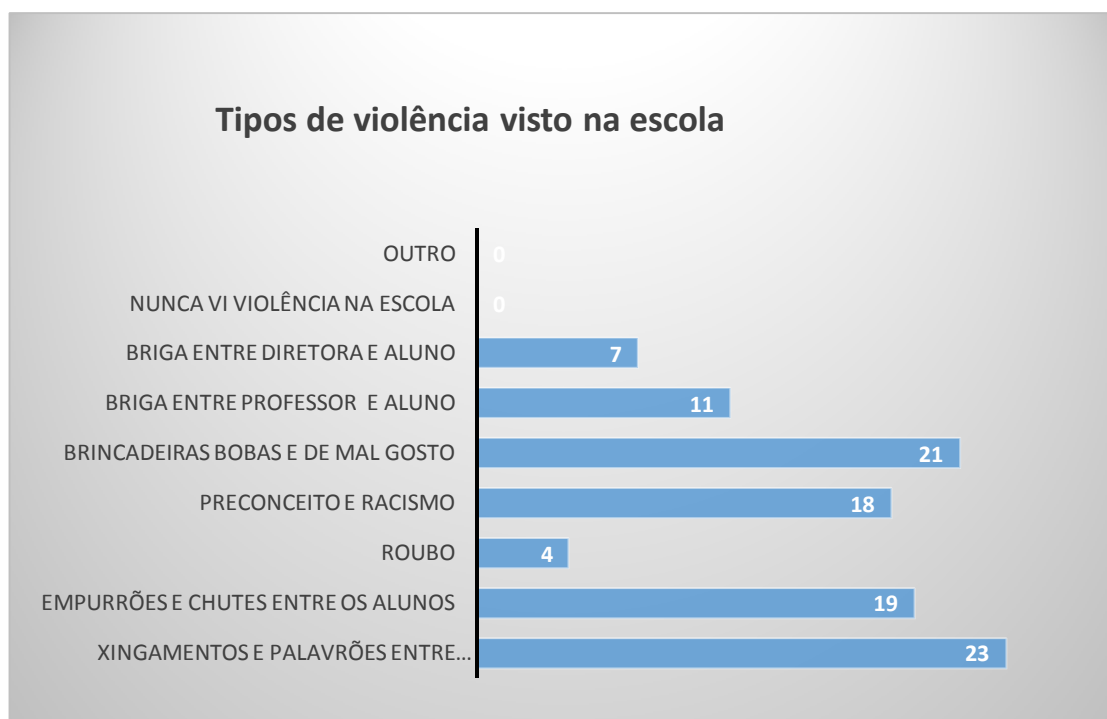
Os dados referentes aos alunos também reafirmaram o baixo nível de rendadas famílias, com uma média de quatro pessoas, vivendo sob responsabilidade da mãe. Filhos de mãe trabalhadora e arrimo de família ficam sem a devida atenção no seu dia a dia, o que pode levar esses jovens a se envolverem em situações de risco e vulnerabilidade social, como expressam Feijó e Assis (2004, p.16) “Muitas vezes, pela falta do pai, a mãe tem que ir em busca de um trabalho, deixando, assim, as crianças aos cuidados de outros, quando não de si próprias.”

Estes dados corroboram no sentido de que os alunos, apontados como os maiores causadores da violência e indisciplina escolar, estejam em situação de vulnerabilidade social. Nas fichas foram verificados vários encaminhamentos do Conselho Tutelar.

Por ser o aluno visto como o causador do problema na escola, buscou-se saber se ele também reconhecia a violência como um problema. A percepção da violência escolar era muito forte, os vinte e quatro alunos da amostra da pesquisa entrevistados, 68% disseram que existia violência na escola, 32% afirmaram que às vezes existiam atos de violência, sendo que

ninguém negou a sua existência. A maioria dos alunos (96%) afirmou que já presenciou situação de violência na escola, de diferentes tipos, conforme Figura 11.

Figura 11: Tipo de violência na escola na visão do aluno, Muriaé, 2014



Fonte: dados da pesquisa 2014.

Além de presenciar, alguns alunos já foram vítimas de diversos tipos de violência, entre eles o preconceito e racismo, que podem ser fatores que contribuem para o ciclo da violência (Figura 12). Estes sentimentos favorecem a prática da violência, uma vez que esta pode ser vista como uma auto defesa ou sentimento de revolta.



Figura 12: Tipo de violência sofrido na escola, Muriaé, 2014

Fonte: dados da pesquisa, Muriaé 2014.

As origens das diversas manifestações de violência e indisciplina manifestadas na escola estudada advém da escola, da família e da comunidade onde o aluno vive. É ingenuidade ou falta de responsabilidade atribuir a totalidade do problema à família e ao aluno. Segundo Áurea Guimarães (1996, p.77), a escola também tem sua parcela de culpa, afirmando que:

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também reproduzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

As mudanças necessárias dependem de uma ação local efetiva, sendo o movimento iniciado pelos próprios sujeitos da escola e suas redes de apoio para solução dos problemas. Abramovay (2006) comenta a este respeito, expressando que:

Embora os fatores externos tenham impacto e influência sobre a violência escolar, é preciso reconhecer que dentro da própria escola existem possibilidades de lidar com as diferentes modalidades de violência e de construir culturas alternativas pela paz, adotando estratégias e capital próprios. O Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (UNICEF), por exemplo, entende que a questão da violência nas escolas deve ser tratada sob a perspectiva da garantia de direitos e da qualidade da educação. Isso significa que as escolas, assim como os serviços de saúde, a assistência social, os Conselhos Tutelares e outros mecanismos e instituições, são vistas como “agentes protetores” das crianças e dos adolescentes. Ou seja, têm um papel estratégico na defesa dos direitos dessa faixa etária.(ABRAMOVAY 2006, p. 32)

Nesse contexto, a violência escolar deve ser considerada como um estado e não um fim. Partindo desta visão a escola tem como modificar o que hoje parece improvável. O conhecimento da origem dos problemas e o reconhecimento das famílias e dos alunos, como parceiros para a solução do problema, são vistos como de suma importância para que se inicie um processo de reflexão escorado em ações coletivas e comprometidas com a qualidade de vida e bem estar de todos; que, com certeza, passa também pela valorização da escola como lócus de aprendizagem, lazer, diversão e respeito ao próximo com suas diferenças.

É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje frequentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos, pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transformar-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência. (GUIMARÃES, 1996, p.81)

Corroborando com a referida autora, Vagula (2007) acrescenta que a violência é um desafio para o professor e um entrave para o trabalho pedagógico. Para a autora, são necessários espaços e tempos geridos com critérios adequados à participação e ao diálogo entre alunos e destes com os professores, onde deve ser analisado as suas causas mais profundas e favorecer a mobilização de ações alternativas.

Considera-se que a atitude compartilhada entre escola, alunos e famílias na construção e estabelecimento de regras e normas podem funcionar como estratégias de prevenção à violência. Mas, antes de se estabelecer o que é melhor e mais eficiente na prevenção e superação da indisciplina e violência escolar, deve-se dialogar e escutar os interessados no processo educacional, neste sentido, o aluno não pode ser excluído.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitem concluir que a maioria dos alunos indisciplinados e violentos apontados pelos professores e direção escolar, realmente encontram-se inseridos em famílias de baixa renda e com baixa escolaridade. Além disso, estas famílias estão situadas em comunidades que não oferecem as estruturas necessárias para o desenvolvimento e atenção às suas necessidades, gerando um ambiente de violência. As violências vivenciadas pelos alunos no meio onde vivem refletem no seu comportamento na escola. A escola, entretanto, não se vê como uma das possíveis causas do problema, deslocando o problema sempre para o meio onde o aluno vive e sua família.

Os alunos e suas famílias sentem fortemente a presença de discriminação social, enquanto os professores um sentimento de insegurança e preocupação com atual situação de indisciplina e violência escolar.

A sociedade espera da escola um aluno preparado para o convívio entre os seus pares, para o mundo do trabalho e com responsabilidade social. Um grande desafio a ser concretizado, por isso, a urgente necessidade de envolver a todos: escola, alunos e famílias em diálogos que possibilitem o reconhecimento, o valor e a importância de cada qual nesse processo de superação da prática e da banalização da violência no ambiente escolar.

Considera-se que falta, nesse sentido, um despertar da comunidade escolar para a necessidade de buscar as origens do problema tanto na família quanto dentro da escola, iniciando um processo reflexivo das relações estabelecidas entre professor e aluno, aluno e aluno, assim como, do exercício da prática pedagógica, da forma de gestão e organização da escola. A partir daí, construir um diálogo que contemple a todos partícipes que constroem a instituição escola: profissionais da educação, família e alunos; reconhecendo que, para haver mudanças, tem que existir entendimento, que, posteriormente se pode se transformar em comprometimento, que é o início de um querer fazer diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**: Versão Resumida. Brasília: UNESCO, 2003. 88 p.

ABRAMOVAY, M; OLIVEIRA, H., – O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. In Oliveira, H. (Org.) **Direitos negados: a violência contra a criança e do adolescente no Brasil**. Brasília: UNICEF, 2006, p. 29-53

ARROYO, Miguel González; Quando a Violência Infante Juvenil indaga a Pedagogia, **Educação Sociedade**, v. 28, n. 100 Especial, p. 787-807, Campinas, 2007.

AZEVEDO, Sônia Carla Aroso. **A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadaptação social**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos/violencia-nas-escolas/violencia-nas-escolas.shtml>> Acesso em: 21 de fevereiro 2015.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FEIJÓ, M.C.; ASSIS, S. G. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. **Estudo psicologia** (Natal) [online].

2004, vol.9, n.1, pp. 157-166. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000100017>.

GUIMÃRAES, M. A. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

NOGUEIRA, Rosana M.C.D.P.A - **Violência nas Escolas e Juventude**: um estudo sobre o bullying escolar. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007

RIBEIRO, Gisele Pinto. **Violência nas escolas**. Monografia apresentada a Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2003

REGO, T.C.R. A indisciplina e o processo educativo: Uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2001

VAGULA, Edilaine. **(In) disciplina: refletindo sobre os desafios e perspectivas de ação no cotidiano escolar**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrid=950>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

ZECHI, J. A. M. **Violência e Indisciplina em meio escolar: aspectos teórico-metodológicos da produção acadêmica no período de 2000 a 2005**. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

**ARTIGO4: VIOLÊNCIA ESCOLAR: AS DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS,
NA PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA.**

RESUMO

VALE, Cláudia Antonia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, março de 2015. **Violência Escolar: as dissonâncias e consonâncias, na percepção da família e da escola.** Orientador: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Coorientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda

Atualmente a violência escolar tem sido tema de debates sociais, mobilizando tanto a imprensa falada quanto a escrita, visando à compreensão desse fenômeno social. A relação família e escola e suas percepções sobre os motivos, significados e implicações da violência escolar consistem no objetivo deste estudo, que foi desenvolvido em uma escola estadual. Realizou-se entrevistas com os profissionais da escola, alunos e famílias de alunos, que repetitivamente vem exercendo comportamentos violentos e indisciplinados na escola. Os resultados revelaram que existe um desencontro, nas percepções das famílias e da escola, em relação ao problema da violência escolar. Existe, por parte da escola, uma culpabilização das famílias e da comunidade onde residem. Por outro lado, nas famílias percebeu-se um sentimento de resignação e de ausência de compreensão da dimensão do problema. Faz-se, portanto, necessário que haja uma clareza do papel social que cabe a cada um no contexto escolar, para que as estratégias de intervenção sejam mais efetivas.

Palavras chave: Violência Escolar, Família, Escola

ABSTRACT

VALE, Cláudia Antonia da Silva Almeida, M. S. Universidade Federal de Viçosa, March 2015. **School violence: the dissonance and consonance, in the perception of family and school.** Advisor: Maria das Dôres Saraiva de Loreto. Co-Advisor: Wânia Maria Guimarães Lacerda

Currently, school violence has been the subject of social debates, mobilizing both spoken and written press, in order to understand this social phenomenon. The aim of this study, which was developed in a public school, is to focus on the relationship between family and school, their perceptions about the reasons, meanings and implications of school violence. Interviews were conducted with school staff, students and families of students whose behavior is repeatedly violent and unruly at school. The results revealed that there is a mismatch in perceptions of families and the school to the problem of school violence. The school blames the families and the community where they live. On the other hand, a sense of resignation and lack of understanding of the scale of the problem were perceived in these families. Therefore necessary to have a clarity of the social role of each in the school context, only then intervention strategies will be more effective.

Keywords: School Violence, Family, School

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, com frequência, a violência escolar tem sido tema de debates sociais, mobilizando tanto a imprensa falada quanto a escrita. Os meios de comunicação, não isentam a escola, por a considerarem uma agência de integração e formação social, mas que reflete no seu interior esta violência, representada, muitas das vezes, pelas relações conflituosas estabelecidas entre professor e aluno.

No meio educacional existe uma tendência de culpabilização da família e da comunidade e de todo e qualquer comportamento violento do aluno, isentando a escola de qualquer responsabilidade pela produção e reprodução da violência em seu interior. Nesse contexto, segundo Salles e Silva (2011, p.1), “a família de classe social mais baixa é a apontada por educadores como uma instituição cada vez mais incapacitada para educar as novas gerações.”

Ao buscar compreender este fenômeno no ambiente escolar é imprescindível a escuta da família, uma vez que o aluno, que ora é o agressor ora é a vítima, faz parte de um grupo familiar que pode fornecer dados importantes para o entendimento da questão. É no núcleo familiar que se dá a base da formação da criança. A família através de uma educação baseada em valores éticos e morais, possibilita a formação de comportamentos e atitudes necessários para o estabelecimento de boas relações da criança com outros membros da sociedade.

A visão da escola sobre as famílias e seus alunos também constitui uma variável importante nas interações que se processam nessa instituição. O significado da escola na vida do aluno e as relações e vivências na família “precisam ser mais bem compreendidos para que a tríade escola-família-aluno seja mais bem assimilada e seja possível empreender parcerias no sentido de criar vínculos sociais e relações mais produtivas no ambiente escolar.” (SALLES; SILVA,2011”, p.12))

Sendo assim o objetivo geral do presente estudo foi examinar e comparar as percepções das famílias e da escola sobre os motivos, significados e implicações da violência escolar. Tendo como enfoque a relação família e escola, pois é no contexto familiar que se inicia as primeiras

experiências sociais que vão possibilitar a inserção das crianças na sociedade e, conseqüentemente, na escola.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Aspectos Teórico conceituais sobre Família

Não foi objetivo deste estudo apresentar uma revisão teórica exaustiva acerca da teoria e conceitos sobre família, mas, sim, descrever sucintamente aspectos relativos ao tema proposto.

Diversos períodos históricos tratam das concepções diferentes sobre o conceito de família, que se modifica de acordo com o desenvolvimento econômico, político, social e cultural de cada época. Lisboa (2010) ressalta que as mudanças ocorridas na família ao longo da história são resultados de mudanças também em outros setores sociais, o que mostra a inserção da família como elemento integrador de cultura e um dos pilares na formação dos filhos.

Segundo Bruschini (1997) ao tentar conceituar o termo família tem-se que considerar que os estudos que dedicam ao tema revelam que, a não naturalidade e a mutabilidade são características das famílias e a diversidade de conceitos de família tem sido a marca registrada desses estudos.

Nesse mesmo sentido, Zamberlam (2001) reafirma que ao longo dos anos conceituar família e seus papéis, ficou cada vez mais difícil, necessitando de uma atualização e de uma renovação do pensar e do entender esta entidade, destacando que atualmente a multiplicidade dos subsistemas e a pluralidade dos arranjos familiares que se superpõem, marcam por mudanças estruturais a família brasileira, com a aparição de novas configurações familiares.

Szymanski (2002), citando Kaslow (2001), considera que essas mutabilidades, ocorridas com a família tiveram profundas implicações na configuração familiar originando vários modelos de família: a) Família nuclear, incluindo duas gerações, com filhos biológicos; b) Famílias extensas, incluindo três ou quatro gerações; c) Famílias adotivas temporárias (Foster); d) Famílias adotivas, que podem ser biraciais ou multiculturais; e) Casais; f) Famílias

monoparentais, chefiadas por pai ou mãe; g) Casais homossexuais com ou sem crianças; h) Famílias reconstruídas depois do divórcio; i) Várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo.

Percebe-se, assim, como ressalta Zamberlam (2001, p.9), que, “para além da família tradicional, outros arranjos familiares são compostos na contemporaneidade, e que estes cumprem a função que a sociedade destina à família, transmissão da cultura e formação de sujeitos.”

Nesse sentido, família não compreende um único significado. Ou seja, não é uma palavra passível de conceituação, mas tão somente de descrições, como destaca Zamberlam, (2001, p. 107): “é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano”.

Nessa mesma direção está a afirmativa de Heloísa Szymanski (2001, p.49) de que “não há uma definição de família, na forma de um modelo de “família real”. O que é ideal para um grupo de pessoas pode passar muito longe do que é ideal para outro. Há famílias, cada uma com suas especificidades”.

Essas especificidades dão origem ao sentimento de família, que engloba assim, todas as emoções inerentes à pessoa: identidade, pertença, aceitação, rejeição, amor, carinho, raiva, medo, ódio. Um conjunto de interação, organizado de maneira instável, em função de suas necessidades, com uma história e um código próprios, que lhe outorgam singularidade. A qualidade da estrutura familiar excede a soma das individualidades que a constituem, para adquirir características que lhe são específicas. Certamente é esta fusão de opostos que torna a família tão complexa e sua compreensão um desafio interminável. (ZAMBERLAM,2001)

Sendo assim, como pontua a referida autora, apesar de todas as mudanças ocorridas nas configurações da composição da família estas não descaracterizam o seu importante papel e desempenho social, pois a família ocupa o centro da civilização e da vida.

A família é para a sociedade uma importante instituição, que ora age como instrumento de reprodução ideológica ou como instrumento de transformação social. Bruschini (1997, p.68) afirma que: “A vida cotidiana é o

conjunto de atividades que caracteriza a reprodução dos homens particulares criando, por sua vez, a possibilidade de reprodução social.” É, portanto, segundo a autora na realização das atividades da vida cotidiana que o homem reproduz a sociedade e a si mesmo. Através desta instituição, as ideologias e comportamentos que deveriam ser apreendidos e reproduzidos socialmente foram introduzidos e consolidados na sociedade. Por isso, a análise da família deve mover-se tanto no plano das construções ideológicas quanto no seu papel na organização da vida social.

A referida autora considera que estudos na área da antropologia contribuem para que seja pensada a desnaturalização da família, tal como é conhecida em nossa sociedade. Nesse sentido, “A antropologia permite então pensar a variabilidade, a desuniversalização e a desnaturalização da família, como também a decomposição das relações nela envolvidas.” (BRUSCHINI, 1997, P.61).

Bruschini (2000), em teoria crítica da família, descreve que a unidade familiar não é uma instituição natural, ela se modifica e pode assumir configurações diferentes em sociedades ou grupos heterogêneos. O modelo nuclear de família, que parece tão natural, consolidou a partir do século XVIII. Na sua visão a mutabilidade seria, portanto, outra característica do grupo familiar. Segundo Azevedo (1997), uma teoria crítica da família, por sua vez, implicaria em vários níveis de “compreensão” dessa instituição, considerando que:

Se faz necessário compreender que a família é historicamente construída: a) em suas estruturas. Não se pode falar da família mas de modelos de família estruturalmente distintos. Reconhece-se, por exemplo, a família burguesa do século XIX(Europa); a família aristocrática dos séculos XVI e XVII (idem); a família camponesa dos séculos XVI e XVII (idem); a família colonial brasileira; e a família urbana brasileira (burguesa). b) em seus determinantes. As estruturas familiares diversificadas não podem ser mecânica e reducionista mente correlacionadas a uma só determinação mais ampla, seja esta a modernização, o patriarcado, o capitalismo etc. (AZEVEDO,1997, P.39).

Entre os marcos teóricos, que buscam estudar a família nas diversas literaturas pesquisadas, a teoria sistêmica tem sido uma das mais completas, pois busca compreendê-la como um sistema complexo. Para esta teoria, a família assim como outros sistemas vivos é regida por princípios básicos, como ressaltam Dessen e Costa Junior (2005, p.13):

a) O sistema é um todo organizado; b) Os padrões, em um sistema são circulares e não lineares, ou seja, há influência mútua e bidirecional entre os seus componentes; c) Os sistemas vivos são abertos, isto é, estabelecem trocas com o ambiente externo que, por sua vez, provocam transformações no sistema, além de possuírem elementos homeostáticos e mecanismos de reequilíbrio que mantêm a estabilidade de seus padrões; d) Os sistemas também são complexos, isto é, compostos por subsistemas interdependentes (marido-esposa, genitores-filhos, irmãos-irmãos, avós-netos).

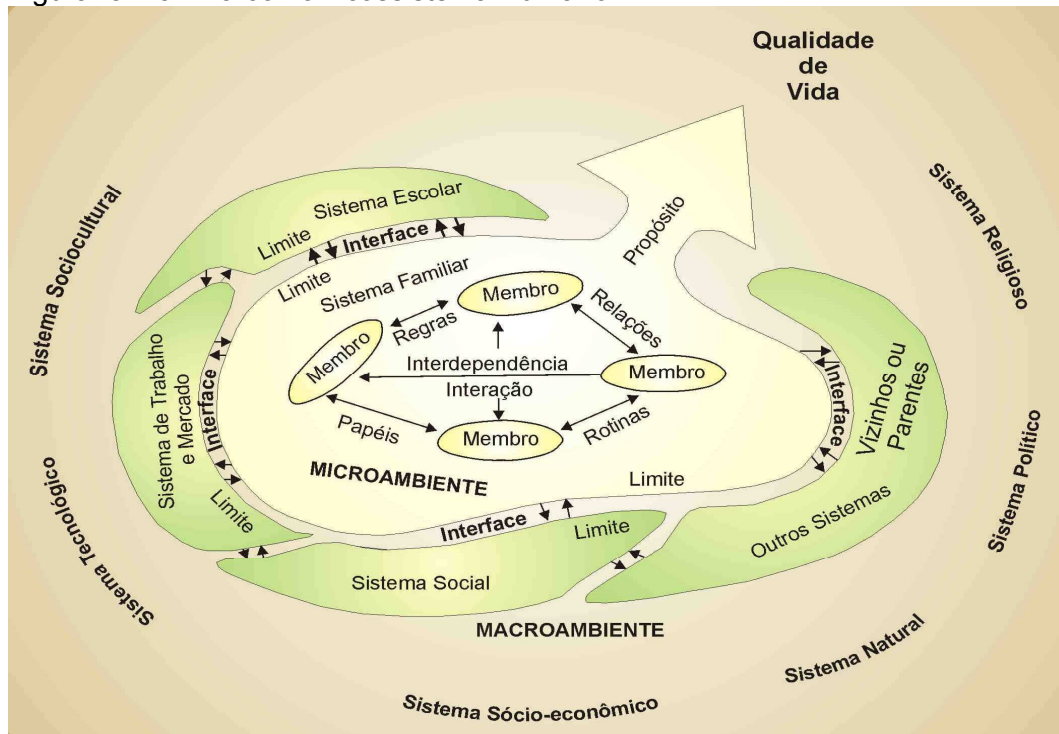
Lisboa (2008) comenta a respeito, afirmando que, a partir desses princípios, a família é considerada um todo estruturado, com uma dinâmica e uma função, sendo as relações entre seus membros reguladas pelos princípios da retroalimentação, em busca do equilíbrio. Nesta dinâmica os subsistemas são mantidos por regras e limites próprios, que regulam suas próprias inter-relações e mantêm a integridade dos padrões próprios daquele grupo.

Para Dessen e Costa Junior, (2005, p. 113) “a família é, também vista como um dos primeiros contextos de socialização dos indivíduos, possuindo papel fundamental para o entendimento do processo de desenvolvimento”. Ressaltam também que as modificações ocorridas nas configurações e estruturas das famílias torna difícil o seu estudo por ser um sistema complexo, composto por subsistemas integrados e interdependentes, que se relacionam bidireccionalmente, sendo de mútua influência como o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida.

Rice e Tucker (1969), corroboram com esta concepção, considerando a família como um ecossistema, que possui os seguintes elementos: os membros do sistema familiar, o ambiente (micro e macro), além das diferentes formas de organização e manejo dos recursos. (Figura 13) Os membros do sistema familiar representam as pessoas vivendo juntas, que possuem algum comprometimento; comportando-se, portando, como uma unidade. As interações e interdependências entre os membros na família são derivadas dos papéis, regras, rotinas e responsabilidades de cada pessoa para com a outra. O sistema familiar em interface com o micro e macroambiente tem como propósito o alcance da qualidade de vida, sendo dependente do microambiente, que contempla os seguintes sistemas: sistema escolar, sistema de trabalho e mercado, sistema social, vizinhos e parentes e outros sistemas. Por outro lado, o macroambiente consiste de elementos naturais adjacentes e

de instituições socioculturais, socioeconômica, políticas religiosas e tecnológicas da sociedade. (RICE; TUCKER,1969).

Figura13: Família como Ecossistema Humano



Fonte: RICE; TUCKER (1986)

O sistema familiar, é dinâmico e evolutivo, podendo ter diferentes graus de abertura ou de trocas com o ambiente externo, dependendo de sua aceitabilidade ou facilidade de relacionamento. Assim, a família, como um ecossistema humano, possui limites (ou fronteiras), que a separam dos outros sistemas. Esses limites, são permeáveis, permitindo trocas de energia com outros ambientes, com os quais possui interfaces, como é o caso do sistema escolar. Essas interfaces facilitam o fluxo de informações, mercadorias e serviços através dos limites dos sistemas, considerando os aspectos socioculturais, tecnológicos, econômicos e políticos que determinam os estilos de vida, a integridade e identidade do sistema familiar.

2.2 Família e as mudanças no contexto histórico, social e cultural.

Young e Willmat, 1997, citados por Bruschini (1997), acreditam que a história da família pode ser relatada em estágios, descrevendo a partir do

período pré-industrial a família inglesa. No primeiro estágio, a unidade familiar era, antes de tudo, uma unidade produção, homens, mulheres e crianças trabalhavam juntos tanto na casa quanto no campo. O segundo estágio é marcado pelo rompimento advindo com a Revolução Industrial do século XIX e a industrialização da venda da força de trabalho. Já no terceiro estágio, a partir do começo do século XX, a unidade familiar é renovada em torno de sua função, como unidade de consumo. A vida é mais privativa, a família extensa cede importância à nuclear e, dentro do casamento, os papéis sexuais se tornam menos separados.

Cayres (2013) comenta que no Brasil, com o início do processo de industrialização, por volta da segunda metade do século XIX, ocorre uma mudança na família e o modelo patriarcal⁸, vigente até então, passa a ser questionado, desenvolvendo-se a família conjugal moderna. Esta família apresentava-se como uma família nuclear, reduzida ao pai, mãe e filhos, organizada hierarquicamente em torno de uma rígida divisão sexual de papéis, onde o homem era responsável pelo sustento da família e a esposa pela educação dos filhos e cuidados do lar. Esse novo modelo de família institui novos padrões de educação dos filhos, atribuindo alto valor à privacidade e intimidade nas relações entre pais e filhos.” A domesticidade, o amor romântico e o amor materno tornaram-se suas pedras angulares.” (CAYRES; 2013, p.3)

Segundo Singly (2007, p.35), na família moderna os seus membros gozam de uma maior individualidade, diferentemente das famílias que existiam anteriormente. “Essas divergências individuais se acentuam se consolidam e, como elas são os cerne da personalidade individual, esta vai necessariamente se desenvolvendo.”

Na visão de Cayres (2013, p.3), no século XX no Brasil, a família conjugal moderna ainda apresenta características da família patriarcal, “fundamentada na legislação, somente na constituição de 1988, a mulher e o homem são assumidos com igualdade no que diz respeito aos direitos e

8 O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (MILLET, 1970; SCOTT, 1995).

deveres na sociedade conjugal”. Dessa forma, o processo de modernização se deu de forma não linear, isto é, não ocorreu uma transformação de um modelo pelo outro.

De acordo com Sarti (2003) e Mito (1997), citados por CAYRES (2013, p.4), os “modelos” patriarcal e conjugal ainda existem nos dias atuais, havendo a predominância de um ou de outro, dependendo da camada social a que pertence à família”. O referido autor acrescenta que, nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, o abandono das tradições e as mudanças ocorridas nas famílias refletem as mudanças nos papéis anteriormente pré-estabelecidos que regiam o casamento, a sexualidade, o trabalho e os valores. A individualidade passar a ser considerada e ganha importância social. Outro fator importante diz respeito ao empobrecimento acelerado das famílias na década de 80, ocasionado pelo modelo de desenvolvimento econômico exercido pelo Estado brasileiro, que gerou a migração agravada do campo para a cidade e a entrada de um número muito grande de mulheres e crianças no mercado de trabalho.

As mudanças significativas na família brasileira e em todos segmentos da população aconteceram nos anos 90. Segundo Mito (1997), citado por Cayres (2013), com base na análise da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio-IBGE (PNAD), a família dos anos 90 tem uma configuração marcada pelas seguintes características populacionais: a) Número reduzido de filhos, pois a família brasileira entra, nos anos 90, com uma média de 2,5 filhos, em contraposição aos anos 60, cuja média era de 6,3 filhos. Este dado indica queda acentuada da taxa de fecundidade das mulheres brasileiras; b) Concentração da vida reprodutiva das mulheres nas idades mais jovens (até trinta anos), significando que as mulheres passam menos tempo de sua vida em função da reprodução e têm mais tempo para se dedicar a outras atividades (trabalho, relação conjugal); c) Aumento da concepção em idade precoce. Isto implica o aumento da gravidez entre adolescentes; d) Aumento da coabitação e da união consensual. Este aspecto tem como consequência o fato de a coabitação não ser mais considerado como sinal de pobreza. E, paralelamente ao aumento das uniões consensuais, houve um avanço da união legal (aumento do número de casamentos civis) em contraposição à união religiosa (queda do número de casamentos religiosos); e) Predomínio das famílias nucleares (pai, mãe, filhos). Embora se registre uma queda desse tipo

de organização familiar (em 1981, 81% das famílias eram nucleares, enquanto que, em 1989, essa porcentagem caiu para 79,5%), as famílias nucleares ainda são predominantes ao contexto brasileiro; f) Aumento significativo das famílias monoparentais, com predominância das mulheres como chefes da casa. Em termos de dados, em 1981, registrou-se 16,8%, sendo que, em 2010, de acordo com o IBGE, era de 37,5 %; g) Aumento das famílias recompostas. Este fato é consequência do aumento das separações e dos divórcios nos últimos anos; h) População proporcionalmente mais velha. O crescimento da população idosa está condicionado ao aumento da expectativa de vida média da população. A média de idade da população brasileira, em 1950, era de 18,8 anos e apenas 4,2% tinham mais de sessenta anos. Em 1991, a idade média ficou em 24,8 anos, e a população acima de sessenta anos passou a ser de 7,8%. Isto significa um aumento de encargos da família relacionado ao cuidado com idosos; i) Aumento de pessoas que vivem sós.

Estas mudanças são marcadas pelos avanços relativos às questões ligadas a sexualidade, mais especificamente, a pílula anticonceptiva, as inseminações artificiais, que separam sexualidade de reprodução, dando autonomia a mulher para vivenciar sua sexualidade. A saída da mulher para o mercado trabalho, implicou em sua saída do âmbito privado do lar para o âmbito público, para fazer parte do mercado de trabalho. Com isso a mulher também exerce o papel de provedora do lar, dividindo com o homem esta função.

Neste contexto, como destaca Zamberlam (2001), as mudanças no comportamento da humanidade são marcadas por transformações não só na família, mas na sociedade em geral. Essas transformações são reflexos da cultura, do processo econômico, político e social, assim como de suas instituições, as quais acarretam modificações na rede de relações sociais, afetivas e emocionais entre os elementos do núcleo familiar, sua interação e organização interna.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi desenvolvido em uma Escola Estadual do Município de Muriaé. A escolha da escola se deu pelo fato da mesma

apresentar um alto índice de registros no livro de ocorrências da escola e Boletins de Ocorrência realizado por policiais, motivados por comportamentos violentos e indisciplinados dos alunos.

Para a elaboração desta pesquisa, adotou-se a metodologia qualitativa, sendo realizada no período de agosto a outubro de 2014, entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado, junto aos profissionais da escola e alunos, bem como junto às famílias de alunos que repetitivamente vem exercendo comportamentos violentos e indisciplinados na escola, tendo sido abordadas três categorias: comunidade, escola e a violência escolar.

A amostra foi composta de 23 profissionais da escola, 24 alunos do ensino fundamental com idade entre 12 a 17 anos, além de 14 famílias.

As informações obtidas nas entrevistas semiestruturadas foram categorizadas a fim de possibilitar uma análise dos conteúdos das falas e respostas, conforme metodologia proposta por Bardin (2011), examinando-se as percepções dos entrevistados sobre os significados e sentido da violência nas escolas e sua associação com o ambiente familiar.

No caso dos dados quantitativos foram utilizadas análises estatísticas, basicamente, de natureza descritiva, em função do caráter diagnóstico da presente pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao vivenciar o espaço escolar é normal escutar o diálogo dos professores, diretores e supervisores ou outros profissionais da escola de como a família hoje encontra-se “desestruturada”, desinteressada, carente e, no caso de comunidades de baixa renda, violenta. Tais condições constituem-se numa “explicação” fácil para o insucesso escolar de algumas crianças. (SZYMANSKI, 2011).

Esta percepção se confirma, entre os profissionais da escola pesquisada, pois quando perguntados de como descreveriam a trajetória de vida e o comportamento do aluno que repetidamente comete atos de violência escolar, 90% dos profissionais apontaram as famílias como causadora do problema e apenas 10% disseram que a violência seria inata a algumas pessoas. Nesta questão foi possibilitado uma abertura aos profissionais para

expressarem sua opinião sobre os fatores que podem condicionar o problema, sendo que algumas das respostas foram:

“Família já possui histórico de violência escolar”. (Ent. A, Sexo F.)

“São de famílias com risco de vulnerabilidade social”. (Ent., Sexo F.)

“Possui pais ou responsáveis ausentes em sua vida” (Ent., Sexo M.)

“São de famílias com arranjos familiares diferentes”. (Ent., Sexo F.)

Entretanto, segundo Szymanski (2011, p.67), faz-se necessário o reconhecimento e a compreensão pela equipe escolar de que “Família desestruturada” não quer dizer mais do que uma família que se estrutura de forma diferente do modelo de família nuclear burguês. Ou seja, é necessário desvincular na escola o comportamento do aluno indisciplinado e violento ao tipo de arranjo familiar a que ele pertence. Este tipo de pensamento é preconceituoso e não permite a escola pensar além, considerando outros fatores que podem justificar e apontar as causas destes comportamentos.

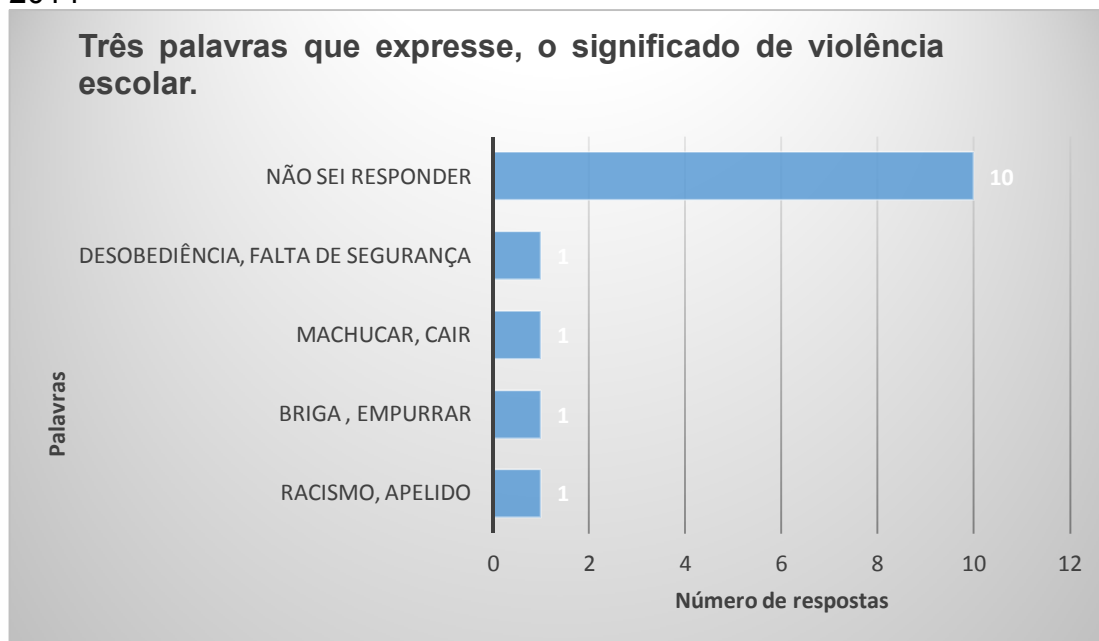
Dessen e Silva (2000, p.5) comentam sobre esta questão, afirmando que:

Precisamos reconhecer que há vários tipos de “famílias”, que os papéis maternos e paternos são multidimensionais e complexos e que pais e mães desempenham papéis diferentes em contextos culturais diferentes. Para compreender como a “família” funciona, é preciso, sobretudo, estudar as interações e relações desenvolvidas entre os diferentes subsistemas familiares, o contexto histórico, social e econômico no qual as “famílias” estão inseridas e a “família” em diferentes contextos culturais. Estudar a diversidade cultural favorece o desenvolvimento de teorias mais claras e a construção de conceitos mais válidos de “família”.

A culpabilização da família pela violência escolar levou ao questionamento sobre o seu significado, sendo solicitado tanto aos profissionais da escola que vivenciam a indisciplina e atos de violência no seu cotidiano quanto às unidades familiares que dissessem, 3 palavras que expressassem, na sua opinião, o significado de violência escolar.

A maioria das famílias (70%) não sabia nomear palavras que pudessem expressar o significado de violência escolar. O restante (30%) citaram os seguintes termos: desobediência, machucar, briga, racismo, cair, apelido, empurrar, falta de segurança (Fig.14)

Figura 14: Significados de violência escolar, na visão das famílias, Muriaé/MG, 2014



Fonte: Dados da pesquisa 2014

Já, para os professores, os termos que representavam as suas percepções sobre o significado da violência escolar foram: desrespeito (16), bullying (4), agressividade (4), falta de interesse (4), indisciplina (4). As demais expressões apareceram de uma a duas vezes, como: falta de base familiar, a família, abandono familiar, falta de limite, falta de amor, carência, falta de compromisso, frustração, decepção, revolta, preconceito, conflito, abuso, intolerância, decepção, frustração, desordem, falta de diálogo, drogas,

Figura 15: Significados de violência escolar, na visão da escola, Muriaé/MG, 2014.



Fonte: Dados da pesquisa 2014

Observa-se, assim, que ao direcionar a pergunta para a violência que ocorre dentro da escola, as famílias, diferentemente dos professores, não conseguem dar um significado a ela, percebendo-se uma falta de compreensão da dinâmica do dia a dia da escola e uma ausência de familiaridade com o ambiente escolar, o que pode vir a justificar a falta de envolvimento da família com os problemas relacionado aos seus filhos na escola.

Outra questão levantada junto às famílias e profissionais da escola foi, sobre as implicações da violência escolar. Novamente as famílias encontraram muita dificuldade em expressar palavras para esta resposta. Mesmo com as explicações, 6 famílias não souberam falar sobre as implicações da violência escolar. As demais (8) responderam somente uma única frase ou uma única palavra, conforme os seguintes depoimentos:

“O ambiente em que vive fica prejudicado” (Ent. A, Sexo F)

“Prejudica os professores e as mães” (Ent. D, Sexo F),

“Falta de diálogo em casa” (Ent. M, Sexo F),

“O professor fica prejudicado”, (Ent. B, Sexo F)

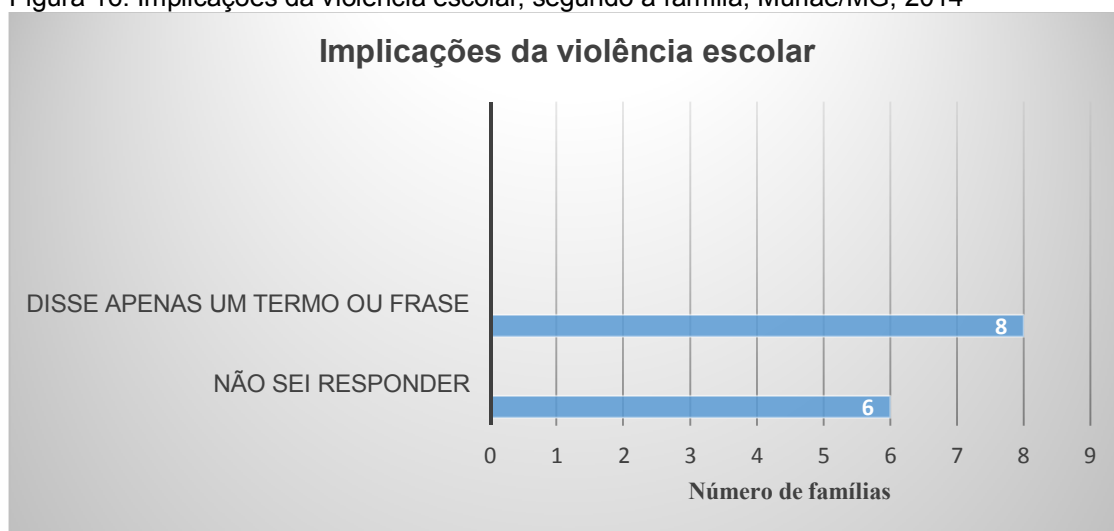
“Morte” (Ent. N, Sexo F)

“Estupro” (Ent., Sexo F.)

“Atrapalha ele mesmo” (Ent. L, Sexo F)

“Tem que ser mais rígido” (Ent. I, Sexo F)

Figura 16: Implicações da violência escolar, segundo a família, Muriaé/MG, 2014

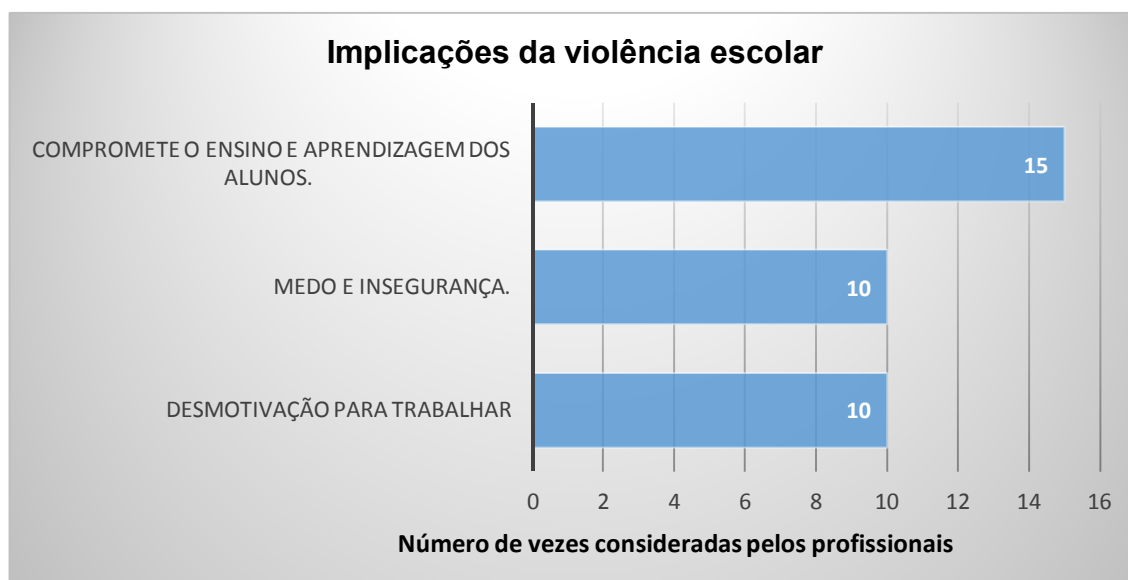


Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Reafirma-se que, apesar da escola atribuir a culpa da violência e indisciplina às famílias, estas seguem sem ter uma visão da dimensão do problema na escola como um todo, não compreendendo que o maior prejudicado são seus filhos, a partir do momento que o processo de ensino e a aprendizagem fica comprometido.

Outro aspecto importante são as mudanças nas relações estabelecidas no interior da escola que vêm gerando medo e insegurança. Segundo dados da Figura 17, referente à visão dos professores sobre as implicações da violência escolar, 15 destes afirmaram que compromete o ensino aprendizagem dos alunos, além de causar desmotivação (10), medo e insegurança (10).

Figura 17: Visão dos profissionais da escola sobre as Implicações da violência escolar, Muriaé/MG, 2014



Fonte: Dados da pesquisa 2014

Esses resultados veem ao encontro com os demais estudos realizados que pontuam que o medo e a insegurança vêm tornando o exercício da profissão cada dia mais difícil e menos prazeroso, como destacaram Abramovay e Rua (2003):

Nos últimos anos, chama a atenção o aumento ou registro de atos delituosos e de pequenas e grandes incivilidades nas escolas, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. A escola não seria mais representada como lugar seguro de integração social, de socialização. Não é mais espaço resguardado. Ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. (ABROMOVAY; RUA,2003, p.27)

Os professores reconhecem que o grande problema da indisciplina e da violência é prejudicar a aprendizagem escolar, gasta-se horas e há um desgaste físico e mental para gerenciar estes problemas. A escola, desta forma, não consegue cumprir a função social para qual ela é destinada.

Entre os professores o absenteísmo é uma das consequências diretas das violências e da falta de reconhecimento pelo mérito de seu trabalho. Outros resultantes são a perda de estímulo para o trabalho, o sentimento de revolta e a dificuldade de se concentrar nas aulas. (ABROMOVAY; RUA,2003, p.81)

Considera-se que uma relação ideal entre escola e família passa pela premissa da participação compartilhada na educação das crianças e jovens que se encontram na escola. Família e escola se complementam, mais cada qual tem um papel especificamente a cumprir.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p.101), comentam sobre as divergências entre os papéis da família e da escola.

A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade.

Para análise dessa relação escola e família, indagou-se aos profissionais como a mesma era vista, constatando-se que 64% responderam que somente a família do aluno que não dá problema que vem a escola; 59% afirmaram que a família só vem a escola quando é chamada, 50% consideram que a família vem muito pouco a escola, 23% comparecem somente a reunião de pais e, por final, 18% dos respondentes afirmaram que a família não vem na escola, mesmo quando é chamada.

Tais resultados demonstram um afastamento da família do dia a dia da escola, como se esta não se importasse com a vida escolar dos filhos, contradizendo o que foi dito pelas famílias, uma vez que 60% das mesmas afirmaram ter uma boa relação com a escola, o que é demonstrado através de uma das falas selecionadas:

“Sinto muito bem porque os professores preocupam com meu filho”.
(Ent. A, Sexo F.)

Entretanto, 35% das famílias relataram que a relação estabelecida com a escola se dava somente através de reunião para entrega de boletim; enquanto outras (5%) associaram a relação com a reunião de pais, mas que não comparecem. Somente uma família conseguiu desassociar à relação à participação na entrega de boletim, demonstrando a existência dos conflitos vividos na escola.

“Muito complicado, professor não respeita o aluno e o aluno não respeita o professor.” (Ent. L, Sexo F)

Ressalta-se que as famílias tanto dos alunos bons quanto dos alunos que apresentam problemas de comportamento só vão à escola para reunião de pais ou quando são chamadas, existindo um distanciamento das famílias com respeito às escolas.

Questiona-se sobre o distanciamento da família, se as escolas só oferecem a reunião de pais como momento de contato e, mesmo assim, porque esta é obrigatória e deve constar no calendário escolar. Logo são feitas bimestralmente, coincidido com o fechamento dos bimestres letivos, dando ênfase a entrega das “notas” relativas ao aproveitamento escolar do aluno e reclamações sobre o seu comportamento na escola. Como relata uma mãe:

“Chama para falar dos meninos, para entregar boletim e reclamações”. (Ent. C, Sexo F)

Esses resultados são corroborados Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p.105) ao afirmarem que:

Na visão das famílias as interações estabelecidas com a escola ocorrem nos horários de saída, nas reuniões de pais convocadas pela escola ou em datas comemorativas, o que ilustra um relacionamento superficial e limitado a situações “formais”, como as reuniões bimestrais e as comemorações, ambas organizadas pela escola.

Ressalta-se, também, que geralmente os horários das reuniões nas escolas não atendem às necessidades das famílias e alguns professores nem comparecem nas reuniões de pais, ficando muita das vezes a cargo da direção escolar e supervisores pedagógicos, como observado por Malavasi (2000, p.285) “É importante, porém, considerar que nem sempre a escola consulta as

famílias para planejar eventos e por isso não consegue atender às expectativas delas.”

Os projetos político e pedagógico das escolas contemplam as reuniões de pais e dão ênfase na sua importância para os desenvolvimentos das atribuições das escolas; mas são poucos documentos que trazem propostas para as famílias, que as envolvam em situações de aprendizagem, de colaboração e participação nas decisões da escola. Há, portanto, um distanciamento entre o que se escreve e o que se faz. A esse respeito Dessen e Polônia (2007, p.28), ressaltaram que:

O conhecimento dos valores e práticas educativas que são adotadas em casa, e que se refletem no âmbito escolar e vice-versa, são imprescindíveis para manter a continuidade das ações entre a família e a escola (Keller-Laine, 1998). Sendo assim, as escolas devem procurar inserir no seu projeto pedagógico um espaço para valorizar, reconhecer e trabalhar as práticas educativas familiares e utilizá-las como recurso importante nos processos de aprendizagem dos alunos. Mas, a colaboração entre esses contextos deve levar em consideração as diferenças culturais, a formação para cidadania e a valorização de ações e de decisões coletivas (Kratochwill&cols.,2004; Marques, 2002). As educativas verificadas no âmbito das relações interpessoais e nos resultados acadêmicos dos alunos, têm reflexos na participação efetiva e na integração escola-família, assegurando uma continuidade entre os dois segmentos.

Essa participação e integração escola-família é importante para a elaboração de um Projeto Político Pedagógico, porque as relações da família com a escola mudaram assim como as novas bases que sustentam as relações no interior da família. (MALAVASI, 2000)

Entretanto, a integração escola e família tem sido deficitária, já que 57% das famílias dizem não fazer nenhuma atividade, em conjunto com a escola; enquanto as 43% restantes relacionaram a atividade de envolvimento com a escola exclusivamente por meio da reunião para entrega de boletins, com as notas do aproveitamento escolar dos filhos.

A falta de conhecimento pela família da proposta pedagógica da escola e do papel que deve ser exercido por ela oportuniza uma contradição ambígua, como se vê no questionamento sobre sua proximidade com a escola, já que 86% das mesmas se sentem próximas da escola de seus filhos; enquanto 14% afirmaram que não, justificando tal atitude da seguinte forma:

“Não, pois eu não vou em reunião de pais” (Ent. E. Sexo F.)

“Não. Por que a escola é longe.” (Ent. C. Sexo F.)

Inicialmente, a maioria das famílias ligou o termo estar próxima com a proximidade da escola com a casa, conforme a seguinte expressão: “Porque é próxima da minha casa”. Mesmo após o esclarecimento do termo sobre sentir próxima a escola, persistiram as respostas, o que indica que não é oferecido momentos de encontros que fortaleçam estes sentimentos. Somente duas famílias dimensionaram o sentido de estar próximo para além do espaço geográfico afirmando:

“Porque compareço sempre que me chamam” (Ent. M, Sexo F)

“Por que tenho contato com a direção da escola”. (Ent. N, Sexo F)

Para aprofundar sobre essa relação escola-família, foi indagado aos profissionais quais eram os principais problemas enfrentados por eles na escola, estes apontaram mais de uma resposta, distribuídas as porcentagens de acordo com o número de vezes que as opções foram marcadas, sendo que, 90% consideram a falta de envolvimento das famílias na educação dos filhos; 81 % a falta de participação das famílias no processo pedagógico, 64% a falta de interesse dos alunos nas atividades da escola; 64% a indisciplina escolar, 37% a infraestrutura da escola , 23% a violência escolar; 18% o número reduzido de profissionais na escola e 10% falta de apoio pedagógico.

Assim, ao apontarem a falta de envolvimento das famílias na educação dos filhos e a falta de interesse dos alunos nas atividades escolares, a escola transfere os problemas ligados a não aprendizagem dos alunos, a exclusão vivenciada por estes dentro da escola e, conseqüentemente, o fracasso escolar para responsabilidade dos pais e de seus filhos, negando a participação da escola nesta situação. Entretanto, cabe à escola compreender que as formas como se dá a elaboração das regras e normas no regimento escolar, a forma de ensinar, o modo de avaliar, a gestão da escola, as expectativas que se tem dos alunos, assim como, a organização dos tempos e espaços escolares e a infraestrutura física da escola influenciam para que haja um ambiente indisciplinado e violento, com reflexos sobre a realização das atividades escolares. Esta atitude sem uma reflexão crítica gera uma violência

reproduzida inconscientemente pela própria escola, conforme aponta Bernard Charlot (2002) sobre a violência da escola:

A violência a escola está ligada a natureza e as atividades da instituição escola: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). (CHARLOT, 2002, p. 434-35)

Apesar de apenas seis professores terem apontado a falta de infraestrutura como um problema, a escola objeto do estudo em questão, mesmo tendo passado por uma reforma em 2012, não possui uma quadra esportiva e nem espaço físico para as práticas de educação física, que é ministrada em uma pequena parte na entrada da escola e próximo ao refeitório e aos corredores. O barulho e movimentação prejudicam significativamente as aulas ministradas. Há uma ausência de espaços alternativos de lazer e de encontros entre os adolescentes e jovens da escola.

Fica, portanto, nítido nas percepções dos profissionais da escola a existência de uma total ausência e falta de responsabilidade das famílias para com os assuntos pertinentes à vida escolar de seus filhos, o que vai gerar um desencontro com as percepções das famílias ao considerarem que participam e incentivam os filhos a irem para escola. Como destaca Szymanski (2011, p.89)“Muitas vezes, o discurso que desvela a família pensada apresenta valores muito diferentes daquelas subjacentes às ações quotidianas na família vivida.”

Nesse sentido, a família é culpabilizada pela escola, mas não se vê no papel de réu, talvez por acreditar que seu filho ao ir para escola está estudando e aprendendo, uma vez que cabe à escola esta função. Malavasi, (2000, p.250) comenta a respeito, afirmando: “Existe o processo de culpabilização dos professores sobre seus alunos através de acusações e julgamentos demonstrando ser ele aluno o responsável exclusivo pelo próprio insucesso. ”

Para verificar a efetiva participação da família na educação dos filhos, foi indagado à mesma se sempre perguntava ao filho sobre a escola, sendo que 100% responderam que sim, demonstrando que existe uma preocupação com

a mesma. Para aprofundar sobre este envolvimento foi perguntado se a família auxiliava o filho nas atividades escolares. A maioria (9) respondeu que sim, o que é confirmado nas seguintes falas:

“O que sei ensinar eu ensino” (Ent. D, Sexo F.)

“Quando sei a atividade” (Ent. G, Sexo F.)

“Eu não sei ajudar mais a irmã dele ajuda”, (Ent. B, Sexo F.)

As famílias que responderam que não auxiliam nas atividades escolares justificaram o motivo de não o fazer, conforme os motivos relatados:

“Não sei ler e nem escrever”. (Ent. C, Sexo F.)

“Não tem necessidade ele faz sozinho”. (Ent., Sexo F.)

“Ele nunca traz atividades para casa”. (Ent. J, Sexo F.)

Grande parte das famílias justifica a dificuldade de auxílio nas atividades dos filhos devido à baixa ou a falta de escolaridade. Verifica-se que existe uma real dificuldade por parte dos pais, para acompanhar as atividades escolares dos filhos, que recorrem ao apoio de outros membros do grupo familiar. Esta situação é relatada por Szymanski (2011, p.220), ao dizer que: “Sua condição de famílias trabalhadoras dificulta um acompanhamento mais próximo do trabalho acadêmico das crianças; sua baixa escolaridade também dificulta esse acompanhamento”.

Esse baixo nível de escolaridade foi também confirmado no perfil socioeconômico das famílias entrevistadas, que possuíam de 0 a 5 anos de estudos, além de baixa renda. Entretanto, conforme Polonia e Dessen(2005), as pesquisas têm demonstrado que os pais estão constantemente preocupados e envolvidos com as atividades escolares dos filhos e que dirigem a sua atenção para a avaliação do aproveitamento escolar, independentemente do seu nível socioeconômico ou escolaridade. Os referidos autores acrescentam que a escola deveria possibilitar o envolvimento das famílias, mesmo tendo uma baixa escolaridade, comentando que é essencial que adote estratégias que permitam aos pais acompanharem as atividades curriculares da escola, o que beneficiaria tanto a escola quanto a família. Uma prática neste sentido despertaria um sentimento de pertença à instituição, fortalecendo o conceito da importância da escola na vida de seus filhos.

Este sentimento de pertencimento e proximidade com a escola foi examinado por meio da seguinte questão: Com que frequência você é chamado para ir à escola? Mais da metade (58%) das famílias declararam que sempre era chamada, usando as expressões “direto”, “todo dia; enquanto as demais (42%) declararam: “mais ou menos”, “de vez em quando”. Procurou-se também questionar se as famílias atendiam aos chamados da escola, sendo que (100%) das mesmas disseram sim, em unanimidade, que atendem ao chamado da escola. Neste sentido, há um encontro das respostas dadas entre escola e família, quando a escola relata que as famílias só vêm a escola quando são chamadas e estas afirmarem atender estes chamados.

Entretanto, dentro desta mesma resposta dos profissionais, há um desencontro na percepção que os professores fazem da família. Nas suas repostas, foi possível observar que eles consideravam que somente a famílias dos alunos “bons” vêm a escola; embora as entrevistas tenham sido realizadas com famílias de alunos indisciplinados e violentos da escola. Tal resultado demonstra que estas também atendem ao chamado da escola, mesmo assumindo que os motivos estejam ligados ao comportamento indevido dos filhos, como relatado por 86% das mães, ao responderem os motivos do chamado da escola, conforme os seguintes depoimentos:

“Pelo fato dele responder e fazer bagunça” (Ent. A, Sexo F.)

“Por mal comportamento dos meus filhos” (Ent.C, Sexo F.)

“Chamam muito pois meu filho não quer estudar só quer brincar” (Ent. H, Sexo M)

“Por brigas do meu filho, não para na sala de aula” (Ent. A, Sexo F.)

“Por causa do meu filho ele é bagunceiro, arteiro apronta” (Ent. L, Sexo F.)

Os dados da pesquisa mostram que, além de atender aos chamados, mesmo sendo para ouvir reclamações dos problemas ocasionados pelos filhos nas escolas, as famílias, ainda assim, ressaltam a importância dessa comunicação, pois 93% das mesmas disseram achar certa a atitude da escola, o que é expressado nas seguintes falas:

“Entendo que eles preocupam com meu filho, isso é muito bom” (Ent. A, Sexo F)

“É importante para ver como meu filho é tratado” (Ent. L, Sexo F)

“Sinal que tem pessoas bem competentes na escola (Ent. M, Sexo F.)

“Eles estão certo, por que tem que chamar para a gente saber, chamar é algo importante” (Ent. N, Sexo F.)

Houve somente um caso, no qual a mãe relatou não ficar à vontade com este chamado:

“Sinto vergonha de ter que lá para isso”. (Ent. J, Sexo F)

Ribeiro (2006) relata que estudos, como de Andrade (1986), Cruz (1997) e Zago (1998), consideram a importância que os pais dão às ações da escola, relatando que:

Já os estudos sobre as representações de pais de alunos sobre a escola pública revelam que eles valorizam sim, a escolarização, sendo está o principal meio de ascensão na escala social, além de proporcionar a continuidade dos valores passados pela família, preparando a criança para a vida adulta. (RIBEIRO, 2006, p.386)

A partir da categorização sobre violência escolar e sistema familiar, buscou-se relacionar as percepções dos professores, famílias e alunos sobre a violência escolar de forma a verificar se existia uma associação entre violência escolar e sistema familiar. Neste sentido, foi perguntado aos profissionais da escola, se eles acreditavam existir relação entre o comportamento violento dos alunos e sua família. Mais de 80% dos profissionais consideravam existir uma relação; enquanto (18%) responderam que talvez possa existir uma relação com a família. Foi também indagado sobre a associação entre violência escolar e sistema familiar, sendo que 79% dos respondentes afirmaram que sim, atribuindo este associado a:

“As pessoas gritam dentro de casa, são violentas” (Ent. E, Sexo F)

“Os pais são exemplos” (Ent. B, Sexo F.)

As respostas dadas pelas famílias vão ao encontro com as dos professores, no sentido de que existe uma percepção da associação entre família e violência escolar.

Para realizar um encontro das percepções sobre o fenômeno violência escolar entre as três partes essenciais do processo (aluno, escola e família), foi perguntado aos alunos entrevistados se eles já haviam presenciado alguma violência dentro de casa, sendo que 60% dos mesmos disseram sim. Alguns alunos, mesmo marcando não, assinalaram na entrevista que em suas casas

existia briga entre irmãos, mas que não viam como violência. Acredita-se ser devido à banalização do fato e ou de ser comum entre o grupo familiar.

Além disso, para identificar a influência da violência externa sobre o grupo familiar, verificou-se junto aos profissionais da escola, se eles acreditavam que existia uma relação entre o comportamento violento dos alunos e sua comunidade ou ambiente de vivência. Constatou-se que 95% dos entrevistados disseram sim, percebendo-se que para a escola não existe dúvidas em relação a interferência do meio em que vive o aluno nas suas atitudes dentro da escola. Essa mesma certeza foi menor entre as famílias, pois somente a metade (50%) das mesmas considerava que o comportamento violento do seu filho estava associado as características da comunidade onde vive.

Apesar da comunidade ser vista como violenta por 88% dos alunos entrevistados, existe uma divisão entre as famílias entrevistadas se as características da comunidade onde seus filhos vivem influencia ou não no comportamento violento do seu filho na escola, mesmo, 80% das famílias reconhecendo o comportamento transgressor e inadequado dos seus filhos, adjetivando-os de: “Rebeldes”, “Agitados”, “Violentos”, “Nervosos”, “Falantes”. Uma das mães disse:

“Não é normal o que ele faz, ele tem que tomar medicamentos mas não está dando muito jeito.” (Ent. J, Sexo F.)

Nesse caso, do ponto de vista da família, o grupo familiar teria mais influência na vida dos alunos que necessariamente a comunidade onde viviam, o que é dissonante das percepções da escola que vê tanto a família quanto a comunidade, como fortes fatores de interferência nas atitudes dos alunos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa permitem concluir que a relação entre a família e a escola tem-se caracterizado por um desencontro nas percepções em relação aos fatores que vem desencadeando um clima de indisciplina e violência na escola. Existe, por parte da escola, uma postura defensiva e

acusativa, projetando para as famílias e sua comunidade a responsabilidade do comportamento inadequado dos filhos na escola; enquanto que para as famílias existe um sentimento de resignação e de ausência de compreensão da dimensão do problema.

Sugere-se, neste sentido, que o primeiro passo a ser dado em relação ao problema é buscar um encontro entre escola, família, comunidade e instituições públicas responsáveis pela proteção e orientação dos alunos. Para tanto, é necessário que todos tenham clareza do papel social que lhes cabe, enquanto sujeitos determinantes do processo. O conjunto consciente e harmonioso dos papéis exercidos pode possibilitar a busca de estratégias de intervenção com o objetivo de melhorar o clima escolar e possibilitar a formação integral dos alunos.

Assim, faz-se necessário desenvolver pesquisas que possibilitem conhecer a realidade familiar e suas interfaces com a escola, uma vez que, esta relação constitui fator importante no sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**: Versão Resumida. Brasília: UNESCO, 2003. 88 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

Brasil. **Número de famílias sob responsabilidade exclusiva de mulheres aumentou 37,3%**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/10/numero-de-familias-sob-responsabilidade-exclusiva-de-ulheres-passou-para-37-3>> Acessado dia 10 de fevereiro de 2015.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, Maria A.; GUERRA, Viviane N.de A. (orgs.). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-79.

CAYRES, Elizabeth C. **D.A Família Brasileira no contexto histórico e cultural**. Conselheiros de defesa dos direitos da criança e do adolescente e Fundo Municipal de defesa dos direitos da criança e do adolescente. Macaé: ERA, 2000.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, ano 4, nº. 8, p.434-435 jul./dez 2002.

DESSEN, Maria Auxiliadora and POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2007, vol.17, n.36, pp. 21-32. ISSN 1982-4327. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>.

DESSEN, M. A. & Costa Jr., A.L. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

DESSEN, M. A; SILVA, N. A. Questões de Família e Desenvolvimento e a Prática de Pesquisa, **Psic.: Teor. e Pesq.**, v.16, n. 3, p. 191- 292, Set-Dez 2000.

LISBOA, V. A. V. B. **O jogo e seus múltiplos olhares: Perspectivas da família e da escola e suas interações na prática educativa**. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 2008.

MALAVASI, Maria Marcia Sigrist. **Os pais e a vida escolar dos filhos**-Campinas, SP: 2000.

OLIVEIRA, B. E. Cynthia, MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria, A Relação Família-Escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n.1, p. 99-108, janeiro-março 2010.

RIBEIRO, Figueiredo Daniela, A Assimetria na Relação entre Família e Escola Pública; **Paidéia**, v.16, n.35, p. 385-394, 2006.

RICE, A. S.; TUCKER, S. M. **Family management**. 6. ed. New York: Mac Millan Publishing, 1969.

SALLES L.M.F; SILVA J. M. A. P. Família e Escola interfaces da violência escolar
São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa. **Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola** Disponível no site:
<http://www.necfebf.uerj.br/boletins/boletim012011index-arquivos/heloisaSzymanski.pdf>. >Acessado 11 de janeiro de 2015.

SZYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 71, p. 9-25, set. 2002.

ZAMBERLAN, O. Cristina, **Os novos paradigmas da Família Contemporânea: Uma Perspectiva Interdisciplinar**, Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é fruto de uma inquietação, movida por preocupação profissional, em face à intensificação da violência escolar. Considera-se que, diante das formas como a violência se apresenta na escola, é urgente a necessidade de uma reflexão sobre este assunto, para que não sejam desenvolvidas ações pontuais e descontínuas, como tem sido, muitas das vezes, proposto nas medidas das políticas públicas de combate à violência escolar. Buscou-se, assim, compreender os sentidos, significados e implicações da violência escolar, a partir das percepções das famílias e da escola.

As relações estabelecidas entre jovens, professores e famílias, no âmbito das escolas, não vem favorecendo o desenvolvimento do trabalho educacional. A diversidade de novas formas de interação presente no cotidiano escolar, tem modificado de forma rápida em relação a geração passada. Os meios de comunicações mostram diariamente diversos tipos de violências contra bens e pessoas, o que, de certa forma, naturaliza a situação. Este problema reflete no dia a dia da escola, produzindo um clima de ameaças e agressões. A prática de comportamentos violentos entre os sujeitos que convivem nas escolas gera um sentimento de insegurança, tornando a escola um lugar onde as pessoas não se sentem à vontade para desenvolver o seu trabalho, prejudicando o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, o que, conseqüentemente, vem gerando indisciplina e violência escolar.

Existe na literatura uma diversidade de autores, que discutem sobre a intensificação e complexidade da violência escolar, bem como as diferentes formas que o fenômeno apresenta: física, verbal, simbólica, psicológica e institucional. As conceituações das formas não apresentam diferenças significativas. A distinção ocorre quando relacionado à área de estudo, como antropologia, sociologia e psicologia. Reconhe-se que não se trata de uma situação nova a questão da violência escolar, estando os primeiros trabalhos associados com o mapeamento e quantificação das ocorrências nas escolas, tendo como foco a preocupação com a segurança e a questão da democracia na escola. Algumas bases teóricas, têm se destacado e fundamentado as análises e as investigações empíricas sobre a violência escolar, como é o caso

de Charlot (2002), que caracteriza a violência escolar nas seguintes dimensões: violência na escola, violência à escola e violência da escola. Destaca-se a ocorrência das “incivilidades”, que seriam as micro violências, que por serem cotidianas tornam-se invisíveis, adquirindo potencial extremamente nocivo às relações, com prejuízos para aprendizagem e sistema educacional.

Não há, portanto, como negar que a violência escolar é uma realidade concreta, além de constituir, problema nas escolas do Município de Muriaé. O estudo apresentou a necessidade de uma estrutura física e pedagógica mais adequada para a escola investigada, assim como, a presença de violência em seu entorno e a ausência de investimentos sociais e econômicos na comunidade, o que contribui para a manutenção e aumento da violência dentro e fora do âmbito escolar.

Na percepção dos professores, a violência é algo real na escola, sendo suas formas mais explícitas as ameaças e agressões verbais, assim como, as violências físicas entre alunos. Consideram que a falta de respeito e a educação principalmente a que deveria ser dada pela família são os principais geradores deste problema. Afirmam que a violência na escola está naturalizada, e que muitos atos violentos deixam de ter uma intervenção necessária.

Um ponto relevante no estudo é que os professores não percebem a deslegitimação da escola como meio de ascensão social; assim como, não apontam a violência institucional exercida pela escola como desencadeadora do problema ou seja, não relacionam os fatores, como a falta de interesse e de compromisso dos alunos, com a forma como a escola se organiza, com o clima escolar, a prática pedagógica e o espaço físico.

Na percepção da escola a violência interfere na a aprendizagem dos alunos e na motivação para o trabalho docente, sendo a família responsabilizada pela atual violência escolar. A falta de interesse dos pais ou responsáveis pelos filhos, a ausência destes nas atividades da escola e o nível cultural e social onde vivem são percebidos pelos professores, como determinantes da forma do aluno se comportar na escola.

Por outro lado na perspectiva dos alunos, tanto os alunos quando os professores sofrem e provocam violências, apontando a falta de respeito e de

educação como elementos decisivos da violência, declarando sofrer preconceito e bullying. Existe, portanto uma cultura escolar de “brincadeiras bobas e de mal gosto”, que acabam, na maioria das vezes, em cenas de violências. Os registros de ocorrências de violência feitos pela escola vão ao encontro com estas percepções, pois foi possível constatar atitudes de confrontos entre os alunos e entre professores e alunos, principalmente dentro da sala de aula.

Ao direcionar a pesquisa para as percepções das famílias, estas acreditam que a escola é uma instituição importante, sendo vista como um lugar de apoio para seus filhos, mas não conseguem explicar o significado da violência na escola e nem numerar as implicações desta na vida escolar de seus filhos, gerando uma dissonância em relação a percepção dos professores sobre a família. A participação destas nas atividades da escola, é limitada restringindo às reuniões entrega de boletins. Nesse sentido, as famílias não possuem uma consciência crítica em relação à sua participação na escola, não compreendendo como a indisciplina e a violência cotidiana limitam o direito de aprendizagem de seus filhos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica – 9394/96 (LDB) deixa clara a importância da família na escola quando afirma em seu artigo 2º: que a educação é dever primeiramente da família e posteriormente, do estado, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, e sua qualificação para o trabalho ou seja, a educação é um processo contínuo que inicia com a família, cabendo a esta acompanhar e participar do desenvolvimento e crescimento de suas crianças, incluindo o processo educativo. Nesse sentido, caberia à escola promover diálogos que possibilitassem discussões com a comunidade escolar para que esta possa refletir sobre suas atitudes, descobrindo suas potencialidades e seus limites, fortalecendo assim a relação entre escola e família, o que é vista como essencial para o processo educativo dos alunos. Assim, a família pode e deve contribuir para a disciplina na escola e, conseqüentemente, a redução da violência escolar.

Entretanto, o grande desafio que se apresenta hoje para a escola é conseguir estabelecer um diálogo e uma prática que institua o respeito entre profissionais da escola, alunos e famílias, de forma a favorecer uma relação saudável e menos conflituosa. É importante que se intervenha na problemática

da violência na escola relacionando-a a outros tipos de violências determinadas pelas condições estruturais da sociedade. A violência dos alunos não pode ser compreendida a não ser que seja situada em seu contexto social e cultural. Não se pode correr o risco de acreditar que a “família destruturada”, “o aluno carente” são os únicos culpados pela violência escolar, esquecendo-se que a organização da sociedade em classes sociais interfere de forma direta nas relações que são estabelecidas entre as diversas instituições. O social constitui o subjetivo das pessoas e interfere na forma como elas se relacionam e convivem com os seus pares.

Nesse sentido, não se pode ter uma visão limitada sobre o problema. É necessário a elaboração de uma proposta de intervenção que tenha como finalidade diminuir e prevenir a violência na escola, envolvendo todos os membros da comunidade escolar. Os programas institucionais e projetos escolares já desenvolvidos com esta finalidade, embora importantes, são insuficientes, por conceber a violência como um fenômeno localizado e específico de um determinado espaço e pessoas. Assim, é importante que os programas de prevenção à violência ampliem a reflexão sobre as variáveis que geram a violência escolar, incorporando reflexões sobre as condições concretas de vida das pessoas e suas diversidades. Considera-se que tanto o poder público, através da Promotoria da Infância e da Juventude, o Conselho Tutelar, Secretarias de Educação e Serviço Social; quanto os gestores escolares; órgãos deliberativos, como o Conselho escolar, Associação de Pais Mestres e Funcionários, Grêmios Estudantil, além da família, precisam agir em conjunto, reconhecendo que a violência escolar é um fenômeno multifacetado, discutindo e implementando ações que realmente transformem as atitudes e pensamentos de quem pratica a violência no ambiente escolar.

É preciso um movimento em conjunto para que ocorram mudanças, de forma a assegurar um ambiente propício e profícuo para a formação integral dos alunos, que possa prepará-los para uma vida em sociedade, onde o respeito às diferenças, a responsabilidade com as coisas do mundo e a solidariedade sejam balizadores das relações estabelecidas. Palavras educam, atitudes mudam o mundo, como diz Paulo Freire (2008, p. 90): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”